



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - IFCHS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E
CULTURA NA AMAZÔNIA - PPGSCA**

KELCIMAR SABOIA PEREIRA

**História e memória da Comunidade Nossa Senhora de Fátima do
Rio Negro**

Manaus – AM
2024

KELCIMAR SABOIA PEREIRA

**História e memória da Comunidade Nossa Senhora de Fátima do
Rio Negro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Linha de Pesquisa 02: Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

Orientadora: Profa. Dra. Marilene Corrêa da Silva Freitas.

Manaus – AM
2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a).

P436h Pereira, Kelcimar Saboia
História e memória da Comunidade Nossa Senhora de
Fátima do Rio Negro / Kelcimar Saboia Pereira .2024
184 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Marilene Corrêa da Silva Freitas
Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na
Amazônia) -Universidade Federal do Amazonas.

1. História. 2. Memória. 3. Amazônia. 4. Amazonas. 5.
Comunidade Nossa Senhora de Fátima do rio Negro. I. Freitas,
Marilene Corrêa da Silva. II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

DEDICATÓRIA

*Dedico este trabalho à minha família, meu combustível:
Cíntia Bastos Saboia – esposa; Abner Bastos Saboia –
minha herança; Maria Ivanete Ribeiro Saboia – mãe;
Antônio Bezerra Pereira (in memoriam) – pai; Astrogildo
Saboia dos Santos (in memoriam) – avô.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me sustentado, me dando força para enfrentar as adversidades da vida, alimentando meu corpo, minha alma e meu espírito.

Agradeço a minha família: minha esposa Cíntia e o meu filho Abner, por todo amor, carinho afeto e dedicação; por acreditarem em mim, por me tirarem do comodismo e por me fazerem buscar ser um ser humano melhor a cada dia.

Aos moradores da comunidade de Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro, por me receberem de portas abertas em suas casas, por me ofertarem um prato de comida, um copo com água, a sombra de suas árvores, as redes armadas nos quintais para um pequeno e necessário descanso. Eterna Gratidão!

Agradeço a dona Ana Cristina Gomes Coelho e ao senhor José Raimundo Pereira Dutra, pelas vezes que me acolheram em sua casa para que eu pudesse fazer a pesquisa de campo. Obrigado por todo apoio.

Agradeço ao professor Robson Melo pelas corridas de motocicleta pela comunidade para me levar até as casas dos moradores que participaram das entrevistas e pela hospedagem em sua residência.

A minha orientadora, prof.^a Dra. Marilene Corrêa da Silva de Freitas, por toda paciência e por nunca desistir de mim, pelos conselhos, pelo exemplo de humildade e conhecimento a ser seguido.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, pelas aulas maravilhosas, pelas leituras e partilha de conhecimento.

Agradeço a minha sogra, Maria das Dores Dantas, por me deixar estudar em sua casa, me alimentar, e alimentar em mim a capacidade de terminar essa pesquisa.

Agradeço a Luana Corrêa por sentar comigo e me aconselhar a seguir com o mestrado. Eterna gratidão minha amiga!

Agradeço ao professor Caio, coordenador do Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia – PPGSCA, por me dar a oportunidade de concluir meu mestrado.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01 - Mapa da Amazônia
- Figura 02 - Mapa do Estado do Amazonas
- Figura 03 - Mapa populacional do Estado do Amazonas
- Figura 04 - Mapa da Região Metropolitana de Manaus
- Figura 05 - Mapa populacional de Manaus
- Figura 06 - Visão aérea da Cidade Flutuante no Rio Negro.
- Figura 07 - A Cidade Flutuante
- Figura 08 - Canoa de Toldo de Palha
- Figura 09 - Canoa de Toldo de Palha semelhante a da família do senhor Romildo Gonçalves
- Figura 10 - Ajuri dos moradores para abrir as ruas e estrada da comunidade
- Figura 11 - Primeira rua da Comunidade Nossa Senhora de Fátima
- Figura 12 - Ficha de Cadastro de associados
- Figura 14 - Carnê de pagamento dos associados
- Figura 15 - Grupo escolar Tarumãzinho
- Figura 16 - Escola Municipal José Sobreira do Nascimento
- Figura. 17 - Área externa da escola
- Figura. 18 - Igreja de São José Operário
- Figura 19 - Sede do primeiro posto de saúde da comunidade
- Figura 20 - Casa policial
- Figura 21 - Área de estudo na Comunidade Nossa Senhora de Fátima
- Figura 22 - Percurso por via terrestre para chegar à comunidade
- Figura 23 - Estrada da cooperativa
- Figura 24 - Rua principal da comunidade
- Figura 25 - Porto da marina do Davi em tempo de cheia
- Figura 26 - Lancha da Acandaf transportando passageiros para a comunidade
- Figura 27 - Porto Marina do Davi na vazante que se inicia em agosto
- Figura 28 - Marina do Davi na seca de 2023
- Figura 29 - Porto principal da Comunidade
- Figura 30 - Porto da Comunidade Nossa Senhora de Fátima durante a seca

Figura 31 - Escola Municipal José Sobreira do Nascimento depois da reforma e ampliação

Figura 32 - Posto de combate as endemias

Figura 33 - Posto de saúde da comunidade Nossa Senhora de Fátima

Figura. 34 - Igreja de São José Operário

Figura 35 - Igreja Adventista do Sétimo Dia

Figura 36 - Sede da Associação dos moradores

Figura 37 - Ata de pedido de policiamento para a comunidade

Figura 38 - Posto policial da comunidade

Figura 39 - Moradores cavando buraco para colocar a caixa d'água

Figura 40 - Agricultor torrando farinha

Figura 41 - Agricultor limpando roçado

Figura 42 - Produtor de banana

Figura 43 - Motorista do ônibus escolar transportando alunos no período da seca

Figura 44 - Morador andando de motocicleta

Figura 45 - Embarcações e carros no porto da comunidade

Figura 46 - Quadra esportiva da associação de moradores

Figura 47 - Campo de futebol

Figura 48 - Praia da Lua

Figura 49 - Bauneário do Buriti

Figura 50 - Lixeira de via pública

Figura 51 - Balsa coletora de lixo das comunidades do Rio Negro

Figura 52 - Caixa d'água da comunidade

Figura 53 - Caixa d'água das casas

Figura 54 - Mercadinho Beija-flor

Figura 55 - Mercadinho J. Y

Figura 56 - Casa flutuante

Figura 57 - Casa de alvenaria construída na comunidade

Figura 58 - Casa de morador de sítio

Figura 59 - Fogão à lenha de casa de sítio

Figura 60 - Casa de farinha

Figura 61 - Igarapé Tarumã-mirim durante a seca

Figura 62 - Boto morto devido à seca do rio Negro em 2023

Figura 63 - Igarapé Tarumã-açu durante a seca de 2023

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Estudos realizados na Comunidade nossa Senhora de Fátima do Rio Negro

Quadro 02 - Lista de entrevistados

LISTA DE SIGLAS

ACANDAF: Associação dos Canoeiros Fluviais da Marina do Davi

SEMSA: Secretaria Municipal de Saúde de Manaus

SEMED: Secretaria Municipal de Educação de Manaus

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas

LDBEN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

CMA: Comando Militar da Amazônia

EMJSN: Escola Municipal José Sobreira do Nascimento

CPPR: Cooperativa do Produtores Rurais do Pau Rosa

SEPROR: Secretaria de Estado da Produção Rural

IDAM: Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas

CME: Conselho Municipal de Educação do Município de Manaus

RESUMO

O ser humano sempre teve a necessidade de deixar registros de sua história de vida e fez isso quando desenhou em paredes de cavernas, no período paleolítico, há 40.000 a.C. Um homem sem registros é um homem sem história, sem identidade, sem memórias para as gerações futuras. O indivíduo que narra sua história, afirma e estabelece sua existência para seus descendentes, marca em si um ponto de referência quanto a sua época de vida. A presente pesquisa tem como objetivo geral, registrar a história e a memória da Comunidade Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro, a partir das memórias dos moradores deste lugar através de entrevistas realizadas durante as visitas à comunidade além de: Inventariar estudos sobre a comunidade em foco e compreender a razão pelo qual os moradores desconhecem essas contribuições; Compreender, interpretar e registrar as narrativas que relatam a história e a memória da Comunidade e de seus processos de criação.

É uma pesquisa de campo de cunho qualitativo e interdisciplinar. É qualitativa por buscar compreender aspectos subjetivos dos sujeitos tais como: visão, comportamentos, preferências, pensamentos entre outros. É interdisciplinar por permear pelo universo de várias disciplinas, a saber: a geografia, utilizada para localização, mapeamento, características físicas e sociais da população; a história, para entender e saber como a comunidade surgiu, quais foram os primeiros moradores; a ciência, por meio da ecologia, foi utilizada para demonstrar como ocorre a interação entre os indivíduos e o seu meio físico; a psicologia, em especial, a neurociência cognitiva para entender os processos da memória; a pedagogia, em relação ao processo de educação escolar; e a filosofia, quanto ao estudo do corpo relacionado ao trabalho. A pesquisa está norteadas nos pressupostos teóricos de estudos e pesquisas de: Freitas, (2012); Lakatos (2017) Benchimol (2009); Ecléa Bosi (1994); Le Goff (1990); Paul Thompson (2006); Wagley (1959); Noberth Elias e Eric Dunning (1939,1984, 1986); Souza (2021), Santana (2015); Matos (2015); Davidoff (2001); e outros. . Através desta pesquisa foi possível perceber que a comunidade tem perdido as configurações, adquirindo características de bairro. O ajuri, mais conhecido como mutirão não acontece mais; as trocas que havia sobre os alimentos é algo que também pouco vimos, antes, um morador ao matar uma caça ou pegar peixes, por exemplo, ao chegar, dividia a carne ou o peixe com o seu vizinho, agora

essas coisas são vendidas; os moradores mais velhos estão saindo da comunidade e adentrado os vicinais em busca de sossego, silêncio e uma forma de viver como se vivia no início da comunidade; foi percebido ainda que os registros da história da comunidade estavam nas fotografias, nas casas, nas falas, nos documentos e na memória dos mais velhos.

Palavras-chave: História; Memória; Amazônia; Amazonas; Comunidade Nossa Senhora de Fátima do rio Negro.

SUMMARY

Human beings have always had the need to leave records of their life history and they did this when they drew on cave walls, in the Paleolithic period, 40,000 BC. A man without records is a man without history, without identity, without memories for generations future ones. The individual who narrates his story, affirms and establishes his existence for his descendants, marks himself a point of reference regarding his period of life. The present research has the general objective of recording the history and memory of the Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro Community, based on the memories of the residents of this place through interviews carried out during visits to the community in addition to: Inventorying studies on the community in focus and understand why residents are unaware of these contributions; Understand, interpret and record the narratives that tell the history and memory of the Community and its creation processes. It is qualitative and interdisciplinary field research. It is qualitative as it seeks to understand subjective aspects of subjects such as: vision, behaviors, preferences, thoughts, among others.

And it is interdisciplinary as it permeates the universe of several disciplines, namely: geography, used for location, mapping, physical and social characteristics of the population; the history, to understand and know how the community emerged, who were the first residents; science, through ecology, was used to demonstrate how the interaction between individuals and their physical environment occurs; psychology, in particular, cognitive neuroscience to understand memory processes; pedagogy, in relation to the school education process; and philosophy, regarding the study of the body related to work. The research is guided by the theoretical assumptions of studies and research by: Freitas, (2012); Lakatos (2017) Benchimol (2009); Ecléa Bosi (1994); Le Goff (1990); Paul Thompson (2006); Wagley (1969); Noberth Elias and Eric Dunning, (1939, 1984, 1986); Paulo Freire (1967); Souza (2021), Santana (2015); Matos (2015); Joaquim Justino Moura dos Santos (1991); Jackeline de Araújo Barino, (2019); and others. . Through this research it was possible to notice that the community has lost its configurations, acquiring neighborhood characteristics. The ajuri, better known as joint effort, no longer happens; the exchanges that took place over food is something that we have also rarely seen, before, a resident when killing game or catching fish, for example, when you arrived, you shared the meat or fish with your neighbor, now these things are sold; older residents are leaving the community and

entering the neighborhoods in search of peace, silence and a way of living as people lived at the beginning of the community; It was also noticed that the records of the community's history were in the photographs, in the houses, in the speeches, in the documents and in the memories of the elders.

Keywords: History; Memory; Amazonia; Amazonas; Community of Our Lady of Fátima on the Rio Negro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – FORMAÇÃO GEOGRÁFICA E POPULACIONAL DA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA DO RIO NEGRO	28
1.1 A Amazônia, o Estado do Amazonas e Manaus: geografia e população	28
1.2 A cidade Flutuante, contexto e um breve histórico	32
CAPÍTULO 2 – E FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU: HISTÓRIA E AS MEMÓRIAS DO LUGAR ESTUDADO	39
2.1 História: conceitos e um breve histórico	39
2.2 A fundação da comunidade	40
2.3 Memória: um lugar de armazenamento, codificação e recuperação	42
2.4 A memória do lugar a partir dos moradores	46
2.5 A primeira escola da comunidade	55
2.6 A primeira igreja da comunidade	61
2.7 O processo de construção do posto de saúde	63
2.8 O posto policial da comunidade	65
CAPÍTULO 3 – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA DO RIO NEGRO NOS TEMPOS ATUAIS	67
3.1 As características físicas da comunidade	67
3.2 Do acesso por via terrestre à comunidade	68
3.3 Do acesso por via fluvial à comunidade	71
3.4 As características sociais da comunidade	75
3.5 A educação escolar na comunidade	80
3.6 O posto de saúde e combate às endemias.....	82
3.7 A religião e as igreja da comunidade	83
3.8 A associação de moradores	86
3.9 A segurança na comunidade.....	87
3.10 A divisão do trabalho	88
3.11 Os meios de transporte usados na comunidade	92
3.12 Os espaços de lazer na comunidade	95

3.13 O lixo na comunidade	100
3.14 O abastecimento de água	102
3.15 As figurações do comércio local	104
3.16 As características das moradias	105
3.17 A seca de 2023.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
Apêndice	117
Anexos	157
REFERÊNCIAS	183

INTRODUÇÃO

O ser humano sempre teve a necessidade de deixar registros de sua história de vida e fez isso quando desenhou em paredes de cavernas. Um homem sem registros é um homem sem história, sem identidade, sem memórias para as gerações futuras. O indivíduo que narra sua história, afirma e estabelece sua existência para seus descendentes, marca em si um ponto de referência quanto a sua época de vida. E partindo desse pensamento foi que surgiu as questões norteadoras deste trabalho: Como surgiu a Comunidade Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro? Seus moradores sabem sobre o surgimento dela? Onde está registrada sua história?

O presente trabalho é uma pesquisa de campo de cunho qualitativo e interdisciplinar. É qualitativa por buscar compreender aspectos subjetivos dos sujeitos tais como: visão, comportamentos, preferências, pensamentos entre outros. E é interdisciplinar por permear pelo universo de várias disciplinas, a saber: a geografia, utilizada para localização, mapeamento, características físicas e sociais da população; a história, para entender e saber como a comunidade surgiu, quais foram os primeiros moradores; a ciência, por meio da ecologia, foi utilizada para demonstrar como ocorre a interação entre os indivíduos e o seu meio físico; a psicologia, em especial, a neurociência cognitiva para entender os processos da memória; a pedagogia, em relação ao processo de educação escolar; e a filosofia, quanto ao estudo do corpo relacionado ao trabalho. Após essa contextualização sobre o tema chegamos no título da dissertação: História e memória da Comunidade Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro que tem como objetivo geral: Registrar a história e a memória da Comunidade Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro a partir das memórias dos moradores deste lugar através de entrevistas realizadas durante as visitas à comunidade.; inventariar estudos sobre a comunidade em foco e compreender a razão pelo qual os moradores desconhecem essas contribuições; Compreender, interpretar e registrar as narrativas que relatam a história e a memória da Comunidade e de seus processos de criação.

O tema escolhido para a pesquisa está diretamente relacionado comigo, pois todos os dias, no Seringal Terra Firme do Paciá, ao entardecer do dia, depois de um longo e cansativo dia de trabalho, tomávamos banhos e íamos para um banco que meu avô Astrogildo Saboia dos Santos construiu próximo à beira do barranco para olharmos o pôr-do-sol, as águas do rio descer e ouvir suas histórias. Dentre as

histórias contada por ele, a que eu mais gostava era a história de como iniciou a Cidade de Lábrea, e mais uma vez foi despertada a curiosidade em saber mais sobre a comunidade pesquisada.

O primeiro registro na vida de um ser humano é o registro de nascimento, nele consta sua identidade, o dia e o local em que nasceu, quem são seus pais e seus avós, mas quando não tem esse registro é como se não houvesse existência. Segundo Elio Lodolini (1990):

[...] desde a mais alta Antiguidade, o homem demonstrou a necessidade de conservar sua própria “memória” inicialmente sob a forma oral, depois sob a forma de grafite e desenhos e, enfim, graças a um sistema codificado... A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem os arquivos (LODOLINI, 1990, p. 4).

Mas para registrar, é preciso de um suporte e o instrumento que fará o registro, a exemplo temos o livro e a impressão. Segundo Evanildo Bechara (2011, p.12), “o suporte é uma peça que sustenta algo, é uma base. Assim, vários foram os suportes utilizados pelo homem para seus desenhos, suas primeiras letras, palavras e números”. Esses suportes passam por constantes transformações ao longo da história e evolução da humanidade até chegar ao que existe de mais moderno até o presente momento, o suporte eletrônico.

Embora no século XXI haja tantos tipos de possibilidades de registros, alguns lugares no Estado do Amazonas não têm registrado sua história, logo, de seu povo também, apenas possuem um ato de criação. Nesses lugares, esses registros até existem, mas não escrito, somente na memória dos mais velhos, sim, a memória é um suporte, no entanto, não permanece para sempre, o próprio tempo se encarrega de apagá-la, sendo por esquecimento, ou pela perda de quem a carrega.

No ano de 2019, enquanto ministrava um conteúdo de história, “O lugar onde eu vivo” para a turma do 3º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal José Sobreira do Nascimento, perguntei aos discentes se alguém saberia me falar sobre como começou a comunidade, e um silêncio tomou conta da sala de aula, pois nenhum deles soube responder.

A sala de aula é um laboratório rico para o professor, basta ter um olhar voltado para a pesquisa. naquele instante surgiu um questionamento, será que os mais velhos

não estariam mais contando a história da comunidade para as crianças? O que estaria acontecendo? Foi então que notei que agora eu tinha um problema em minhas mãos.

Enquanto a criança conversa com os mais velhos ela é preparada para a vida, é ensinada sobre o medo, sobre o respeito, sobre os valores da vida e sobre a importância de se manter viva a história de vida da família. Geralmente, é o mais velho que passa ao mais novo, misturando as histórias da comunidade às histórias da própria vida.

No entanto, no ano de 2021, dialogando com alguns moradores e com o presidente da Associação de Moradores da Comunidade Nossa Senhora de Fátima, o senhor José Iran, após algumas indagações acerca de como se deu o processo de formação da comunidade, quem foi o fundador e se havia algo escrito que falasse sobre a história e memória do lugar, eles relataram que apesar de haver estudos sobre a comunidade, desconheciam se alguém já havia estudado sobre a história e memória da comunidade, segundo eles, era algo que precisaria ser mais estudado para que as futuras gerações pudessem ter acesso a materiais impressos, disponíveis, na associação de moradores e na escola da comunidade.

Para a apresentação do projeto à comunidade, primeiramente visitamos a comunidade e conversamos com o presidente da Associação de Moradores da comunidade, na oportunidade, verificamos a possibilidade de reunirmos com eles para que tomassem ciência do projeto a ser desenvolvido. Nesta reunião, relatamos a importância em contribuir com os relatos sobre a história e memórias do lugar, fizemos o convite para eles participarem da pesquisa de forma espontânea e voluntária, anotamos os nomes e endereços deles. Posteriormente, reunimos como os moradores que participaram das entrevistas para orientação, agendamento e dinâmica das entrevistas. Visitamos a casa desses moradores para uma conversa, na qual apresentamos novamente a proposta da pesquisa e falamos da importância da participação deles para a realização dela.

Essa participação é de forma espontânea e voluntária, que de acordo com Paul Thompson (2006):

Deve haver um formulário de consentimento que traz uma descrição do projeto, apenas umas cinco linhas, onde se lê a pergunta: “você autoriza que se utilize esta entrevista junto com o projeto?” Essa é a primeira pergunta. A segunda é: “você permite que seja arquivada para que outras pessoas a utilizem?” E a terceira: “você gostaria que seu nome fosse utilizado ou não?” Se o entrevistado assinar um

formulário como este, o problema estará resolvido (THOMPSON, 2006. p. 39).

Então, produzimos um questionário com a finalidade de organizarmos um roteiro para o entrevistado seguir. Deste modo, pudemos obter mais facilidade para organizar os dados. Antônio Carlos Gil (1999), afirma que o questionário pode ser definido como:

a técnica de investigação composta por um número mais, ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (GIL, 1999, p.128)

Esse questionário foi baseado na temática da pesquisa, contendo perguntas e respostas objetivas. Após a aplicação dele, foram realizadas as entrevistas, gravadas em áudio e/ou vídeo. Fizemos perguntas sobre a história da comunidade, utilizando gravador de áudio, celular e filmadora para o registro das entrevistas. Estas com data e local agendado previamente, de preferência na casa do morador ou em locais abertos.

A coleta de dados se foi realizada através de entrevistas, questionário com perguntas objetivas e fechadas na qual lemos as perguntas e as opções de resposta para o entrevistado e marcamos no questionário a opção pelo entrevistado. Após a aplicação do questionário foi realizado as entrevistas gravadas em áudio e vídeo.

Os dados coletados foram estruturados, analisados e descritos por meio de texto. Na entrevista fizemos perguntas sobre a história e memórias da Comunidade, e utilizando uma filmadora farei os registros dessas entrevistas. Sobre filmadora, Salles (2005) descreve como era esse equipamento.

Era o sistema *Vitaphone*, [...] uma enorme e desajeitada máquina de projeção que imortalizou o filme *The Jazz Singer* (1927), com Al Jhonson, se utilizando de um disco de 78 rotações, [...]. Suas inconveniências eram grandes, a baixa qualidade da amplificação da época, o chiado do disco e a eminente possibilidade de o disco riscar com o tempo e tirar o filme de sincronismo. Mas foi um sistema pioneiro [...] que agora poderia incluir não só música, mas também diálogos e ruídos (SALLES, 2005, s/p).

A análise e interpretação dos dados foram feitas com base nas entrevistas coletadas através de formulários, questionários, entrevistas e gravações. Já o processo de registro se deu do seguinte modo: foram retiradas as narrativas do formato em áudio e passada para a forma escrita, foi impressa em suporte em papel A4 de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT. Sobre arquivo Jacques Derrida (2001) diz que:

a palavra arquivo carrega em si a memória do nome arkhê, dois princípios: o início e a direção. Este é o início fonológico, ou seja, o espaço a partir de onde é dada a ordem, onde as criaturas e as divindades conduzem. Já aquele, o início físico, histórico ou ontológico: onde as coisas principiam. (DERRIDA, 2001, p.12)

O arquivo é uma das formas de assegurar os registros, a fotografia por exemplo, se guardada em lugar seguro, pode durar por muitos anos, passando de geração em geração.

Ecléa Bosi, em Memória e sociedade: Lembranças dos velhos (1994) afirma que:

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida das pessoas de idade que tornaram parte da sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. (BOSI, 1994, p. 73)

Enquanto os velhos conversam com as crianças eles estão ensinando valores, crenças, limites baseados nas vivências e experiências de suas vidas.

Para tanto, constituiu-se entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas – aquelas realizadas no momento da entrevista a fim de fechar lacunas deixadas pelo entrevistado, segundo Antônio Joaquim Severino (2007):

é a técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas ao sujeito pesquisado”. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e entrevistado; e fechadas – as que são elaboradas antecipadamente. (SEVERINO, 2007, p.124 - 125)

Foram entrevistados dez moradores, cujo critério de seleção foi a idade – entre 11 e 81 anos; dessas entrevistas foram coletadas narrativas da história de vida desses participantes.

Quadro 2: Lista dos entrevistados

QUADRO DE ENTREVISTADOS		
Classificação	Gênero	Idade
Entrevistado 1	Masculino	67anos
Entrevistado 2	Masculino	81 anos
Entrevistado 3	Masculino	65 anos
Entrevistado 4	Feminino	63 anos
Entrevistado 5	Feminino	59 anos
Entrevistado 6	Masculino	55 anos
Entrevistado 7	Feminino	43 anos
Entrevistado 8	Feminino	31 anos
Entrevistado 9	Masculino	13 anos
Entrevistado 10	Masculino	11 anos

Fonte: Produção do pesquisador

A partir delas, verificamos o processo de surgimento da comunidade; o antes e depois do decreto do ato de criação; sua formação até os dias de hoje; perceber como se dá a passagem de sua história – dos mais velhos para os mais novos; além das mudanças nos costumes sofridas com o passar do tempo.

A temática a ser estudada justifica-se pela necessidade de deixar registros escritos da história e memória da comunidade para as gerações futuras, uma vez que as pessoas mais velhas estão morrendo e levando consigo a história desse lugar.

Para esta pesquisa foram selecionadas diversas obras que julgamos ser indispensáveis para o desenvolvimento desta investigação acadêmica.

A pesquisa está norteadada nos pressupostos teóricos de estudos e pesquisas de:

Professora Doutora Marilene Corrêa da Silva Freitas, pelo fato de a autora ser pesquisadora na área de Sociologia interdisciplinar, com ênfase em Sociologia Clássica e Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: Amazônia, pensamento social, políticas públicas, política científica, teoria sociológica, desenvolvimento socioeconômico. Esta contribuição dar-se-á, sobretudo na orientação de estudos, na direção da pesquisa documental e de campo, e ainda nas dimensões morfológicas a serem privilegiadas. Dentre seus escritos "*Metamorfoses*

da Amazônia" (1999) servirá de norte para entender a comunidade estudada, no âmbito da globalização. Já a obra "*O Paiz do Amazonas*" (2012) servirá de sustentação para análise dos conflitos vividos na comunidade em que pesquisei.

Professora Doutora Eva Maria Lakatos, pelo fato de a autora ser pesquisadora em Metodologia do trabalho científico, Sociologia geral e Técnicas de pesquisa dentre suas obras está a *Fundamentos de Metodologia Científica*, publicados pela Atlas no ano de 2017, servem de base quanto ao tipo de pesquisa.

O meu olhar para comunidade dá-se por meio do trabalho que desenvolvo na escola e, portanto, nela encontro conexão imediata com o conhecimento ou a ausência de conhecimento sobre o contexto de formação do lugar, no caso a Comunidade Nossa Senhora de Fátima.

Professor Doutor Samuel Isaac Benchimol, pelo fato deste ser referência no que diz respeito aos estudos sobre o homem que vive, abordado na obra *Amazônia: formação social e cultural* (2009).

Professora Doutora, Ecléa Bosi, pelo fato da autora ter desenvolvido estudos na área da Psicologia do Fenômenos Histórico-culturais da memória e sociedade nos quais aborda de forma recorrente temas como cultura e memória social na velhice na obra intitulada *Memória e sociedade: Lembranças dos velhos* (1994), onde trata da importância que em ouvirmos as histórias dos mais velhos.

Já Jacques Le Goff, historiador de ofício, por ser considerado um dos maiores medievalistas do mundo, se destacou nas últimas décadas com o movimento da Nova História a partir dos anos de 1970, influenciando o fazer histórico de gerações, e que também aborda o tema memória.

Paul Thompson é Professor Emérito de Sociologia da Universidade de Essex, na Inglaterra, é um dos pioneiros da História Oral, e autor de diversas obras sobre o tema, entre elas a *Histórias de vida como patrimônio da Humanidade* (2006).

Professora Doutora Shirley Cintra Portela de Sá Peixoto, pelo fato de a autora desenvolver pesquisas na área das Ciências Sociais Aplicadas, etnográfica, sociocultural, socioambiental e turismo de base comunitária no Rio Negro.

Wagley Charles, antropólogo, por ser um pioneiro no desenvolvimento da antropologia brasileira, com a obra "*Uma Comunidade amazônica: estudo do homem no trópico*" (1969), que auxiliou no entendimento acerca dos conceitos sobre as comunidades amazônicas.

Joaquim Justino Moura dos Santos é Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Desenvolve pesquisas na linha de Cultura, Poder e representações; História regional do Brasil; Estudo da história, da memória e das identidades sociais e culturais dos lugares do subúrbio carioca; História regional: História e identidade social; História do lugar, Método de pesquisa e ensino de história; Lugares da história na história do lugar. Dentre suas obras está a *História do lugar: reflexões sobre um método de estudo da história social urbana e sua produção e ensino nas escolas de 1º, 2º e 3º graus* (1991).

Jackeline de Araújo Barino, professora Especialista em História, desenvolveu a pesquisa “Memória coletiva e individual: meios de preservação da história” (2019).

Nobberth Elias e Eric Dunning, sociólogos, com suas obras como: “O processo civilizador” (1939) para analisar como é o comportamento dos moradores; “Sobre o tempo” (1984), para analisar como é tempo na comunidade; e “A Busca da excitação” (1986), como é o lazer na comunidade.

A estrutura da Dissertação está organizada da seguinte forma: O primeiro capítulo intitulado “*A Formação Geográfica e populacional da Comunidade Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro*”, este capítulo trata sobre como foi formada a comunidade, a trajetória do pai do entrevistado 1 até chegar a comunidade partido da Amazônia, Amazonas, Manaus, Cidade Flutuante e o percurso entre a Cidade Flutuante e o local da comunidade estudada. O segundo capítulo “*E foi assim que tudo começou: História e as Memórias o lugar estudado*”, aborda sobre os conceitos de história e memória; Um breve histórico sobre os estudos dos tipos de memória; A história, memória e o lugar estudado; As primeiras ruas e estrada; A religião na comunidade; A primeira escola; O primeiro posto de saúde. No terceiro e último capítulo, “*Comunidade Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro nos tempos atuais*”, apresenta as novas configurações da comunidade; Acesso e localização da comunidade; a organização da comunidade; os meios de transporte; comercio; religião, os espaços de lazer na comunidade, a divisão do trabalho e as moradias.

A região do Rio Negro é uma região bastante estudada. Possui cerca de setecentas e cinquenta comunidades oriundas de pessoas migrantes de outros estados do Brasil, principalmente da região nordeste e/ou do interior do Amazonas. Estas comunidades são bastante estudadas pelo fato de próximas a cidade de Manaus e por oferecer uma fauna e flora exuberante, que chama a atenção, além dos próprios moradores. Há diversos estudos envolvendo a comunidade. O quadro a

seguir é a organização feita de forma cronológica de quando ocorreram essas pesquisas, bem como os nomes dos pesquisadores e os títulos dos trabalhos.

Quadro 01: Estudos realizados na Comunidade nossa Senhora de Fátima do Rio Negro.

TIPO	ANO	AUTOR	TÍTULO
Dissertação	2017	TELES, Gilmara. Araújo.	As Relações de Poder no processo da Organização Sociopolítica.
Artigo	2017	TELES, Gilmara. Araújo.	Participação Social na Comunidade Nossa Senhora de Fátima.
Tese	2018	NODA, Eliana Aparecida do Nascimento	Agroecossistemas periurbanos no município de Manaus, Amazonas.
Tese	2019	PEIXOTO, Shirley Cintra Portela de	Estudo das relações socioculturais e o turismo como atividade econômica entre comunidades da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro.
Dissertação	2020	DIAS, Luana Cristina dos Santos,	Territórios do turismo em territórios protegidos: Processos de territorialização e turismo na reserva de desenvolvimento sustentável Puranga Conquista – AM
Dissertação	2021	LOPES, Andrea Lima	A constituição docente e sua relação com o universo temático de educandos de uma comunidade ribeirinha de Manaus.
Dissertação	2023	QUEIROZ, Talita Araújo	Arte - educação Decolonial: caminhos de (re) existência amazônica na escola ribeirinha de Manaus.

Fonte: Produção do pesquisador

Gilmara Araújo Teles, em sua Dissertação “As Relações de Poder no processo da Organização Sociopolítica” (2017), verificou as relações de poder nos processos de organização sociopolítica da comunidade por meio da caracterização do espaço, identificando as formas de relações de poder a partir do processo da organização sociopolítica. A autora fez ainda uma reflexão sobre as relações de poder e como essas relações se processam. Afirmou que as estruturas formais e não formais se perpetuam através de vínculos estreitos.

Gilmara Araújo Teles, em seu Artigo “A participação social na Comunidade Nossa Senhora de Fátima” (2017), discute a participação social na Comunidade Nossa Senhora de Fátima para o acesso às políticas sociais, destacando a comunidade como protagonista do processo da organização política e caracterizando os serviços sociais ofertados na comunidade pelo poder público e como resultado, a autora percebeu que a história de luta e de organização social da população rural no Amazonas, a exemplo da comunidade supracitada, marca a luta pelo direito do acesso a bens e serviços sociais.

Eliana Aparecida do Nascimento Noda, em sua Tese “Agroecossistemas periurbanos no município de Manaus, Amazonas” (2017), analisou a agricultura periurbana nas suas estratégias de trabalho para conservação na comunidade Nossa Senhora de Fátima, no igarapé Tarumã Mirim, em área de terra firme, município de Manaus, Amazonas, Brasil. A autora historiou o surgimento dos agroecossistemas periurbanos nos quais os agricultores familiares estão inseridos e, ao mesmo tempo, estudou ainda, sobre a organização dessas famílias, caracterizando as estratégias de trabalho por elas adotadas, sabendo que essas estratégias se materializam nas relações sociais de trabalho.

Shirley Cintra Portela de Peixoto, em sua tese “Estudo das relações socioculturais e o turismo como atividade econômica entre comunidades da Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro” (2019), analisou as relações socioculturais e o turismo enquanto atividade econômica entre Comunidades da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Do Rio Negro. Esta análise permitiu identificar que na prática nas comunidades pesquisadas não se configura turismo de base comercial ou turismo comercial. Este estudo faz a morfologia da RDS do Rio Negro e poderá ser de muita utilidade pela abordagem interdisciplinar.

Luana Cristina dos Santos Dias, sua Dissertação “Territórios do turismo em territórios protegidos: Processos de territorialização e turismo na reserva de desenvolvimento sustentável Puranga Conquista – AM” em sua pesquisa a autora socializa uma parte do trabalho desenvolvido desde o início de 2017 na região do Baixo Rio Negro, especificamente nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS) do Tupé e Puranga Conquista. É um estudo de caso, onde apontou o turismo como uma atividade essencial para a subsistência da comunidade e como resultado a autora percebeu que a atividade do turismo está sendo desenvolvida em meio a

conflitos e relações assimétricas, oriundas das relações entre os diferentes agentes sociais internos (indígenas) e externos (agências, guias) e seus próprios interesses.

Andréa Lima Lopes, em sua dissertação intitulada “A constituição docente e sua relação com o universo temático de educandos de uma comunidade ribeirinha de Manaus” (2021) investigou a composição de docentes que atuavam na escola municipal da comunidade, no Ensino Fundamental II, buscando indícios de práticas pedagógicas que valorizassem o Universo Temático dos educandos. A autora fez essa análise enfatizando os aspectos da formação, da atuação docente e de alguns elementos sócio-histórico-culturais; aspectos socioeconômicos, políticos e culturais da Comunidade Nossa Senhora de Fátima.

Talita Araújo Queiroz, em sua Dissertação “Arte - educação Decolonial: caminhos de (re)existência amazônida na escola ribeirinha de Manaus” (2023), procurou organizar experiências de mediação artística na disciplina de artes com práticas que servissem de elemento agregador teórico-metodológico decolonial de (re)existência amazônida na Escola Municipal José Sobreira do Nascimento. Desse modo criou experiências na arte-educação em contexto ribeirinho que contemplam o imaginário social, as expressões identitárias locais, vivenciadas durante as experiências, o seu existir amazônida e o (re)existir expressivo de povos das águas e florestas, Com essa pesquisa a autora obteve como resultado experiências que contribuíram para a expressão identitária dos estudantes ribeirinhos numa insurgência decolonial.

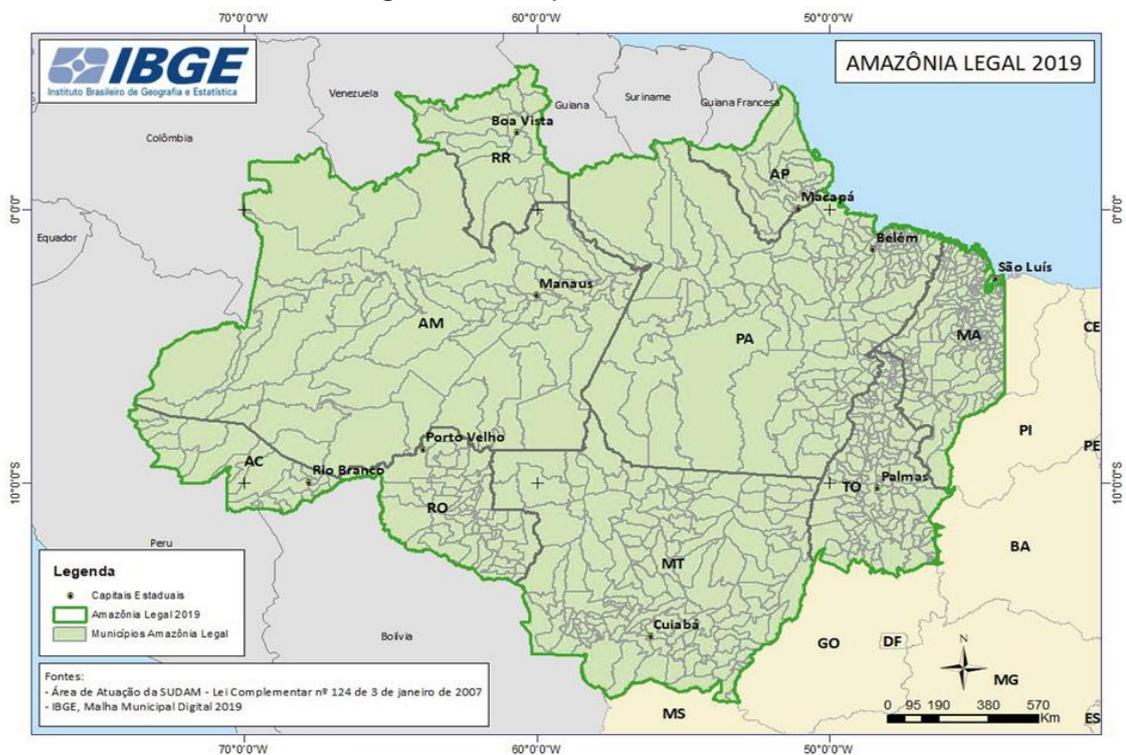
Esses estudos se integrarão ao quadro de compreensão da Comunidade N.S. de Fátima, uma vez que vistos em conjunto destacam aspectos muito importantes para a historicidade local e para a autocompreensão de seus moradores. Após realizarmos um levantamento acerca dos estudos que abordam a Comunidade Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro, percebemos que há poucos estudos envolvendo o campo da história e da memória de comunidades amazônicas, e da comunidade estudada este trabalho é o primeiro a tratar sobre essa temática.

CAPÍTULO 1 – FORMAÇÃO GEOGRÁFICA E POPULACIONAL DA COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA DO RIO NEGRO

1.1 A Amazônia, Amazonas, Manaus e as figurações geográficas

A Amazônia é formada por nove estados, Amazonas, Acre, Amapá, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima, Tocantins e parte do Maranhão. Possui uma área territorial de 5.217.423 quilômetros quadrados, que corresponde a 61% de todo o território brasileiro.

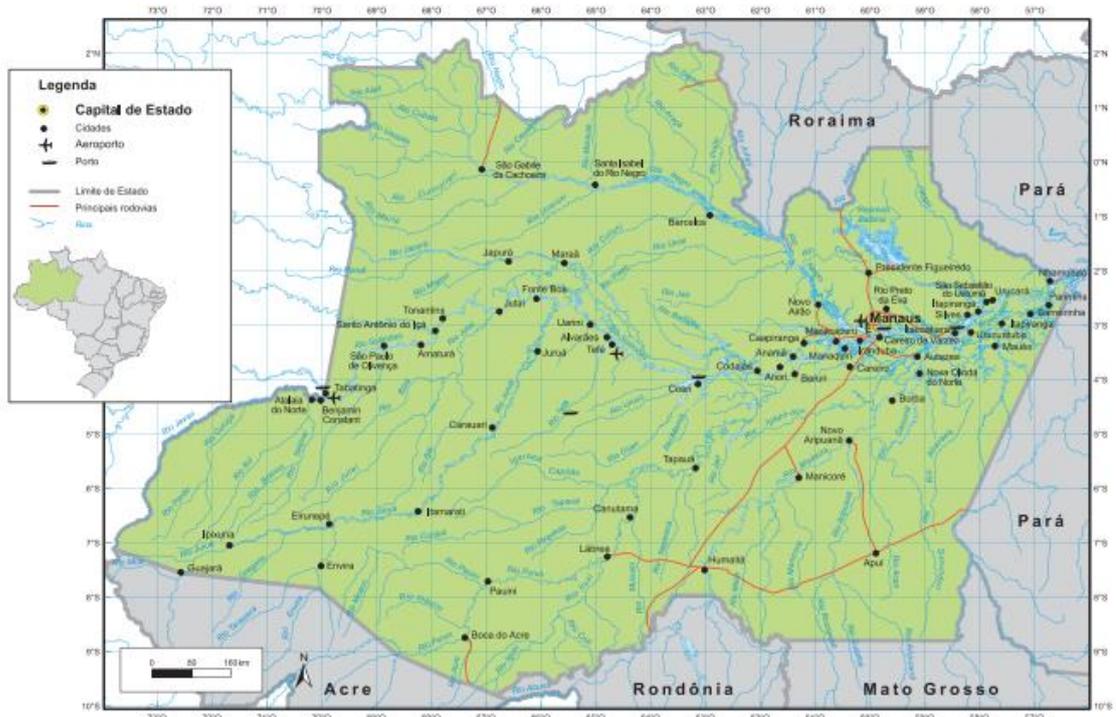
Figura 01: Mapa da Amazônia



Fonte: IBGE

O Estado do Amazonas está localizado na região norte do Brasil, e é o maior estado em extensão territorial medindo cerca de 1.559.167.878 quilômetros quadrados, superando países como Grécia, França e Suécia. Possui 62 municípios, dentre esses municípios está Manaus, sua capital.

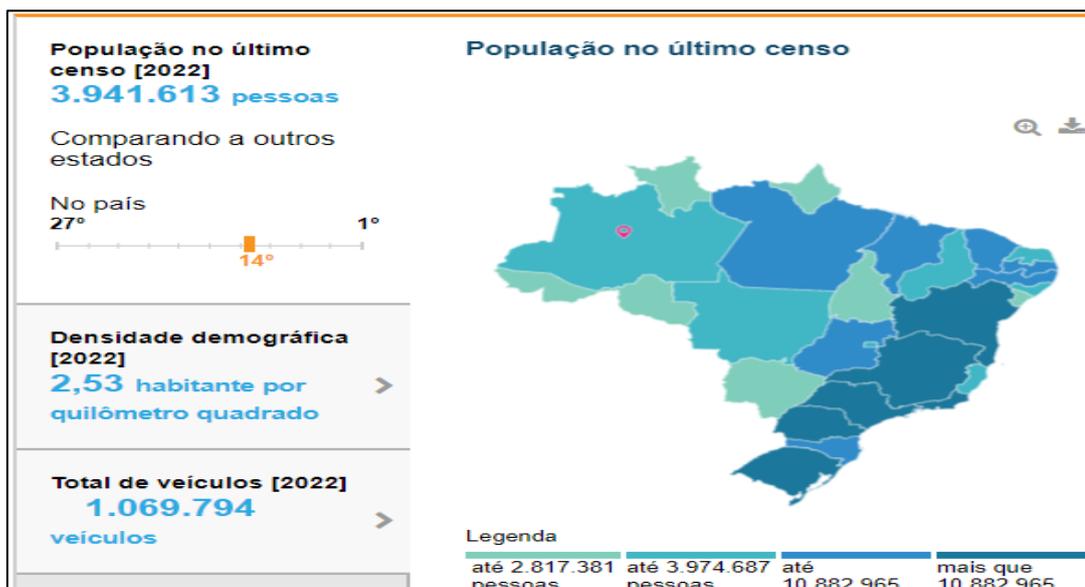
Figura 02: Mapa do Estado do Amazonas



Fonte: IBGE

Possui um quantitativo populacional de 3.941.175 habitantes, de acordo com o censo 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

Figura 03: Mapa populacional do Estado do Amazonas

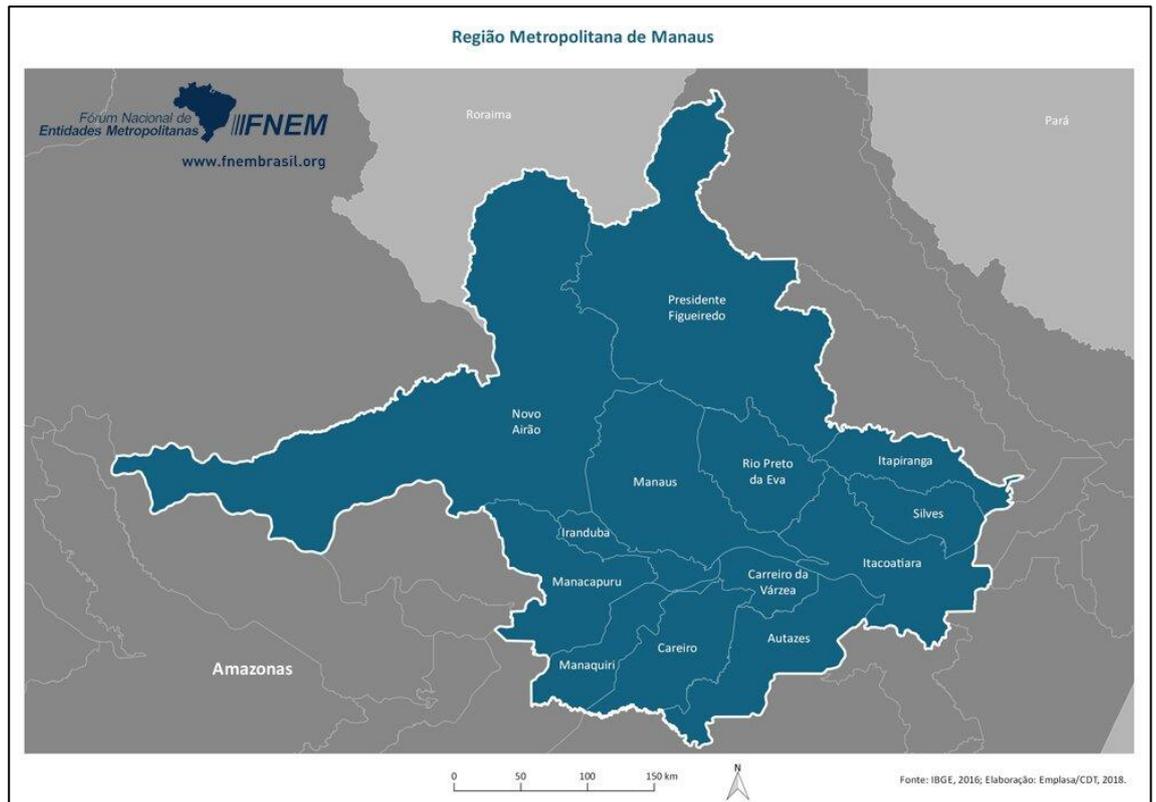


Fonte: IBGE 2022

Manaus é a capital do Estado do Amazonas. Está localizada na região norte do Brasil, sendo o principal centro financeiro, mercantil e corporativo dessa região. Foi fundada em 1669 a partir da Fortaleza do Rio Negro, ficou conhecida mundialmente durante o ciclo da borracha como o país dos trópicos devido a sua esplendorosa arquitetura europeia.

Figura 04: Mapa da Região Metropolitana de Manaus

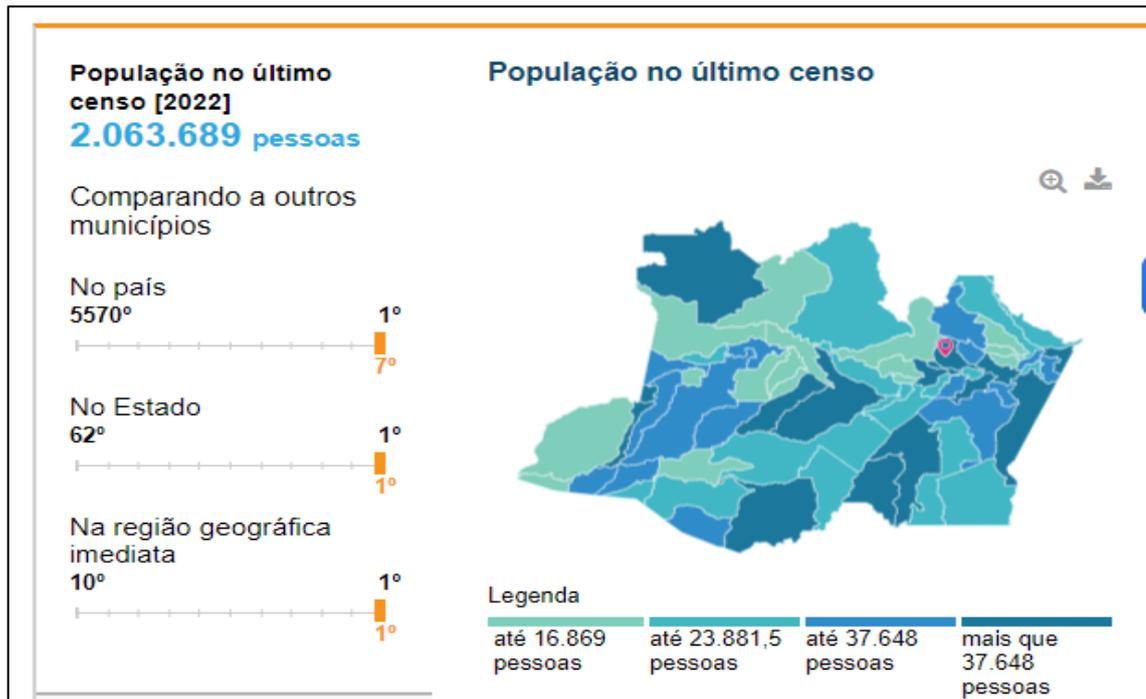
Fonte:



<https://fnembrasil.org/regiao-metropolitana-de-manaus-am/>

É a cidade mais populosa do Amazonas, possui 2.063.689 habitantes, de acordo com o censo realizado em 2022 pelo Instituto de Geografia e estatística – IBGE.

Figura 05: Mapa populacional de Manaus



Fonte: IBGE

A vida nas comunidades amazônicas não é homogênea em todas as suas características como é pensado em outras regiões do país. Embora apresente semelhanças em vivências entre vários pontos, seus sujeitos agem e interagem de forma diferente em seus meios. Nem todos moram próximos da beira dos rios, nem todos moram perto da floresta, nem todos sabem o tempo de plantar e o tempo de colher, ou mesmo se equilibrar em embarcações; os nomes de todos os peixes também não é sabido por todos e ainda há muitas espécies para serem descobertas e catalogadas.

Para Samuel Benchimol, em *Amazônia: formação social e cultura*, (2009),

o complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearão a organização social e o sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais extraídos da floresta, rios, lagos, várzeas e terra firme, responsáveis pelas formas de economia de subsistência e de mercado. Dentro desse contexto, desenvolveram-se o homem e a sociedade, ao longo de um secular processo histórico e institucional. (BENCHIMOL, 2009, p. 17)

O encontro de valores e culturas erudita, clássica elástica exógena quanto a cultura de massa primitiva popular e nativa. No princípio, o indígena era o detentor de todo conhecimento da Amazônia, eles sabiam e sabem quais são os frutos que

se pode comer, quais as raízes que se pode utilizar para fazer medicamento natural, qual cipó que dá água, como navegar sobre os rios, como construir uma casa utilizando somente materiais retirados da floresta, as essências, os animais peçonhentos.

1.2 A cidade Flutuante: contexto e um breve histórico

As comunidades amazônicas são formadas por povos que vivem às margens da beira dos rios, lagos, igarapés e igapós da floresta amazônica, o modo de vidas destes é determinado pela enchente e vazante dos rios. Existem mais de trezentos e cinquenta comunidades amazônicas registrada oficialmente.

Essas comunidades não estão e nunca estiveram isoladas totalmente do mundo. Desde suas criações estabeleceram e estabelecem relações de trocas, inicialmente entre elas, que são mais próximas; posteriormente com as mais longínquas através do comércio das capitais, através da internet e da televisão, do rádio, dos navios, dos barcos. É através desses contatos que se configura nas relações nacionais e internacionais.

Therezinha de Jesus Pinto Fraxe; Antônio Carlos Witkoski e Samia Feitosa Miguez no artigo intitulado: *O ser Amazônia: identidade e invisibilidade*, publicado na revista *Ciências e Cultura*, (2009) diz que:

Caboclos, ribeirinhos, caboclo-ribeirinhos, seringueiros. O homem amazônico é fruto da confluência de sujeitos sociais distintos — ameríndios da várzea e/ou terra firme, negros, nordestinos e europeus de diversas nacionalidades (portugueses, espanhóis, holandeses, franceses etc.) — que inauguram novas e singulares formas de organização social nos trópicos amazônicos. Diferenciada em suas matrizes geracionais, marcada por dinamismos e sincretismos singulares, a formação social amazônica foi fundamentada historicamente em tipos variados de escravismo e servidão. Assim, falar dos povos da Amazônia requer um (re)conhecimento da grande diversidade ambiental e social da região, noutras palavras, é preciso tomar como ponto de partida o desenvolvimento histórico da região. Trata-se de recorrer a uma antiga (porém atual) indagação: o que é ser da Amazônia ou, noutras palavras, quais são as consequências do processo de formação da (suposta) identidade dos seus habitantes no contexto amazônico? (FRAXE; WITKOSKI; MIGUEZ, 2009, p. 30)

Quem mora na terra firme desenvolve tecnologia voltadas para a agricultura e pecuária, o cultivo e tratamento da terra. Em contrapartida, quem mora perto dos

rios desenvolvem tecnologias voltadas para embarcações, a pesca e as condições de habitabilidade na várzea. Ainda há os que vivem em região de várzea, que precisam saber o tempo de subir o gado para a terra firme. E desse saber, muito se tem aprendido principalmente com os povos tradicionais. Os caboclos, originados a partir do contato do indígena com o branco são os que detêm a maior parte desses saberes. Na Amazônia, ainda há espaços nunca pisados e nunca estudados.

O crescimento populacional da Amazônia se deu principalmente pelos movimentos migratórios da região nordeste do Brasil a partir do momento em que a extração da borracha amazônica no ano de 1827 começou aparecer como um dos produtos mais exportados para fora do país, com embarque de cerca de 30 toneladas. A partir da descoberta do processo de vulcanização em 1839 o aumento desse elemento fez com que ocorresse um aumento sendo registradas mais de 1.445 toneladas no quadriênio de 1840 a 1844 e no período de 1875 a 1879 figuravam com mais de 30.360 toneladas. De acordo com Márcio Souza (2021):

O ciclo da borracha foi um dos mais efêmeros ciclos econômicos do Brasil da humilde origem 1870 o extrativismo da Borracha ocupou em 1910 um quarto das exportações brasileiras foi um crescimento notável por ocorrer concomitante ao crescimento da cultura do café base da economia do país fenômeno similar embora em menor escala ocorreu nos países vizinhos como peru e a Bolívia. (SOUZA, 2021, p.232)

No ano de 1912, a borracha alcançou o auge, chegando a 42.286 toneladas, crescimento que jamais foi atingido anteriormente, fato que fez com que durante o período de 1877 a 1920 a Amazônia recebesse mais de 150.000 imigrantes nordestinos, mais conhecidos como cearenses, vindos das zonas do Agreste e do Sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e outros estados nordestinos, fugindo da grande seca e da fome, ocorrida nos anos de 1877 a 1878.

Atraídos pela seringa, por cobiça e em busca de fazer fortuna. Muitos desses imigrantes se estabeleceram na região do Acre e Amazonas. Márcio Souza (2021) diz que:

Entre 1877 e 1879, o Nordestino brasileiro sofre uma das piores secas de sua história somente no Ceará mais de 65 mil pessoas partem para a Amazônia acossados pelo flagelo natural e pela crise da economia agrária esse contingente humano vai servir de mão de obra nos seringais avançando a fronteira do extrativismo em pouco tempo a maioria desses cearenses entram pelo rio por Luz ocupando zonas

ricas em Serem em Seringueiras no final da década estarão no Acre território reivindicado por Bolívia Brasil e Peru. (SOUZA, 2021, p.240)

Alguns conseguiram acumular riquezas como seringueiros, seringalistas e coronéis de barranco. Porém com a decadência da borracha, os que não conseguiram acumular riquezas, retornaram para a sua terra natal, outros ficaram no Estado do Amazonas, nos municípios mais próximo dos seringais que trabalhavam, ou em comunidades amazônicas.

Em Manaus, alguns desses imigrantes nordestinos, conseguiram morar em terra firme; outros foram morar na *Cidade Flutuante*, moradias erguidas sobre as águas do Rio Negro. O participante 01 narra um pouco sobre a história de vida de seu pai, que nos mostra um pouco sobre esse lugar:

Participante 01: Meu pai era natural de Tefé, neto de português, minha mãe era Cearense, eles moravam na Comunidade Caiambé, interior de Tefé, município do Amazonas. Meu pai se chamava, Nelson Gonçalves de Farias a minha mãe se chamava Francisca Gonçalves de Oliveira. Eles se conheceram lá, se casaram e vieram para Manaus em busca de trabalho. Naquela época eles moravam na Cidade Flutuante, ficaram morando num flutuante embaixo da ponte do São Raimundo.

A crise de falta de moradia em Manaus no ano de 1920, causada pelo crescimento demográfico em razão da corrente migratória de pessoas que moravam na beira dos rios, os ribeirinhos e nordestinos e o fim do direito exclusivo de exportar a borracha, a crise econômica dos anos vinte do século passado, e a escassez de recursos contribuíram para o surgimento da Cidade Flutuante.

De acordo com Samuel Isaac Benchimol, no prefácio da obra *“Aspectos Sociais e Econômicos da Cidade flutuante”* escrita por Celso Luiz Rocha Serra e Wilson Rodrigues da Cruz, (1964) afirma que:

Sem a devida preparação para fazer face e a competência urbana e não encontrando condições mínimas de participação e promoção social e econômica essas populações tendem rapidamente a marginalizasse nos grandes centros urbanos o aparecimento das instâncias, cortiços, favelas e mocambos constituem expressões dessa luta pela conquista a qualquer custo do teto e do emprego. Em Manaus, este problema adquiriu um local revelando esforço de adaptação do homem ribeirinho à condições no meio ambiente a *Cidade Flutuante* que se resultou dessa adaptação do regime das águas do rio sujeito a enchentes e vazantes possuindo expressões

ecológicas econômicas, ela representa uma forma de sobrevivência do homem em busca da localização mais barata e mais acessível que lhe proporcione ao mesmo tempo moradia e sustento.(CELSO E CRUZ, 1964, p.10)

Para esses moradores sobreviverem tiveram que procurar um lugar mais acessível para morar e assim foi se formando a Cidade Flutuante. A imagem a seguir é uma visão aérea da cidade erguida no Rio Negro.

Figura 06: Visão aérea da Cidade Flutuante no Rio Negro.



Fonte: Otoni M. de Mesquita/Acervo pessoal

Como afirma o entrevistado 01:

Participante 01: A Cidade Flutuante tinha muitos flutuantes tipo aqui como está ficando o Tarumã Grande, só flutuante, tinha muito comércio, em frente ao Mercado Municipal Adolpho Lisboa, tinha comércio grande nos flutuantes. As pessoas que moravam na Cidade Flutuante quase nem subiam para comprar as coisas no Centro de Manaus, compravam tudo lá nos flutuantes mesmo. Tinha casa de festas, bares, restaurantes, tinha muita coisa. As casas eram feitas de madeira, com toras de árvore retiradas da floresta.

Nesse lugar os moradores tinham mais liberdade para ir e vim a hora que bem entendesse, eles adquiriram canoa e motor rabeta para trafegar pelos rios, para pescar e para plantar.

Figura 07: A Cidade Flutuante



Fonte: <https://idd.org.br/reportagens/exotica-cidade-flutuante-de-manaus2/>No ano de 1964

As casas eram feitas de madeira, cobertas por palhas ou alumínio, as paredes eram de tábuas, a estrutura era erguida em cima de duas toras de madeira de açacu que boiavam sobre a água. Os flutuantes ficavam um ao lado do outro, formando um enfileirado.

Participante 01: Eu tenho pouca lembrança da Cidade Flutuante, pois eu era bem pequeno, era recém-nascido, me lembro mais quando chegamos ao igarapé do Cumprido, mas da Cidade flutuante, lembro pouco, mas meus pais me contavam como ela era.

No ano de 1964, o governador em exercício, Arthur Cezar, pressionado pelo Comando Militar da Amazônia - CMA e pela a Capitania dos Portos, assegurado pelo governo militar, pois fim a Cidade Flutuante e os moradores foram alocados em vários bairros de Manaus entre eles, o bairro da Alvorada, Coroado, Compensa, Conjunto Costa e Silva, Santo Antônio e outros bairros.

Alguns moradores que não foram alocados nos bairros supracitados, por decisão própria, buscaram outros lugares para viver, inclusive em municípios próximos. Pegavam caronas em embarcações, que rebocavam o flutuante a fim de procurar outras beiras de rios para amarrá-lo. Ou buscaram morar em comunidades da zona rural de Manaus como ocorreu com o entrevistado 01:

Participante 01: Para o meu pai só restou retirar-se daquele lugar. Decidido, vendeu o flutuante que era a nossa casa e mais uma vez reuniu nossa família, nossos pertences, colocou tudo na canoa de tolda e a remo sai subindo o Rio Negro. Não foi uma decisão muito difícil pois meus pais sempre foram acostumados a trabalhar na agricultura e na cidade Flutuante não tinha onde plantar nada, a não ser um canteiro, feito de tabua, uma caixa no formato retangular, cheio de paú, retirado da floresta, misturado esterpo de galinha, para plantar cebolinha e coentro.

Após, a saída da Cidade Flutuante era preciso iniciar outra empreitada rumo a uma nova vida. A vontade de possuir um local para morar e plantar era grande, mas não estava nas possibilidades da maioria das famílias comprar uma casa ou um terreno para construir um lugar para morar.

O sonho do pai do entrevistado, de ter uma casa, mesmo depois de várias vezes eles serem retirados das terras do senhor José Sobreira, não desistiram do sonho de ter um pedaço de terra para chamar de seu.

Participante 01: Viemos embora, colocamos as coisas numa canoa grande que nós tínhamos e viemos subindo o Rio Negro, parando pela beira do rio, um dia dormíamos num lugar, outro dia dormíamos em outro, e fomos subindo.

A mesma canoa que o pai de família utilizou para chegar à Manaus é a mesma que mais uma vez serviu de transporte para a sua família após a saída da Cidade flutuante. Era nesse transporte que foi levado todos os pertences conquistados com o suor de seu trabalho enquanto morava na Cidade Flutuantes, as novas roupas, as novas redes, os utensílios domésticos, as redes de pesca e tanto outros bens materiais pela família adquiridos. Levaram também nesta canoa o sonho de quem sabe um dia encontrar um pedaço de terra para habitar, criar e plantar. A foto a seguir é uma representação dessa canoa.

Figura 08: Canoa de Toldo de Palha



Fonte: <https://xapuri.info/txai-macedo-historia-comeco/>

Essa canoa representava tudo o que a família tinha, nela estavam seus pertences, seus sonhos, suas conquistas e a promessa e esperança de um dia chegar a um lugar, construir uma casa e enfim esse lugar ser chamado de seu.

A história de vida do entrevistado está diretamente ligada com a história da comunidade estudada, desde a sua chegada ao local, as primeiras ações e conquistas e ele conta como tudo isso começou. Sua infância e adolescência vivida nesse local, seu primeiro contato com a educação formal.

Das inúmeras brincadeiras, o futebol era o que mais ele gostava de brincar. Juntar os amigos, construir as traves, limpar o campo era algo que o deixava extremamente feliz e realizados.

No capítulo a seguir, intitulado “*E foi assim que tudo começou: História e as Memórias o lugar estudado*”, aborda sobre os conceitos de história e memória; Um breve histórico sobre os estudos dos tipos de memória; A história, memória e o lugar estudado; As primeiras ruas e estrada; A religião na comunidade; A primeira escola; e primeiro posto de saúde.

CAPÍTULO 2 - E FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU: A HISTÓRIA E AS MEMÓRIAS DO LUGAR ESTUDADO

2.1. História: conceitos e um breve histórico

A palavra história tem origem no termo grego "historie", e quer dizer "conhecimento através da investigação". Enquanto ciência, a história estuda o acontecido da humanidade e o seu processo de evolução, tendo como norte um espaço, uma era, um povoado ou um sujeito em particular. Jacques Le Goff, (1990) diz que:

nas línguas românicas (e noutras), 'história' exprime dois, senão três, conceitos diferentes. Significa: 1) esta "procura das ações realizadas pelos homens" (Heródoto) que se esforça por se constituir em ciência, a ciência histórica; 2) o objeto de procura é o que os homens realizaram. [...]. a história pode ter ainda um terceiro sentido, o de narração. Uma história é uma narração, verdadeira ou falsa, com base na "realidade histórica" ou puramente imaginária – pode ser uma narração histórica ou uma fábula. (LE GOFF, 1990, p.18)

O conceito de história é apresentado por inúmeros estudiosos, enquanto uns entendem história como ciência, outros, tal afirmação levou tempo para que fosse aceita como uma ciência. O historiador grego, Heródoto é considerado o "pai da História", as primeiras pesquisas sobre o passado do homem foram realizadas por ele, em (425- 485 a.C.), é um dos pioneiros no estudo da história, da etnografia e na antropologia.

Podemos dizer que a história tem três sentidos. O primeiro sentido é dito por Heródoto, para ele a história é a "procura das ações realizadas pelos homens", estaria diretamente ligada à nossa história de vida ou a história vivida. O segundo sentido, entendido por Paul Veyne (1968):

a história requer uma série de acontecimentos, requer a narração desta série de acontecimentos. É preciso que algo aconteça para que a história exista. O terceiro sentido é o da narração, podendo ser verdadeira ou falsa, tendo como base a realidade dessa história, ou simplesmente algo imaginado pelo homem contada através de uma narração ou uma fábula. (PAUL VEYNE, 1968, p.423)

A história é marcada por cinco períodos. O primeiro período é entendido como a Pré-História, cerca de 4000 a.C., nesse pelo fato de a escrita ainda não existir,

geralmente os pesquisadores recorrem a materiais como objetos de pedra, ossos, arte rupestre para realizar as investigações e entender esse período.

O segundo período, foi o período da Idade Antiga (Antiguidade): de 3.500 a.C. até 476 d.C. foi marcado pela a história como o período de desenvolvimento da humanidade mais conhecido. Foi marcado pela invenção da primeira forma de escrita, cuneiforme (é o nome dado a vários tipos de escrita feitos com uma ferramenta de cunha) escrita usada para escrever o Alcorão do Islamismo. A Idade Antiga, com a queda do Império Romano, é marcada ainda pelo surgimento das grandes civilizações ocidentais, os egípcios, hebreus, persas, mesopotâmicos e fenícios.

O terceiro período é a Idade Média (História Medieval): de 476 d.C. a 1453, marcado pela conquista de Constantinopla pelos turcos otomanos. A Idade Média começou com a desagregação do Império Romano do Ocidente, no século V, dando início a um processo de compõe da cultura latina, natural dos romanos, e da cultura germânica, natural dos povos que envolveram e alojaram-se nas terras que pertenciam a Roma, na Europa Ocidental. Desse período destacam-se o processo de ruralização que a Europa viveu entre os séculos V e X, o fortalecimento da Igreja Católica e a estruturação do sistema feudal, economicamente, politicamente e socialmente.

O quarto período é o período da Idade Moderna: de 1453 a 1789, marcado pela Revolução Francesa. No quinto período, o período da Idade Contemporânea: de 1789 até os dias atuais.

A comunidade assim como a história, teve uma trajetória e nesta trajetória muita coisa aconteceu e ficou marcado na vida de cada morador desta comunidade. Este capítulo seu Romildo Gonçalves de Freitas conta através de sua história de vida e a partir de suas memórias a história da comunidade.

2.2 A fundação da comunidade

A história da Comunidade Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro é marcada primeiramente pela conquista da terra, pelos moradores que nela chegaram. O senhor Romildo Gonçalves de Freitas narra como esse processo de conquista começou:

Participante 01: Primeiramente nós morávamos ali próximo à Praia da Lua, lá atrás, num lago chamado de Lago do Cumprido¹, na época senhor José Sobreira do Nascimento descobriu que nós estávamos morando nesse lago, mandou uma pessoa designado por ele para nos avisar que precisávamos sair desse local, pois ele mandou nos dizer que ele não queria ninguém morando nas terras dele. Foi então que viemos para o Igarapé do Acural², ficamos mais ou menos uns seis meses e novamente o sr. José Sobreira nos convidou a sair deste igarapé.

A vontade de possuir um local para morar e plantar era tão grande que, mesmo depois de várias vezes eles serem retirados das terras pelo sr. José Sobreira, não desistiram do sonho de ter um pedaço de terra para chamar de seu. O Homem amazônico é persistente, tendo a capacidade de lutar por aquilo que quer; resistente diante das adversidades, acostumado a enfrentar a forças das águas para conseguir o que almeja, segue o curso mantendo alinhados: pensamento, força e objetivo a fim de conquistar seu intuito.

A cada partida era como se um sonho estivesse se desfazendo, como a areia escorrendo por entre os dedos, mas isso não foi impedimento para erguerem a cabeça e novamente sonhar com um lugar para morar.

Participante 01: Saímos subindo o Rio Negro, e ficamos num lugar por nome de Lago do Cumprido, um lugar onde havia peixe para pescarmos e madeira para fazermos carvão. Passados alguns meses, um belo dia, chegou um homem e se apresentou como representante do Senhor José Sobreira do Nascimento, dono de toda a terra que abrangia a região do Tarumã-Mirim até a atual Comunidade Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro. Este homem relatou que a mandado do proprietário, nos avisou que nós não poderíamos mais continuar naquele lugar pois o dono das terras não queria que as arvores fossem derrubadas para fazer carvão e que por gentileza nós nos retirássemos o mais breve possível.

O pai de seu Romildo manteve a atenção no que queria e não olhou as adversidades como limite, mas como obstáculo a ser ultrapassado.

¹ Lago do Cumprido é um lago que fica por trás da Praia da Lua, próximo a comunidade Nossa Senhora de Fátima.

² Acural é o nome do Igarapé da comunidade indígena do Acural, fica localizado próximo a comunidade Nossa Senhora de Fátima.

2.3 Memória: Um lugar de armazenamento, codificação e recuperação

Psicologia é a ciência que estuda a mente, o comportamento humano e as suas influências mútuas com o meio anatômico e social. A palavra psicologia vem do grego *psico*, que significa alma e *logía* que quer dizer estudo. A psicologia diagnóstica, compreende, explica e orienta a alteração de comportamentos dos seres humanos.

Na psicologia há um, campo destinado ao estudo da memória, que é a neurociência, esta estuda o sistema nervoso, formado pelo cérebro, medula espinhal, nervos periféricos, e as ligações dele com toda a fisiologia do corpo humano. A neurociência compreende como o cérebro é capaz de entusiasmar cognitivamente em funções efetivas, como raciocínio, memória, atenção, emoções e capacidade de julgamento.

A etimologia da palavra neurociência é *nervo+ciência*, e significa os saberes e conhecimento que se relacionam ao sistema nervoso. A neurociência surgiu a partir de congressos realizados por volta de 1972, quando foi produzido o primeiro equipamento de tomografia computadorizada pelos físicos Allan Cormack e Godfrey Newbold Hounsfield.

Santiago Ramón y Cajal, médico patologista espanhol é conhecido como o pai da neurociência moderna por ter descrito a anatomia celular do cérebro.

Em 335 a.C., Aristóteles examinou que o coração é o órgão principal que regulariza as sensações, visto que as emoções como o medo aceleram os batimentos cardíacos. Por volta de 387 a.C., Platão ensinava aos gregos que o cérebro era o centro dos processos mentais.

Em 1649, René Descartes, um dos filósofos populares, considerava o cérebro um tipo de sistema hidráulico, de onde era comandado o comportamento.

No ano de 1791 o conhecimento sobre o funcionamento do sistema nervoso deu um grande salto, com a descoberta de Luigi Galvani de que os neurônios funcionam a partir de impulsos elétricos e não por água.

Em 1906, dois importantes cientistas, o italiano Camillo Golgi descobriu uma forma para observar os nervos, o método do nitrato de prata. Santiago Ramón y Cajal percebeu os neurônios como unidades básicas do cérebro, que existem de maneira independente. Ambos ganharam o Prêmio Nobel devido a essas grandes descobertas na neurociência.

No ano de 1970, a neurociência se constituiu como campo científico autônomo, apesar do fascínio do ser humano pelo cérebro remeter ao Egito Antigo. No Brasil, os estudos ganharam impulso nas décadas de 1940 e 1950, com pesquisas na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMJ, e na Universidade de São Paulo – USP.

A palavra memória vem do latim *memoriae*, e significa “aquele que se lembra”, de uma ascendência Indo-Europeia *men* que significa “pensar” ou “mente”.

No grego, a palavra memória é originada da palavra *Mnemosine* que significa lembrança. Os gregos diziam que a memória era um dom sobrenatural e que vinha dos deuses. Mnemosine era filha de Urano que personificava o céu, e de Gaia, a terra. Era considerada a deusa da memória, mãe das Musas, entidades que autorizavam os poetas lembrarem o passado. Esta deusa governava a função memorialística, e tinha um poço que se os mortos bebessem da água desse poço daria a eles o poder de relembrar sobre suas vidas.

Nossas lembranças atuam automaticamente e muito célere, que poucas pessoas compreendem sua onipresença, porém, elas estão presentes. Se nós não tivéssemos memória, teríamos problemas com a astúcia, por exemplo, quando um indivíduo entende que o céu está cinza que está nublado que o clima está frio, está fazendo checagens subentendidas de suas memórias de uma lembrança de um dia que já viveu.

O ato de falar, por exemplo, também solicita que tenhamos memória para que possamos relembrar as palavras, os códigos gramaticais, resolver problemas matemáticos e tantas outras ações. Isso depende da capacidade de arquivar cadeias de conceitos.

Se não lembramos do que estudamos não faz sentido dizer que aprendemos. Na verdade, todas as pessoas dependem das lembranças para que as suas memórias sejam visitadas.

De acordo com Jacques Le Goff, na obra “*História e Memória*” (1990):

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal. (LE GOFF, 1990 p. 423)

Ao descrever como era o local quando eles chegaram à comunidade, o participante 01 rememora tudo o que eles viveram naquele momento, fazendo uso da sua memória com uma riqueza de detalhes nos fazendo entendermos sobre os sistemas da memória.

Os sistemas da memória requerem três processos, três procedimentos: codificação, armazenamento e percepção. A codificação ou aquisição de acordo com (1996, p. 205) refere-se a todo o processo de preparar as informações para armazenamento durante a codificação podemos traduzir os conteúdos de uma forma para outra. Sobre o armazenamento, Davidoff na obra *Introdução à Psicologia* (2001) diz que:

o armazenamento parece ocorrer automaticamente a natureza do armazenamento. Porém nada tem de óbvio o depósito de nossa memória não é como um armazém comum uma biblioteca ou um chip de computador os itens de informação não vão sendo simplesmente empilhados à espera do momento em que serão requisitados ao contrário o depósito da memória é um sistema complexo e dinâmico que aparece que aparece mudar com a experiência (DAVIDOFF, 2001, p. 205)

O que foi visto e vivido pelo entrevistado 01 teve um significado e uma atenção de extrema importância para ele, foi armazenado em sua memória.

Davidoff (2001) diz que a recuperação da memória se desejamos usar uma informação precisamos buscá-la ou recuperá-la a recuperação pode ser muito fácil ou bastante trabalhosa. Sobre as estruturas da memória, muitos psicólogos acreditam que haja três tipos o sensorial de curto prazo e de longo prazo o que forma os três sistemas e como eles comportam interação é uma questão ainda muito controversa. De acordo com Davidoff na obra *Introdução à Psicologia* (2001):

Imagine que um amigo colecionador de fatos comenta com você o peso do cérebro de alguns animais o cérebro humano pesa em torno de 1,5 kg o cérebro do elefante aproximadamente 6 kg e o de um cachalote cerca de 9 KG como essa informação iriam para a memória simplesmente ao simplesmente ouvir de seu amigo a descrição desses fatos alguma atividade de memória da qual você provavelmente não tem consciência está em curso a informação que chega aos órgãos dos sentidos parece ser retida momentaneamente por um sistema de armazenamento chamado memória sensorial os conteúdos retidos pela memória sensorial assemelham-se a imagem persistente em geral eles desaparecem em menos de um segundo a menos que sejam transferidos imediatamente para um segundo

sistema de memória a memória de curto prazo. (DAVIDOFF, 2001, p. 206)

Ao visualizar o local da primeira rua da comunidade e como se o entrevistado 01 recuperasse um lugar deixado para trás devido as mudanças nas características do ambiente modificado durante os anos que passaram, porém pelo fato de o principal elemento desse ambiente (o homem) ainda existir faz com que haja não só uma visita, mais um transportar e um recuperar desse momento vivido.

Ao transferimos dados sensoriais para o depósito de curto prazo, Davidoff (2001) diz que tudo que você tem de fazer é ficar atento ao conteúdo por um momento se você escutar seu amigo falando vai codificar os sons em palavras que tenham significado o conteúdo passará então para a memória de curto prazo. De acordo com Davidoff na obra *Introdução à Psicologia* (2001):

A memória de curto prazo é tida como centro da consciência na visão de arte que são este fim contém tudo aquilo que sabemos pensamentos informações experiências e o que for em qualquer ponto do tempo o depósito da memória de curto prazo abriga uma quantidade limitada de dados temporariamente em geral por 15 segundos. (DAVIDOFF, 2001, p. 206)

Alguns anos e dados foram esquecidos, ou não lembrou no momento da coleta da narrativa sobre o lugar pelo entrevistado 01, por mais que cada situação, ação e emoção vivida por ele tenha determinado sua vida e seu futuro, talvez pelo calor do momento e da emoção esses dados foram ficando no esquecimento de sua memória. E sobre memória de longo prazo Davidoff na obra *Introdução à Psicologia* (2001) diz que:

A memória de longo prazo capacita-nos a recordar grande quantidade de informações por períodos substanciais de tempo acredita-se que qualquer coisa que armazenamos por minutos horas dias semanas ou anos seja cuidado pela memória de longo prazo seu nome o gosto da pipoca e as músicas que lhe são familiares são exemplos de itens armazenados pelo sistema de longo prazo. (DAVIDOFF, 2001, p. 216)

O entrevistado 01, lembra dos alimentos que comiam enquanto trabalhavam, a farinha escaldada, consumida pelo prefeito que visitou a sua casa de farinha, a batata plantada pela sua mãe, o peixe pescado pelo seu pai e faz isso nos próximos tópicos do trabalho.

2.4 Memória do lugar a partir dos moradores

O senhor Romildo Gonçalves rememora os primeiros dias que sua família chegou à comunidade.

Participante 01: Quando chegamos aqui, nessa área, papai encostou a canoa no porto e logo percebemos que era um local onde pessoas já haviam morado há muito tempo, já tinha árvores frutíferas, grandes, dando frutos, porém era um local abandonado, andamos pelo terreno e achamos sepulturas de pessoas que haviam sido enterradas aqui. Meu pai disse que iríamos ficar por aqui mesmo, poderia ser que dessa vez o senhor José Sobreira permitisse que fiquemos aqui. Meu pai foi limpando a área para fazermos uma tapera para morarmos. Aqui era tudo mato.

Neste trecho, podemos perceber como seu Romildo faz uso de sua memória. Primeiramente, ele localiza o ouvinte em um espaço e o leva para o tempo da narrativa de modo que o ouvinte vai tomando posse dessa narrativa, dando cores, sentindo cheiros e imaginando todo o ambiente em que seu Romildo presenciou a partir de sua escuta, de suas memórias de vivências de comunidade.

Seu Romildo se lembra com riqueza de detalhes da primeira percepção que teve, juntamente com sua família ao chegar ao local que mais tarde viraria a comunidade. Cita as árvores frutíferas, seus frutos, a beleza delas em contraste com o abandono, mostrando por meio de sua exegese, que o lugar não era habitado há um bom espaço de tempo.

Mostra, com isso, sua relação com o lugar. O quanto deve ter tirado de seu tempo de vida, de sua energia, para que tudo ficasse limpo, e juntos pudessem construir um lar. O homem que se sente pertencente a esse cenário amazônico não enxerga os obstáculos impostos pela natureza como se fossem intransponíveis, ao contrário, ele consegue enxergar o futuro no espaço em que chega por ter uma forte relação com a terra.

Do mesmo modo, que chegaram e encontraram o mato, encontraram também a esperança de uma vida melhor. Um pedaço de terra para o plantio e para a moradia é o suficiente para quem busca paz, quietude e tranquilidade.

A seguir, vemos a imagem de uma canoa similar à que seu Romildo e sua família chegaram ao lugar que se tornaria a comunidade.

Figura 09: Canoa de Toldo de Palha semelhante a da família do senhor Romildo



Fonte: <https://xapuri.info/txai-macedo-historia-comeco/>

O homem sempre vai buscar um ambiente parecido ao que ele vivia, na sua infância e juventude. A casa é um bem necessário, é mais do que um lugar de morar, nela construímos nossas memórias, guardamos nossa vida, criamos um vínculo, encontramos abrigo e proteção. O senhor Nelson Gonçalves, juntamente com sua esposa, dona Francisca Gonçalves, mesmo sem saber o que o futuro os reservava, mais uma vez, começam lutar por um lugar para morar e trabalhar para criar seus filhos:

Participante 01: Naquela época o trabalho que tinha aqui era fazer carvão e vender na cidade, então meu pai começou a fazer Caeira³, fazer roçado para plantar mandioca para produzir farinha e ajudar no sustento da nossa família. Minha mãe era uma pessoa que gostava muito plantar, então ela foi logo plantando macaxeira, batata, cará, essas coisas que nasce com facilidade na beira do rio e depois de alguns meses nós já tínhamos muitas coisas para comermos.

³ Caeira é um buraco cavado na terra para colocar toras de madeira, coberta por capim para tocar fogo e depois ser coberta de barro para que a madeira queime e vire carvão.

O pai de seu Romildo viu no ambiente a possibilidade de buscar fonte de renda para o sustento de sua família. O movimento da cheia e da seca nessas comunidades deixa muitos restos de madeira, troncos de árvores, galhos, material necessário para a produção de carvão, sempre muito utilizado. Embora não tenha sido relatado todo o processo dessa produção, o que será contado a seguir mostra que não era tão pequena, bem como a canoa, que conseguia transportar em torno de 300 sacos de carvão.

Participante 01: Para irmos à Manaus tínhamos que ir remando não havia tínhamos que embarcar na canoa e remar até chegar Manaus, eu me lembro que na época ele tinha uma canoa grande, colocávamos de duzentos a trezentos sacos de carvão dentro da canoa e nos remávamos até chegar ao bairro de São Raimundo e o bairro de Educando para vender a nossa produção e era da venda desse carvão que meu pai nos sustentava, dando o seu melhor para não deixar faltar nada para nós.

A mãe de seu Romildo tem um papel fundamental nessa produção. Certamente, era ela quem cozinhava para os filhos e para o marido enquanto este cuidava da produção de carvão. Além disso, seu Romildo cita o gosto dela pelo plantio e certamente pela colheita. Não demorou muito tempo para que tivessem fartura de alimentos provenientes da terra.

A agricultura de subsistência no Amazonas e em outros Estados e municípios é responsável por abastecer os comércios dos grandes centros urbanos, fazendo com que haja sempre a oferta de produtos de boa qualidade na mesa do consumidor. E Hoje, com a cidade se verticalizando, cada vez aumenta a necessidade de que os pequenos agricultores tragam suas produções para abastecer a cidade.

Participante 01: Então nós fomos nos estabelecendo neste lugar que hoje é a comunidade, foram chegando mais pessoas, quando nós chegamos aqui, só tinha um morador, o senhor Raimundo Mota. Fomos organizando a comunidade, foram chegando bastante gente.

É importante lembrar que o senhor Raimundo Mota, morador do lugar, não necessariamente morava perto. O que é perto a partir de um ponto referencial para o homem do campo não é o perto para quem mora nas grandes cidades. Vemos também que depois das duas famílias estabelecidas no lugar, foram chegando as demais pessoas e a necessidade que o homem tem de viver em sociedade levou a organização necessária para que nascesse uma comunidade.

O tempo foi passando e a comunidade foi se desenvolvendo, mais pessoas foram chegando.

Participante 01: Eu desde pequeno gostei muito de futebol, nos finais de semana eu ia para Manaus para jogar bola lá no bairro da Matinha e lá comecei a ter contato com os padres da Matinha. Os padres você sabe como é que é né? Eles me perguntavam como era onde eu moro e a partir daí eles foram me orientado e eu fui organizando a comunidade, eram poucas pessoas que tinham aqui! Nessa questão de organização de comunidade eles são muito bons. Eles disseram:” Romildo, você já pode formar uma comunidade, apesar de ser pequena, mas já dá”.

A saída do lugar onde se vive e o contato com o exterior acrescentam conhecimentos, valores e ideias antes não imaginadas. É a cultura que nos oportuniza tal aprendizado. Sobre ela, Laraia (1986, p. 69) diz assim: “Podemos agora afirmar que existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado de um sistema cultural do outro”, a externa.

Para que seu Romildo tivesse a ideia de criar uma comunidade, ele precisou contar aos padres sobre o lugar onde vivia, o que certamente, sensibilizou-os que o ajudassem, a partir de seus conhecimentos sobre organização de comunidades, a ajudarem seu Romildo a desenvolver o seu lugar de morar.

Participante 01: Apesar de serem poucos moradores, havia muita união entre nós. Depois de alguns anos, o dono das terras apareceu e permitiu que ficássemos morando nas terras dele. Eu conversei com o senhor José Sobreira e com o passar do tempo, ele foi se desarmando e entendendo a importância de os moradores ter um pedaço de terra para morar e deixar de ficar jogado pela beira do rio.

A convivência pode gerar afetividade, esta, por sua vez, pode gerar os laços que em qualquer relação nutre sentimentos bons, sentimentos de querer ver bem o outro, de querer ver suas melhorias. E foi assim com seu Romildo quando intercedeu pelas pessoas que viu chegar ali sem nenhuma expectativa, sem um pedaço de terra para construir. Além disso, certamente, pode rememorar como havia se sentido ao chegar ali: só com uma boa vontade e um sonho.

Participante 01: Cheguei com meu pai e disse: Papai, as pessoas querem formar uma comunidade aqui. O papai disse: “mas meu filho

só com esses pouquinho de gente?” Aí eu disse: “mas papai, com 17 pessoas a gente pode formar uma comunidade”. Aí eu já tinha mais ou menos 15 para 16 anos, fui ficando à frente da organização da comunidade. Chamei os moradores, fiz uma reunião, relatei o que havia combinado com o meu pai, então eles concordaram: “se for bom para nós, pode fazer”, disseram eles. Então, começamos organizar a comunidade, começamos a estruturar a comunidade, mais famílias foram chegando e fomos levando. Comecei a trabalhar com o senhor José Nascimento e aos poucos fui convencendo-o a deixar as pessoas ficarem não era muito assim do gosto dele está na terra dele né?! Mas aí eu fui insistindo, insistindo, até que parece que ele entendeu as pessoas que não tinham onde morar, ficavam jogado pela beira do rio, não tinha um terreno não queria pelo menos um pedaço de terra para morar. Certo dia, o senhor José Sobreira chegou comigo e disse: “- é meu filho, você fala tanto em negócio de comunidade, faça logo esse negócio aí para ver como é que fica”.

A migração de pessoas oriundas das grandes cidades para as comunidades do interior do Amazonas, bem como as da zona urbana de Manaus para a zona rural é um fenômeno que se explica principalmente pela busca de um lugar mais tranquilo para se viver, geralmente são pessoas que já tem uma boa idade, aposentados ou pessoas que não conseguiram entrar no mercado de trabalho. Para Charles Wagley em *“Uma Comunidade Amazônica”* (1969) afirma que;

Uma comunidade nunca é típica de uma região ou de uma nação. Cada qual tem suas próprias tradições, sua história particular, suas variações especiais do modo de vida regional ou nacional. A cultura de uma região ou de uma nação moderna possui uma organização muito maior do que a simples soma das comunidades que a integram. Existem instituições e poderes sociais de âmbito regional, nacional e até internacional, que determinam a tendência de vida de cada pequena comunidade. A igreja, as instituições políticas, o sistema de educação convencional, o sistema comercial e muitos outros aspectos de uma cultura, são muito mais difundidos e mais complexos em sua organização do que parecem quando observados em uma comunidade. (WAGLEY, 1969, p. 43)

Por mais que a geografia do lugar, as características físicas da maioria das comunidades amazônicas sejam parecidas, nenhuma é igual a outra, elas têm suas particularidades, seu modo de organização, seus costumes, crenças, valores e tradições. Algumas comunidades têm mais desenvolvida a tecnologia voltada para a agricultura; outras, a pecuária, e outras, a piscicultura.

Participante 01: Aí eu fui lá na Matinha, comuniquei o padre de lá, aí ele mandou umas pessoas de lá preparadas. Trouxeram um advogado

de lá, foi quando nós fizemos a fundação da comunidade, o ato de criação e de associação de moradores. Fizemos a eleição e o Ademir assumiu a presidência da associação e eu a vice presidência da associação.

E foi assim, segundo seu Romildo, que surgiu a comunidade:

A Comunidade Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro foi fundada no dia 27 de outubro de 1987 pelo Senhor José Sobreira do Nascimento, Ademir Torres da Silva e Romildo Gonçalves de Oliveira. Ela recebeu esse nome a pedido do antigo dono das terras, o Senhor José Sobreira do Nascimento, por ser católico e devoto de Nossa Senhora de Fátima, a qual se tornou Padroeira da Comunidade.

Participante 01: Antes da comunidade ser chamado Nossa Senhora de Fátima, a comunidade teve outro nome, que era comunidade de São José. A minha vontade era que ela fosse chamada São José, mas na hora de fazer a documentação o seu José Sobreira do Nascimento, como era dono das terras, como ele era devoto de Nossa Senhora de Fátima, aí ele decidiu é que seria chamada Nossa Senhora de Fátima.

Percebemos no discurso de seu Romildo, que o nome da comunidade é muito importante para ele. E que não se esqueceu do primeiro nome e o quanto significou. Sua fala mostra que a escolha foi feita por quem tinha poder sobre as terras, como uma forma de ter uma ligação com elas mesmo que tenham sido cedidas posteriormente. Ele se lembra bem de como foram dando forma para a comunidade:

Participante 01: Fomos abrindo os caminhos, a estrada da comunidade, os moradores se reunião, faziam mutirões, limpando os locais das casas e loteando os terrenos. Nos fazíamos o ajuri, mais conhecido como mutirão onde nos reuníamos para fazer os trabalhos em prol da comunidade ou em prol de algum morador.

A prática do ajuri era uma atividade costumeira entre os moradores da comunidade tradicionais, um trabalho coletivo cujo objetivo é o auxílio mútuo entre as famílias na abertura das ruas, demarcações dos terrenos, abertura da estrada e mais tarde no roçado, no plantio, na colheita

e outras atividades onde se fazem necessárias a participação de várias pessoas, era um espaço de solidariedade, sociabilidade e responsabilidade, entre os moradores. A imagem a seguir é dos moradores limpando o lugar onde é a principal rua da comunidade.

Figura 10: Ajuri dos moradores para abrir as ruas e estrada da comunidade



Fonte: Acervo particular da moradora Bruna Melo

A imagem a seguir é da rua principal da comunidade que dá acesso ao porto principal da comunidade e dá acesso a estrada da cooperativa para se chegar à comunidade por via terrestre.

Figura 11: Primeira rua da Comunidade Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Acervo particular da moradora Bruna Melo

Os terrenos eram cercados por toras de madeira e arame. Depois da abertura das ruas e da estrada, iniciaram a construção da escola, do posto de saúde e da igreja.

Para participar da Associação de moradores era preciso fazer um cadastro na associação de moradores. Na imagem a seguir está a ficha de cadastro que os moradores preenchiam, pagavam a taxa de associados. Essa ficha de cadastro ficava arquivada na associação de moradores.

Figura 12: Ficha de Cadastro de associados

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE N.S. DE FÁTIMA
Fundada em 27/10/1967 - CNPJ 228.12220/9001-81 MANAUS -
Rio Tarumã Mirim - Cep 69949-992 - Zona Rural de Manaus - Margem Direita do Rio Negro.
SEMPRE CRESCENDO E VENCENDO COM A AJUDA DE DEUS E DOS HOMENS

CARTÃO DE ASSOCIADO Nº 0044

FICHA DE CADASTRO

N.º Cadastro: 196 Fone/Cel: 912020326

Nome: RAIBACARAS GONCALVES MELLO

End: PS-ELMA RUA LOURDI

Filiação: FERNANDA MONTEIRO DE OLIVEIRA
NELSON GONCALVES FERIAS

Data de Nascimento: 02.10.1951 RG n.º 0375836

Nacionalidade: BRAZILEIRO Naturalidade: AM

CPF n.º 734 792 762-53 Título de Eleitor n.º _____

Zona: _____ Seção: _____ Estado Civil: VUVA

Nome do Conjuge: EDIMUNDO DE CASTRO MELLO

Filhos: () SIM () NÃO Quantos filhos: 6

Profissão: - II - II -

Local de Trabalho: - II - II -

Mora na Comunidade: SIM Há quantos anos? 41

Possui terreno na área rural? SIM Há quantos anos? 41

Quadra: _____ Lote: _____ Local: _____

Qual metragem frente? 50 Fundos: 50 Total: _____

Existe benfeitoria? SIM Quais: 1, 2, 3, 4, 5, 6

Obs.: Comprometo-me a cumprir o Estatuto da Associação e as decisões da Assembleia Geral, a partir do resumo mensal.
Confirmando os dados cadastrais acima citados, responsabilizando-me pelos mesmos. Comprometendo-me ainda a comunicar ao presidente da Associação caso haja alteração em alguns dados para as devidas providências.
1 - O associado que tiver a esmola do direito do uso do terreno através do cadastro feito na associação deverá construir casa no prazo de 90 (noventa) dias, sob pena de perder o resumo de meses.
2 - O associado não terá direito a devolução do valor pago, referente a taxa de cadastro de associação.
3 - O associado não terá direito a devolução do valor referente a taxa de inscrição da comunidade.
4 - Somente o pagamento da taxa de manutenção da associação não dará direito a posse do terreno, a menos que se associe, esteja morando no local ou frequente o regimento.

Fonte: Acervo particular do morador Romildo Gonçalves

Nesta ficha de cadastro continuam os dados do novo morador, as características do terreno adquirido e outras informações pertinente a esse morador. Havia também um carnê. A imagem seguinte é de um dos primeiros carnês dos associados, era usado para pagar as mensalidades da associação de moradores e assim controlar o pagamento que era arrecadado.

Figura 14: Carnê de pagamento dos associados



Fonte: Acervo particular da moradora Bruna Melo

Aos poucos a comunidade foi se organizando e conquistando mais benefícios para a comunidade. Uma das primeiras conquistas depois da conquista da terra foi ter um lugar onde os filhos dos moradores pudessem estudar e ter direito a educação.

2.5 A primeira da escola da comunidade

A educação é um direito de todos, garantido pela a Constituição Federal de 1988, indispensável para o desenvolvimento cognitivo, intelectual, psicológico, social e preparo para o mercado de trabalho. José Carlos Libâneo, na obra "*Pedagogia e pedagogo pra quê?*", (1998) afirma que:

[...] educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social [...] É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de "ser humano". [...] (LIBÂNEO, 1998, p. 22)

É de responsabilidade dos Estados e municípios em parceria com a família. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação do Brasil, sancionada pelo presente Fernando Henrique Cardoso, no dia 20 de dezembro de 1996, artigo 1º diz que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (LDB nº9394,1996)

Os processos formativos são realizados pelas instituições de ensino, neste caso, a escola. Assim como a igreja, a escola tem um papel fundamental na formação do ser humano, é um espaço de socialização e aprendizado.

A escola é uma instituição bem presente e eficaz no ensino das crianças quanto aos cuidados com o meio ambiente. Por meio de socializações e formações continuadas, os professores vão recebendo instruções e conhecimento para repassar aos alunos.

Muda o comportamento de uma sociedade quanto a determinados assuntos, incluído higiene, limpeza do ambiente e boas maneiras no trato com os demais indivíduos requer conhecimento e força de trabalho pela parte do poder público. Em relação a educação, há apenas uma escola da prefeitura.

Participante 01: Ainda não havia um lugar para estudar na comunidade, foi então que apareceu uma missionária dos Estados Unidos, Dona Adélia, ela tinha uma lancha grande e passou um bom tempo aqui no porto da comunidade. Certo dia essa missionária chegou com a mamãe e com papai para perguntar se a gente podia estudar com ela, que ela queria dar aula para a gente, meus pais aceitaram, naquela época ainda não tinha escola próxima. Fomos estudar com ela. Passado algum tempo essa missionária ela teve que sair daqui e retornar para a América porque ela era Americana. Depois fomos estudar com o português que morava numa fazenda, próxima a Comunidade do Abelha, o senhor Antônio de Freitas, estudamos muitos anos com ele.

Nesse tempo, como tinham muitas crianças que não estudavam, o senhor José Sobreira logo percebeu a necessidade de construir uma escola para as crianças estudarem.

Participante 01: Foram duas coisas que foram feitas todas juntas, a escolinha de madeira foi até o São José Nascimento a Igreja Católica de São José Operário. Era bem aqui no lugar desse prédio ao lado da

escola. Depois nós fizemos a sede da associação também próximo da igreja onde nós fazemos as festas as comemorações.

E assim ele fez, com a ajuda dos moradores construiu a escola e a igreja:

Participante 01: Foi o senhor José Sobreira do Nascimento fez a escola, uma casa aí para funcionar a escola, funcionou, só tiraram ela porque como tinha muita criança para estudar e não tinha mais como comportar tantos alunos tivemos que correr atrás dos políticos para construir uma nova escola.

A primeira escola da comunidade se chamava-se Grupo Escolar do Tarumãzinho, foi legalizada através do Ato de Criação Lei 1983/88 (aparece outra Lei nº 355) e reconhecida pelo CME (Conselho Municipal de Educação) Resolução nº 024/89. iniciou suas atividades no ano de 1991.

Figura 15: Grupo escolar Tarumãzinho



Fonte: Acervo particular da moradora Bruna Melo

O prédio da escola era uma casa feita de madeira, telhado de alumínio, piso de tábuas, varanda feita de ripas, parede pintada de branca com detalhes em azul, possuía uma escada de madeira que dava acesso a entrada da escola, tinha uma sala de aula, refeitório, cozinha, sala de diretor, depósito de merenda, depósito de

combustível e uma casinha do gerador de energia. Atendia alunos da Educação Infantil ao 8º ano do Ensino Fundamental.

A energia da escola era através de motor gerador que funcionava nos horários de aula até as vinte uma hora. Esse gerador de energia fornecia energia para a escola e para os comunitários.

A escola contava três funcionários, a professora Sandra Maria de Carvalho Soares, primeira professora da comunidade a dar aula nessa escola. Ela fazia o papel de professora e diretora da escola, com ela trabalhava um auxiliar de serviço gerais, uma merendeira e cerca de cinquenta alunos.

A quantidade de moradores foi aumentando cada vez mais, e o antigo prédio que funcionava a escola foi se tornando pequeno diante da grande demanda de crianças que precisavam estudar. Seu Romildo Gonçalves conta que ao retornar para a comunidade depois de um tempo longe.

A escola que outrora chamava-se Grupo Escolar Tarumãzinho passa a se chamar de Escola Municipal José Sobreira do Nascimento. A Escola Municipal José Sobreira do Nascimento está localizada na Avenida Amazonino Mendes s/n na Comunidade Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro, recebeu esse nome em homenagem ao dono das terras da comunidade, este teve uma importante participação na criação da comunidade.

José Sobreira do Nascimento, patrono da escola, nasceu no Seringal Ceruri pertencente ao Município de Lábrea, Amazonas, filho de José Afonso do Nascimento e de Eulália Sobreira do Nascimento. Em busca de melhorias de vida, deixou o interior do Amazonas e veio estudar em Manaus, formou-se no ano de 1944 e depois de formado retornou para o Município de Lábrea. Anos depois retorna para Manaus para trabalhar como empresário no comércio de Manaus, em Manaus faz fortuna, adquire bens e compra as terras da Comunidade Nossa Senhora de Fátima.

A imagem a seguir é da frente da escola, nela os alunos registram esse importante momento de conquista para o processo educacional da comunidade e para os moradores. Agora havia uma escola com uma estrutura bem melhor do que a primeira. Era um pavilhão construído de alvenaria, telhado de amianto, as paredes eram pintadas de azul e branco com umas linhas vermelhas, azul escuro e azul claro, cores das escolas da prefeitura na época.

Figura 16: Escola Municipal José Sobreira do Nascimento



Fonte: Acervo particular da moradora Bruna Melo

A escola possuía três salas de aula, três professores, uma diretora, um auxiliar de serviço gerais e uma cozinheira. Agora com mais capacidade para abrigar os alunos por um tempo, porém o pavilhão que foi construído com o passar dos anos também se tornou insuficiente para a demanda da comunidade.

Mais uma vez a escola foi ampliada, foram construídos mais dois pavilhões e a quadra coberta, mais a frente será mostrada como a escola está atualmente depois da ampliação e reforma.

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo” e se com o conhecimento podemos mudar o mundo, podemos transformá-lo em um lugar melhor, pois ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar. (MANDELA, 2013, p. 136).

Usar a educação para formar cidadãos para exercer a cidadania e preparar os jovens para o mercado de trabalho é um dos principais objetivos da educação. Mais uma vez a escola foi ampliada, foram construídos mais dois pavilhões e a quadra coberta, mais a frente será mostrada como a escola está atualmente depois da

ampliação e reforma. Na imagem a seguir podemos ver que a escola não tinha mais espaço para abrigar os alunos, eles colocavam as cadeiras fora da escola para que pudessem estudar.

Figura. 17. Área externa da escola



Fonte: Acervo particular da moradora Bruna Melo

Além de uma escola maior a comunidade necessitava de uma igreja e de um posto de saúde.

2.6 A primeira igreja da comunidade

A igreja tem o poder de reunir os moradores da comunidade, quer seja nas missas, nos festejos e nas procissões. Ela tem um papel fundamental na formação da comunidade, pois é um local que serve de abrigo para os fiéis que vão até ela para professar sua fé, suas devoções, fazer orações, confessar seus pecados, batizar os recém nascidos, fazer os votos de eucaristia, de crisma e de casamento. Alfredo Bosi, no livro: *A dialética da Colonização* (1992) diz que:

A possibilidade de enraizar no passado a experiência atual de um grupo se perfaz pelas mediações simbólicas. É o gesto, o canto, a dança, o rito, a oração, a fala que evoca, a fala que invoca. No mundo

do arcaico tudo isso é fundamentalmente religião, vínculo do presente com o outrora-tornado-agora, laço da comunidade com as forças que a criaram em outro tempo e que sustentam a sua identidade. (BOSI, 1992, P.15)

A primeira igreja de São José Operário foi construída em 1973 com a ajuda dos moradores, com uma estrutura de madeira retiradas da floresta, telhado de alumínio, tabuas tiradas com motosserra. Os moradores se reuniram com o objetivo de construir a igreja, o presidente Ademir Torres da Silva, convocou os moradores e assim construíram a igreja. através do ajuri, Gláucio Campos no livro Ethos e figurações na hinterlândia amazônica (2015) diz que:

[...]O ajuri e o puxirum são de fato atividades coletivas, mas quando o homem do interior se refere a ajuri, subentende que o número de pessoas envolvidas na atividade é menor, quando comparado ao puxirum. Prática costumeira, o puxirum envolve crianças, jovens e adultos de ambos os sexos para ajudar uma família. É em suma, uma troca de dia entre membros dessas comunidades e ocorre em plantios, derrubadas, capinas, construções de casa, roçagem e outras situações. O beneficiado e anfitrião que promove o puxirum, é responsável por fornecer a alimentação e bebida aos participantes, necessitando de aprovisionar-se de farinha, carne de caça ou de peixe abundante; para tanto, sai em busca deles nos rios ou nas matas, conforme sua maior intimidade com um desses meios. Se esses ambientes não estão propícios para caça ou peixe, ou por qualquer outra razão que ocupe o anfitrião, abate-se animais domésticos: porco, carneiro, bode, galinhas, patos. No dia do puxirum, os convidados se deslocam para o local – com despesas próprias – em cascos, canoas ou motor de rabeta, munidos de ferramentas específicas para o tipo de atividade, como enxada, enxadeco, terçado para o plantio da roça. Ao chegarem, são servidos de um café com bolacha ou beiju feito de massa de mandioca, mas não é o suficiente para o tipo de trabalho a ser executado. Conforme a tradição manda, faz-se o quebra – merenda ou café reforçado – sendo servido pelas cozinheiras, em paralelo ao café. Peixe ou a carne de caça assada ou cozida acompanhado da farinha de mandioca deverá sustentar os convidados durante o esforço em dias quentes. Enquanto, isso, o feijão, desde cedo, ferve para ser servido no almoço, acompanhado do arroz e do macarrão, pois sabem, os anfitriões, que a associação dos três alimentos faz render a refeição e são muito apreciados pelas pessoas. Enquanto uns comem, outros se reúnem para colocar em dia os assuntos que permeiam a comunidade, a Sede do município e alguns, antenado nas notícias transmitidas pelos rádios, comentam-nas aquelas de destaque no mundo. As gargalhadas entoam de todos ou lados, com maior “silêncio” do ambiente onde se fazem o quebra e as refeições principais. Se observar de perto, as pessoas estão concentradas na comida. Sussurrando, conversando baixo, mas sem risos espalhafatosos. As crianças, que não são poucas, brincam no terreiro, aperfeiçoando suas aptidões perceptivas motoras através de pequenos jogos. Outras de menor idade, dentro de casa, aos cuidados

dos maiores, são embalados na rede de dormir ou brincam de faz-de-conta. Os adolescentes se entrosam entre os adultos ou fazem seus grupos e conversam sobre mulheres, festas e futebol etc. Nesse prazeroso momento de confraternização ao rever amigos, há sempre pessoas que chamam a atenção. Contam piadas e histórias da terra, da vida, do pescador ou caçador que foram ou que conheceram. No encontro de tantos conhecidos, de idades e sexos diferentes, de corridas de meninos, o ambiente entremeado de conversas – altas, baixas, sussurros – é contemplado por risos, ou melhor, gargalhadas. Rir não é proibido, é uma consequência do bem-estar com a vida. Já alimentados, se dirigem para o local da atividade, onde já se encontram os cortadores de maniva. Entre 7:30, 8:00 ou 8:30 horas para os anfitriões mais “descansados”, inicia-se a atividade e cada participante já sabe que função vai assumir: cozinheira, carregador de maniva, cortador de maniva, distribuidor de maniva, cavador, plantadora, aguadeira, carregador de água. (MATOS 2015, p.205)

Sobre o momento relógio, Alfredo Bosi (1992) assegura:

Quanto ao momento religioso realiza lembrança reapresenta as origens repõe no nexos do indivíduo como uma totalidade espiritual ou cósmica o culto dá sentido ao tempo redimindo da entropia cotidiana e da Morte que cada novo minuto decreta sobre o anterior (BOSI, 1992, p.19)

A igreja de São José Operário era o lugar onde os moradores tinham seus momentos devocionais, realizavam as missas, os batizados, os casamentos, as crismas. Era um lugar de encontro entre os moradores nos finais de semana pela manhã, no domingo, sempre vinham padres de Manaus para celebrarem as missas.

Abaixo é o registro dessa igreja onde uma família está batizando seu filho.

Figura 18. Igreja de São José Operário



Fonte: Acervo particular da moradora Bruna Melo

Na imagem acima, atrás das pessoas havia uma miniatura da igreja que anos depois foi construída na comunidade. Senhor Romildo se ausentou por alguns anos da comunidade, foi trabalhar no Careiro Pereira.

Participante 01: Eu saí, passei um tempo fora daqui da comunidade fui trabalhar no Cacau Pereira. Depois de alguns anos, eu retornei para comunidade e eu vi que a escola não tinha mais capacidade para as crianças que queriam estudar. A escola por exemplo. Eles derrubaram a antiga escola de madeira, construíram um pavilhão de alvenaria.

2. 7 O processo de construção do posto saúde

Ao retornar para associação de moradores seu Romildo Gonçalves começa mais uma vez a lutar por melhorias na comunidade, uma situação que era bastante crítica era a saúde da população que sofria com as endemias, principalmente com a malária.

Participante 01: Nós não tínhamos posto de saúde, era muito difícil a questão da saúde aqui, foi uma briga também muito grande. Só tinha posto de saúde na Comunidade do Livramento, um posto construído pela Prefeitura de Manaus, lá o posto foi construído bem antes que aqui e eles queriam que os moradores daqui fossem para o posto de lá. Os moradores venham aqui comigo reclamar “seu Romildo não tem

como nós irmos para lá é muito longe nós temos crianças temos que atravessar o rio com criança, com idosos é muito difícil e são poucas as pessoas que têm canoa, que tem transporte” então eu comecei a lutar para conseguir um posto de saúde para a comunidade. Nós nos reunimos e construímos um quadradinho de madeira para que os profissionais de saúde viessem para a comunidade para atender as pessoas. Só tinha atendimento quando o barco vinha de Manaus e passava aqui, o médico subia e vinha atender nesse lugar que nós tínhamos construído de madeira. Ainda bem que tinha um enfermeiro que morava na comunidade e nos ajudava com os casos mais urgentes.

No ano de 1980, no primeiro mandato de Arthur Neto como prefeito de Manaus, em uma das visitas dele as comunidades ribeirinhas, visitou a nossa comunidade pois havia recebido um ofício que o senhor Romildo havia feito juntamente com os moradores da comunidade, neste solicitava a construção de um posto de saúde.

Participante 01: nós estávamos na casa de farinha tornando farinha no nosso roçado, quando chegou aquele homem na casa de farinha comendo beiju, comendo farinha, ele chamou o meu pai e perguntou, quem é o líder comunitário dessa comunidade? Meu pai disse: é o meu filho, aquele rapaz ali que está sentado. Eu estava sentado em cima de uma caixa de madeira, então ele disse: Rapaz você é muito novo para ser líder! Meu pai disse: É mais ele é um cara muito responsável. O prefeito relatou que tinha vindo olhar a comunidade e ver um terreno para mandar construir um posto de saúde pois recebeu um ofício do presidente da associação de moradores solicitando a construção de um posto de saúde na comunidade. Eu havia enviado um ofício porque a comunidade não tinha posto de saúde e que nós estávamos precisando muito então o prefeito perguntou, onde tinha um terreno para construir o posto de saúde? Meu pai mostrou um terreno bem na subida do porto, do lado direito. Ele olhou o terreno depois de três, quatro dias chegou uma balsa cheio de material para construir o posto de saúde.

Mais uma conquista para os moradores da comunidade que finalmente tinham um lugar para serem atendidos pelos profissionais da Secretaria Municipal de Saúde de Manaus – SEMSA. Em um breve período o posto de saúde ficou pronto. A imagem a seguir é como ficou o posto de saúde. Esse posto anos depois se tornou pequeno e um posto maior foi construído e nesse prédio passou a ser usado como uma base para o atendimento de endemias.

Figura 19: Sede do primeiro posto de saúde da comunidade



Fonte: Acervo particular do pesquisador

O posto é feito de alvenaria, tijolo, cimento, areia, telhado de amianto, paredes embaçadas e pintadas de tinta óleo. Com o crescimento da população e o grande quantitativo de pessoas que vinham para a comunidade nos finais de semana alguns problemas de segurança começaram acontecer na comunidade.

2.8 O posto policial da comunidade

Seu Ademir Torres da Silva se recorda bem de suas lutas em prol do bem comum de todos. Sobre segurança, trabalhava de forma preventiva enquanto esteve como presidente da comunidade. No entanto, cada presidente administra da forma que acha melhor para seu povo.

Participante 2: Na minha época, eu corria atrás de policiamento, a comunidade ela era mais segura, o posto policial da comunidade funcionava, que a minha gestão sempre teve o policiamento, logo que eu saí da associação também saiu todas as policiais da comunidade porque o atual presidente alegou que a comunidade era a segunda que não precisava ter polícia, não tinha droga, não tinha roubo não tinha assalto. Então, os policiais aí foram embora, agora nós estamos aí nessa situação que os nossos filhos não podem nem sair na rua.

Criar filhos aqui na comunidade agora precisa ter muito cuidado, foi uma coisa assim que na criação dessa comunidade nós tivemos muita coisa boa aqui.

Podemos ver como ele demonstra sua insatisfação quanto ao que acarreta o crescimento populacional quando afirma que atualmente as crianças não podem sair nas ruas, e que em tempos anteriores, o da criação da comunidade era bem melhor.

Participante 2: Era uma espécie de delegacia, a segurança era direto. E uma casa, tinha grades e lá ficavam dois, três policiais na entrada, tinha dois quartos, depois de alguns anos derrubaram essa antiga casa e construíram esse posto policial que aí está até os dias de hoje.

A imagem a seguir é de uma casa usada para representar a casa policial relatada pelo o senhor Ademir Torres

Figura 20: Casa policial



Fonte: https://br.freepik.com/fotos-premium/casa-abandonada-com-fundo-de-gato-fofo_28421745.htm#from_view=detail_alsolike

A comunidade Nossa Senhora de Fátima passou e passa por constantes transformações, no modo de viver, nos costumes, nas interações entre os moradores, na forma de pensar, na paisagem, geografia e população e próximo capítulos apresenta essas mudanças.

CAPÍTULO 3 – COMUNIDADE NOSSA SENHORA DE FÁTIMA DO RIO NEGRO NOS TEMPOS ATUAIS

3.1 Características físicas, sociais, geográfica e culturais do lugar estudado

A comunidade Nossa Senhora de Fátima se localiza na confluência do igarapé do Tarumã-Mirim com o Rio Negro. Faz parte da zona rural de Manaus e é distante do Centro aproximadamente 10 (dez) quilômetros. É considerada uma das maiores comunidades em termo de extensão e de contingente populacional, com 1.200 (hum mil e duzentos) metros de frente e 7 km de fundos, e 3010 habitantes, respectivamente, conforme dados coletados no posto de saúde da comunidade pois o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE de 2022 foi iniciado porém não foi concluído.

Figura 21: Área de estudo na Comunidade Nossa Senhora de Fátima



Fonte: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>

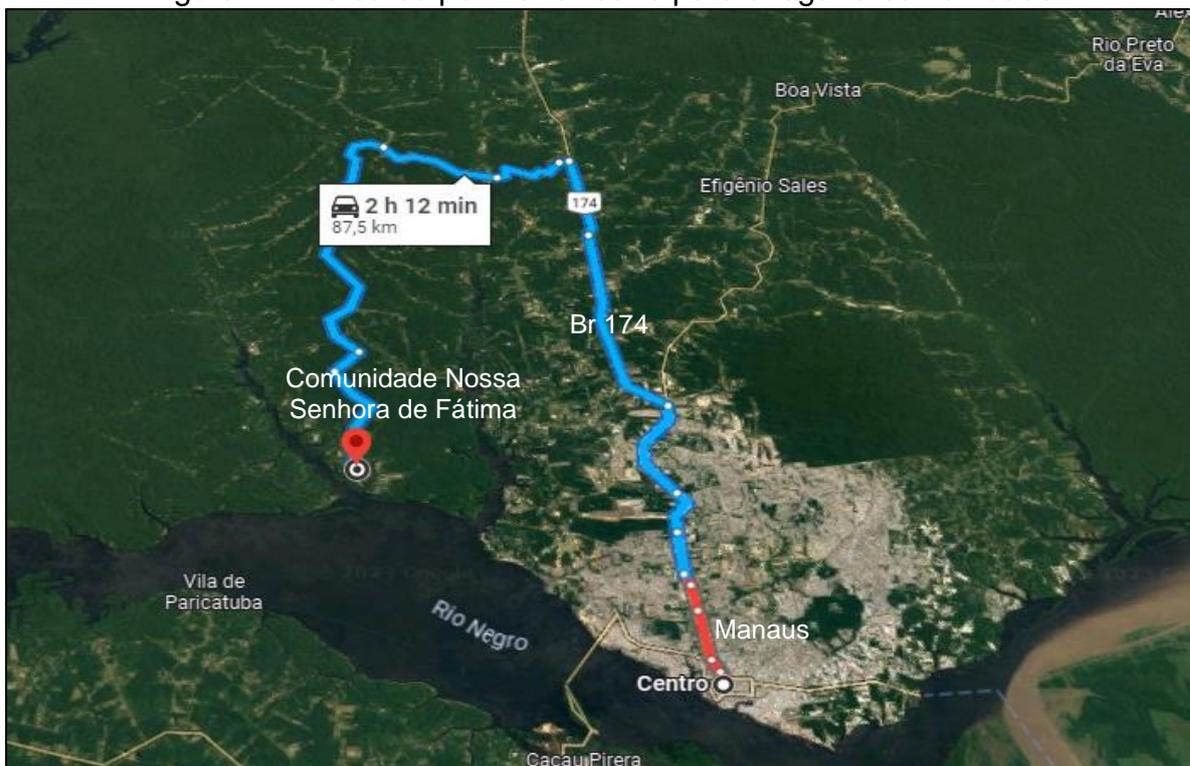
Faz parte do Estado do Amazonas, e até pouco tempo era tratada por seus moradores como se fosse um lugar fora de Manaus. É comum ouvir de seus moradores que vão a Manaus ou voltaram de Manaus. Não costumam dizer que vão

a zona urbana ou voltaram da zona urbana. Não se sentem pertencentes a ela, com exceção aos mais novos. Esse sentimento de pertencimento mostra que o homem que vive em comunidades distantes da zona urbana se sente distante culturalmente da cidade a qual faz parte. E não se trata somente das comunidades rurais de Manaus, é comum ao viajar pelo interior do Amazonas e ouvir das pessoas que moram mais distante do centro esse comentário.

3.2 Do acesso terrestre à comunidade

O acesso para essa comunidade se dá de duas formas. Uma é por via terrestre, através da BR-174 Manaus – Presidente Figueiredo, antigo Km-21, ramal do Pau Rosa; e estrada da Cooperativa dos Produtores do Pau Rosa. Saindo da zona urbana de Manaus e passando pela fiscalização na barreira.

Figura 22: Percurso por via terrestre para chegar à comunidade



Fonte: Google Earth

A seguir, temos uma imagem de como era essa estrada desde sua abertura até o ano de 2021. Em 2023, o governador e o prefeito em parceria, iniciaram a pavimentação do Ramal do Pau Rosa, a estrada da Cooperativa dos Produtores

Rurais do Pau Rosa e há promessa de que a pavimentação chegue até à comunidade.

Em época de chuva, o tráfego de veículos por esse ramal fica mais difícil, pois como o ramal é feito de argila, sem nenhuma cobertura de asfalto ou seixo, acaba se tornando muito liso, causando atolamento dos veículos. Já na comunidade, em 2022, recebeu pavimentação em 1 KM aproximadamente, mesmo parecendo pouco, ajudou bastante os moradores que residem na proximidade da escola e precisam ir a pé, uma vez que sujava todo o sapato.

O asfaltamento em toda a comunidade e estrada beneficiaria bastante no escoamento da produção dos moradores desse lugar e os alunos, pois em dias de chuva se torna perigosa a realização desse trajeto, o ônibus com as crianças desliza muito na argila escorregadia. Assim, os alunos não compareciam às aulas em dias de chuva; ou retornavam quando observavam o tempo mudar, o que, muitas vezes, ocorre rapidamente.

As ruas são estreitas, há pavimentação somente na rua principal que se inicia no porto da comunidade e se estende ao final emendando-se com o ramal da cooperativa. Há moradores que possuem carro, motos e outros bicicletas para trafegar pela comunidade. As motocicletas é o meio de transporte mais utilizado pelos moradores.

A imagem a seguir mostra a estrada principal da comunidade. É por onde o ônibus escolar e demais transportes vindos da zona urbana precisam passar para chegar até ela. Mercadorias para o comércio, material de construção e equipamentos para serem comercializados na comunidade vem por essa estrada. É por ela que a produção dos moradores que ainda plantam, é escoada para as feiras de Manaus. Este ano de 2023 essa estrada está sendo asfaltada pelo governo do estado em parceria com a prefeitura de Manaus.

Se o asfalto chegar até a comunidade, o acesso por via terrestre que leva cerca de duas horas diminuirá a metade do tempo e facilitará a chegada de melhorias para a comunidade.

Figura 23: Estrada da cooperativa



Fonte: Acervo particular

Espera-se que com a chegada do asfalto, os transportes existentes na comunidade possam trafegar com mais agilidade e segurança a exemplo disto é o ônibus escolar que passa para pegar os alunos que moram distante da escola.

Figura 24: Rua principal da comunidade



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Em 2022, a rua principal da comunidade recebeu asfalto da prefeitura municipal de Manaus, em parceria com o governo do Estado do Amazonas. Aos poucos, estão asfaltando a comunidade; e com isso, aos poucos a comunidade vai perdendo suas características originais de comunidade, dando lugar as características de bairro.

O documento ou, ainda, a informação registrada, sempre foi o instrumento de base do registro das ações de todas as administrações, ao longo de sua produção e utilização, pelas mais diversas sociedades e civilizações, épocas e regimes. Entretanto, basta reconhecer que os documentos serviram e servem tanto para a comprovação dos direitos e para o exercício do poder, como para o registro da memória (INDOLFO, 2007, p. 29).

3.3 Do acesso fluvial à comunidade

Por sua vez, para chegar à comunidade por via fluvial, pode-se pegar uma embarcação da Associação dos Profissionais do Transporte Fluvial – ACANDAF, no porto da Marina do Davi, bairro Ponta Negra. Vejamos a imagem a seguir, do porto em tempo em que o rio está cheio.

Figura 25: Porto da marina do Davi em tempo de cheia



Fonte: Márcio Silva/ A Crítica (2023)

A navegação ocorre através do igarapé Tarumã-Açu e Tarumã Mirim, afluentes do Rio Negro. Alguns moradores têm lanchas, rabetas, outros comunitários, que não têm meios próprios, utilizam essas embarcações que transitam pelas comunidades fazendo rotas. O transporte utilizado por essa associação dá acesso a várias comunidades do Rio Negro e outras do Rio Amazonas.

Figura 26: Lancha da Acandaf transportando passageiros para a comunidade



Fonte: Acervo particular do pesquisador

A partir das seis horas da manhã as embarcações começam a sair para levar os passageiros aos seus destinos desejados. É o meio mais utilizado pelos comunitários que não têm carro, moto ou lancha. Essas embarcações transitam pelas comunidades fazendo rotas, a última lancha sai do porto as dezoito horas.

Essas lanchas possibilitam o vai-e-vem de moradores que todos os dias precisam ir a zona urbana de Manaus para estudar, trabalhar, resolver situações pessoais. Não é permitido transportar animais de estimação. O preço da passagem é de acordo com a comunidade em que o passageiro vai ficar, as mais próximas pagam valores menores do que as mais distantes; crianças a partir de cinco anos já pagam.

A vazante do Rio Negro inicia no mês de agosto, é o período em que as águas começam a descer de maneira muito rápida e vai até o mês de dezembro.

Durante esse período, o mês mais crítico para o transporte é o mês de outubro pois o rio seca tanto que nem mesmo as lanchas não conseguem chegar em algumas comunidades devido ao nível baixo da água. Na comunidade em loco, a seca faz com que praias apareçam e possibilitem que moradores caminhem do Igarapé Tarumã-Mirim, aproximadamente por 20 minutos, até chegar onde passa a lancha da

ACAMDAF, perto da Praia da Lua; ou que pague uma catraia que o permita ir até a praia sem tanta dificuldade.

Figura 27. Porto Marina do Davi na vazante que se inicia em agosto



Fonte: o autor (2022)

Na imagem acima o rio está secando ainda. As águas descem bem mais do que isso. Conforme a água vai descendo, o porto que é flutuante vai acompanhando o curso, bem como as embarcações. Apesar de esse local ser estreito, é profundo em tempo de cheia.

Vejamos, a seguir, a imagem desse mesmo porto na seca de 2023, as embarcações e os flutuantes ficaram sobre a terra, foi uma seca nunca vista, no lugar onde havia água deu lugar a uma terra seca cheia de capim.

Figura 28: Marina do Davi na seca de 2023



Fonte: Amazonas/ G1

Em tempo de seca, esse porto fica bem distante da margem. Tanto em altura quanto em distância. É preciso andar bastante com as bagagens para chegar até a embarcação, ou pegar um carro ou uma moto para levar as bagagens até lá. Um dos principais destinos para quem vai se divertir e que faz parte do trajeto para chegar até a comunidade, é a praia da lua.

3.4 Características sociais da comunidade

Quanto à população, no ano de 2022, devido as dificuldades de logística, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE não concluiu o censo, o quantitativo populacional da comunidade foi passado pelo posto de saúde da comunidade, é composta por cerca de 3010 habitantes, 504 famílias cadastradas. É uma população tradicional de amazonenses, indígenas, caboclos, afrodescendentes, migrantes de várias proveniências ribeirinhas e até de outros países. Há moradores indígenas, que vivem em um espaço um pouco mais distante das vias de acesso da comunidade; há venezuelanos, que chegaram recentemente, mas estão, aos poucos, se estabelecendo no lugar; há afrodescendentes, mas a predominância é do caboclo,

palavra muito utilizada pelos comunitários que não são indígenas e nem vieram de outras regiões do país se reconhecem.

Esse termo “caboclo” tem origem no tupi Kari’boca (o que provém do branco), e há também a utilização do termo “caboco” (de kaá-boc; o que provém do mato), homem forte, vistoso. Houve um processo que incentivou a união dos portugueses com as indígenas na Amazônia, e foi oficializado pelo Alvará Régio de 4 de abril de 1755, segundo Francisco Gomes da Silva (2017).

No princípio, o indígena era o detentor de todo conhecimento da Amazônia, ele sabia e sabe quais são os frutos que se pode comer, quais as raízes que se pode utilizar para fazer medicamento natural, qual o cipó que dá água, como navegar sobre os rios, como construir uma casa utilizando somente materiais retirados da floresta, as essências, os animais peçonhentos

A Comunidade Nossa Senhora de Fátima está localizada à margem esquerda do Igarapé do Tarumã Mirim, afluente do Rio Negro. Foi fundada no dia 02 de fevereiro de 1975, pelo Senhor José Sobreira do Nascimento, e por Ademir Torres da Silva e Ronildo Gonçalves Farias.

Muitos deles, homens e mulheres, sabem o tempo de plantar e o tempo de colher, sabem contar as horas a partir da altura e posição do sol, além de por meio deste saber para onde fica suas casas, os rios são conhecidos por eles mesmo que a visão única da embarcação seja o rio e os céus.

É importante observar essa teia do saber. Então, percebemos que mesmo os indivíduos que habitam um mesmo Estado possuem conhecimentos e culturas diferentes. Essas diferenças serão apontadas por meio de figurações⁵.

A pesquisa de campo realizada na Comunidade *in loco* apresenta dados que apontam para o processo de figurações que nos mostram como o indivíduo tem vivido em relação a essa natureza. Sua interdependência é nítida quanto à moradia, à alimentação, à locomoção e ao outro. Para entendermos melhor o conteúdo é necessário nos apropriarmos dos conceitos de figuração e de Ethos. Sobre o primeiro, diz Norbert Elias (1980; PEREZ, 1998) é uma expressão da realidade, um processo de apropriação da realidade social em um conceito do tecido dos vínculos entre os seres humanos, que auxilia no entendimento da separação/oposição entre indivíduo e sociedade como entidades diferentes ao mesmo tempo em que ultrapassa essa dicotomia.

Assim, veremos como se dão as ações, comportamentos e atividades, sem que se atribua o conceito de bom ou ruim, conforme Gláucio Campos de Matos em sua obra *Ethos e figurações na hinterlândia amazônica* (2015) assegura:

São as figurações, por assim dizer, a orientarem os humanos para o capitalismo, o socialismo, para as ações ecológicas ou para o comportamento religioso; para a subsistência, sustentabilidade ou predação a ponto de minar espécie do ambiente e dificultar a permanência do indivíduo no espaço onde estabeleceu sua morada (MATOS, 2015, p.19).

A partir disso, podemos afirmar que as figurações vão recebendo formas com o passar do tempo. Elas fazem parte de um determinado tempo e espaço, e estão intrinsecamente ligadas a eles em relação as leis e normas do lugar que por sua vez vão se estabelecendo, se atualizando e ganhando força a cada ano que passa.

Por sua vez, *ethos*⁴ é o conjunto de costumes dessa população, seus costumes, crenças, ideias, valores que essa comunidade apresenta neste período que compreende este estudo. Na sociologia weberiana o *ethos* é uma configuração de um estilo de vida, de uma ação cultural coletiva, pública e privada, uma auto e intercompreensão que faz com que todos se entendam e apreendam as relações uns com os outros.

A exemplo disso, temos as leis ambientais. As leis em relação às queimadas ganham força, todos os anos conforme as figurações dos indivíduos, mas na comunidade estudada, ninguém é preso por queimar no quintal ou um terreno inteiro para plantar. É comum todos os dias, com exceção dos dias de chuva, a presença de fogo e o cheiro da fumaça dispersado pelos ventos.

Mesmo com a tomada de conhecimento por meio da televisão, de órgãos ambientais e de segurança, que ensinam e advertem verbalmente. Faz parte da cultura daqueles indivíduos queimarem para adubar a terra, embora já haja estudos comprovados da ineficiência dessa ação. É obvio que há outros grupos contrários a essa figuração. E esses costumam não cometer tal ação, mas reclamam, não denunciam e até praticam, se necessário. Isso não é visto como algo que necessite

4. Ethos: Conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região. / b. parte da retórica clássica voltada para o estudo dos costumes sociais.

esconder tanto, embora haja leis de crimes ambientais com punição que de multa e detenção de 6 meses a um ano.

Reparemos que essa diferença de aceitação ocorre entre indivíduos da mesma comunidade. No entanto, em relação ao *ethos*, essa lei é bem nova, é de 1998, pois nenhuma cultura é mudada de uma hora para outra. Antes disso, era comum, aceitável, visto como normal a mesma prática, ou seja, uma figuração que não causava tensão entre esses indivíduos. Passados 24 anos, ainda está em processo essa mudança de comportamento de muitos moradores daquele lugar, e já é uma figuração de conflitos tanto entre moradores do mesmo grupo quanto com grupos com força de lei que tem o dever de proteger o meio ambiente.

E dado o contexto sociocultural, a necessidade de manter a família e se manter, leva-o por pressões de forças ocultas, a ingressar em diferentes figurações com níveis diferentes de poder, cabendo ao indivíduo a autonomia ou uma autonomia relativa para sair dela. Cabe-nos eu a quem interessar, revelar as pretensões, metas, objetivos que movem essas figurações (MATOS, 2015, p.19).

É importante salientar que para que essa prática deixe de existir são necessárias várias ações, tanto da parte de quem participa daquela comunidade quanto por parte de quem proporciona um ambiente seguro. Por que é necessário queimar o lixo no quintal? Quem figura a saúde pública, a limpeza pública assegura esse direito a todos?

Ainda sobre queimadas, na comunidade, há o presidente comunitário que é responsável por manter o bom convívio entre os comunitários e por meio da fiscalização de cumprimentos de normas estabelecidas e votadas por eles próprios nas reuniões de associações, realizadas uma vez ao mês. Essas normas incluem temas como o horário de funcionamento para o som alto, queimadas, compra e venda de locais, invasões entre outros assuntos, e estão em concordância com leis já estabelecidas.

Figura 29: Porto principal da Comunidade



Fonte: Acervo particular pesquisador (2022)

As imagens abaixo mostram como fica parte do leito do igarapé em tempo de seca. Parte dele fica como se fosse uma terra firme, possibilitando o trânsito de veículos. A seca inicia-se no mês de agosto e se estende até novembro, período em que os moradores enfrentam bastante dificuldades na mobilidade pois o rio Negro seca tanto que é possível caminhar pela terra onde dá lugar a água durante o inverno.

Os peixes são os principais prejudicados com a vazante do rio. Este ano de 2023 a seca se agravou ainda mais, levando milhares de peixes à morte por falta de oxigenação na água, os botos também morreram bastante devido à alta temperatura da água. Foi uma perda irreparável.

Como podemos ver, a frente da comunidade fica completamente diferente durante o tempo de seca. A paisagem muda, o solo fica muito seco e em uma boa parte observamos somente a presença de areia em sua composição. Os carros, durante o período da seca, conseguem passar da frente da comunidade, onde em tempo de cheia é coberto por águas. Essa frente fica bem distante de onde a lancha consegue chegar em período seco.

Figura 30: Porto da Comunidade Nossa Senhora de Fátima durante a seca



Fonte: Acervo particular pesquisador (2023)

3.5 A educação escolar na comunidade

A Escola Municipal José Sobreira do Nascimento, oferta os seguintes níveis de ensino da Educação Básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e Ensino Médio.

A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, alternância regular de períodos de estudos, grupos não-seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou por forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar. (LDB nº9394,1996)

O calendário da escola é um calendário diferenciado devido as especificidades das escolas da zona ribeirinha do município de Manaus, devido a enchente do Rio Negro, as aulas iniciam no mês de janeiro e devido a vazante as aulas terminam no mês de outubro, de segunda a sábado para cumprir os 200 dias letivos e as 800 horas. No artigo 23, § 2º da Lei de Diretrizes e Base da Educação do Brasil nº9394/96, afirma

que: “O calendário escolar deverá adequar-se às peculiaridades locais, inclusive climáticas e econômicas, a critério do respectivo sistema de ensino, sem com isso reduzir o número de horas letivas previsto nesta Lei”. (LDB nº9394,1996)

Figura 31: E. M. José Sobreira do Nascimento depois da reforma e ampliação



Fonte: Acervo particular do pesquisador

No turno matutino e vespertino a escola é gerenciada pela Secretaria Municipal de Educação de Manaus – SEMED. No turno noturno a escola é cedida para Secretaria Estadual de Educação – SEDUC, para ofertar o Ensino Médio com mediação tecnológica oportunizando aos alunos a possibilidade de eles concluírem o Ensino Médio sem precisar se deslocar para Manaus para estudar. No artigo 23 da Lei de Diretrizes e Base da Educação do Brasil nº9394/96, afirma que:

Sobre o currículo, a escola faz uso Currículo de Ensino Municipal – CEM, da SEMED, contemplando as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Língua inglesa, Educação física, Ensino religioso e Artes. No artigo 28 da Lei de Diretrizes e Base da Educação do Brasil nº9394/96, afirma que:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às

peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III - adequação à natureza do trabalho na zona rural. (LDB nº9394,1996)

Assim como outros espaços públicos da comunidade, escola também serve de apoio à saúde dos moradores como abrigo para as ações da prefeitura de Manaus, que levam médicos, psicólogos, assistentes sociais, odontólogos, cabeleireiros etc. também em datas comemorativas como dia das crianças, são levados brinquedos para distribuição e são feitas brincadeiras e distribuição de lanches.

3.6 O posto de saúde e o combate às endemias

A comunidade possui ainda, posto de saúde da Prefeitura Municipal de Manaus, gerenciado pela Secretaria Municipal de Saúde de Manaus – SEMSA.

Figura 32: Posto de combate as endemias



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Em seu quadro funcional, conta com clínico geral, dentista, agente de saúde, psicólogos, nutricionista. Alguns desses profissionais são fixos do posto e outros vem a comunidade realizar os atendimentos de acordo com a demanda solicitada pelo diretor da unidade de saúde.

Figura 33: Posto de saúde da comunidade Nossa Senhora de Fátima



Fonte: Acervo particular do pesquisador

O posto oferece agendamento de consultas, exames, extração de dente, vacinação, pré-natal entre outros serviços. Funciona de segunda a sexta feira das setes às quatorze horas, ofertando saúde básicas para os moradores da comunidade.

3.7A religião e as igrejas da comunidade

A igreja exerce um papel fundamental dentro da comunidade, é neste lugar que os devotos e fiéis tem os seus momentos de oração, rezas, agradecimentos e pedidos, renovam a fé a cada encontro, em cultos, missas e novenários. Há igrejas católicas e evangélicas, na igreja católica de São José Operário, as missas são

celebradas aos domingos pela manhã, por padres que vão de Manaus para a comunidade.

+Figura. 34. Igreja de São José Operário



Fonte: Acervo particular

Todo ano, na última semana do mês abril é celebrado o festejo de São José Operário, durante uma semana os comunitários reúnem-se para festejar através de quermesse, missas e festas.

Nesses dias os fiéis saem pelas ruas em procissão, uma forma de proferir o carinho e respeito ao santo padroeiro da comunidade pela manhã. A noite tem as barracas com comidas típicas, o leilão, onde são leiloadas, frango assado, pudim e outras comidas. Os moradores se divertem com o bingo, sorteiam boi, porco, fardo de refrigerante, rancho e outros. Para deixar o festejo ainda mais animado, bandas de músicas da comunidade e de Manaus são convidadas para tocar durante a noite.

As igrejas evangélicas colocam sua fé em prática através de cultos, reunião de célula, reunião de pequenos grupos, encontros, retiros e seminários. Alfredo Bosi, no livro: *A dialética da Colonização* (1992), sobre o culto, afirma que:

Quanto ao momento religioso, realiza lembrança, rerepresenta as origens repõe no nexos do indivíduo como uma totalidade espiritual ou cósmica o culto dá sentido ao tempo redimindo da entropia cotidiana

e da Morte que cada novo minuto decreta sobre o anterior (BOSI, 1992, p.19)

Aos domingos, os fiéis frequentam a escola bíblica, e em seguida o culto da família. Há denominações que saem em grupos de homens, mulheres e crianças, com a bíblia nas mãos pela comunidade pregando a palavra de Deus de porta em porta.

Figura 35: Igreja Adventista do Sétimo Dia



Fonte: Acervo particular do pesquisador (2022)

A igreja também contribui muito para esse fim, além de convencionarem comportamentos, elas também efetuam trabalhos sociais que beneficiam os moradores do lugar. Até o presente momento foram encontradas quatro: Igreja de São José Operário, Adventista do Sétimo Dia, Assembléia de Deus, Igreja Batista Monte Hermom.

3.8 A associação de moradores da comunidade

A comunidade possui associação de moradores, esta foi criada em 27 de outubro de 1987, com o nome da própria comunidade, possui uma diretoria constituída a partir das normatizações do Estatuto da Associação. A imagem a seguir é da atual de da associação.

Figura 36: Sede da Associação dos moradores



Fonte: Acervo particular do pesquisador

A secretaria da associação funciona nos dias de segunda e quarta-feira, das oito as doze horas da manhã e principalmente nos dias das reuniões dos moradores que ocorre a cada trinta dias. Após as reuniões os moradores procuram a associação para pagar as mensalidades. Para votar é necessário ser associado e para tanto é obrigatório pagar uma taxa mensal, cujo valor atual em 2023 é de 12,00 reais (doze reais).

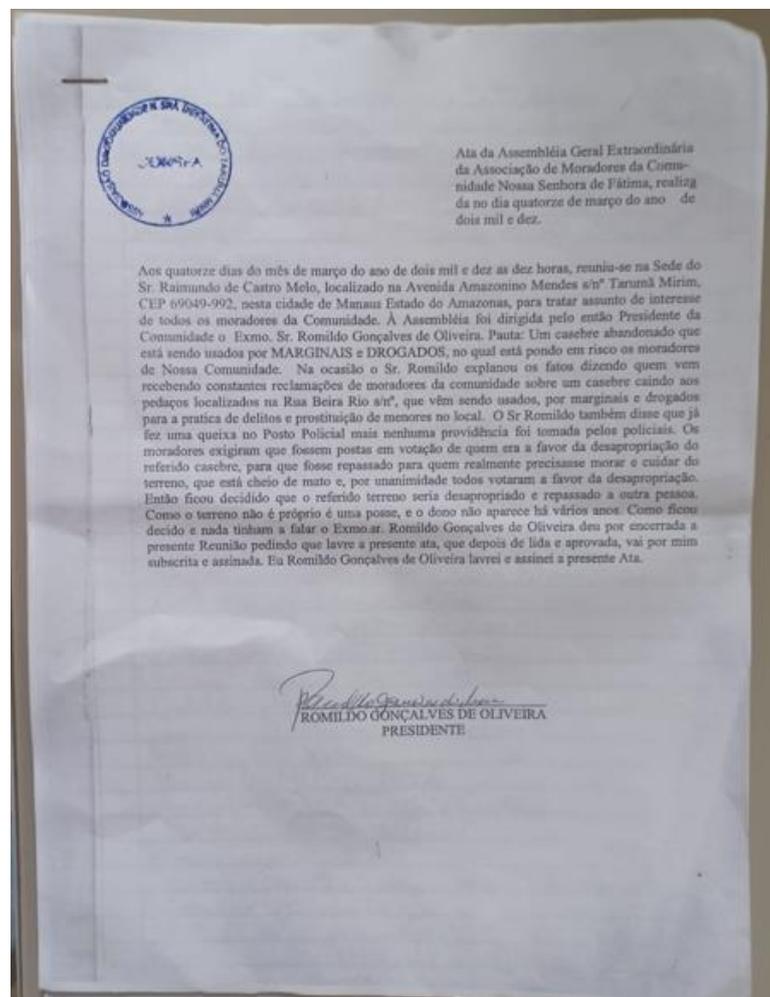
Há cada quatro anos há uma eleição para escolher o presidente, os conselheiros, a equipe em geral. Esta, tem a função de organizar as reuniões mensais, os carnês de pagamento das contribuições para ações e manutenção da associação, repasse de terrenos, expedição de carteira de agricultor e outros serviços.

O presidente, juntamente com sua equipe é que buscam junto aos órgãos públicos melhorias para a comunidade. Essa melhoria é em relação a saúde, a educação, ao lazer, entre outros temas.

3.9 A segurança na comunidade

Para melhorar a segurança dos comunitário, foi construído um posto policial ao lado da associação dos moradores da comunidade, porém não são todos os dias que há policiais na comunidade, somente quando solicitado.

Figura 37: Ata de pedido de policiamento para a comunidade



Fonte: Acervo particular do morador Romildo Gonçalves

A seguir temos uma imagem do atual posto policial da comunidade, os policiais tiram serviços na comunidade durante o dia, eles vêm pela estrada da cooperativa pela manhã e retorna para a cidade de Manaus no final do dia.

Figura 38: Posto policial da comunidade



Fonte: Acervo particular do pesquisador

3.10 A divisão do trabalho

Em relação à divisão do trabalho, há profissionais de vários ramos, são: agricultores, pescadores, caseiros, avicultores, piscicultores, pecuaristas, catraieiros, comerciantes, donas de casa, agentes de saúde, professores, pastores, motoristas, monitores de ônibus e condutores de embarcações. Muitos trabalham em atividades diferentes, de acordo com o regime das águas, em época de defeso, pescadores passam a plantar, a tirar madeira, a carregar materiais de embarcações, a limpar terrenos entre outros.

Figura 39: Moradores cavando buraco para colocar a caixa d'água



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Ainda há produtores de farinha, poucos mais ainda tem, a farinha produzida é para o próprio consumo da família dos produtores, poucas vezes é comercializada, dentro da própria comunidade, ali na casa de farinha onde está sendo produzida. A seguir, um comunitário torrando farinha em um forno de ferro, sobre uma estrutura de barro e para o fogo são utilizadas toras de madeira seca retiradas do roçado.

Figura 40: Agricultor torrando farinha



Fonte: Acervo particular do pesquisador

A farinha é um dos alimentos mais consumidos por quem mora nas comunidades do interior do Amazonas.

Durante o processo do cultivo da matéria prima da farinha, neste caso a mandioca, há necessidade de que o terreno no qual foi plantada, seja limpo para que a roça tenha um melhor desempenho e possa desenvolver um quantitativo maior de mandiocas. O terreno que outrora era limpo com foice, terçado ou enxada agora é limpo com roçadeiras. O serviço que demorava horas e horas para ser concluído, agora, com o uso da roçadeira é realizado em tempo mais hábil.

Figura 41: Agricultor limpando roçado



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Além da produção de farinha, ainda há moradores que cultivam plantações de banana, na imagem a seguir está o senhor José Ferreira exibindo a sua produção, plantada no próprio terreno de sua residência.

Figura 42: Produtor de banana



Fonte: Acervo particular do pesquisador

A produção rural desses produtores é vendida na comunidade mesmo, eles trazem a produção de carro para o porto da comunidade onde são comercializadas e a seguir falaremos sobre os meios de transporte existentes na comunidade.

3.11 Os Meios de transporte utilizados na comunidade

Há moradores que possuem meios de transportes terrestres próprios, como: carro, moto, bicicleta, cavalo e triciclo.

Figura 43: Motorista do ônibus escolar transportando alunos no período da seca



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Em 2023, a seca afetou diretamente os alunos que moram no rio e precisam se deslocar até a comunidade para estudar. A foto acima mostra o motorista transportando alunos no triciclo. Devido à seca, a lancha que parava no porto da comunidade passou a parar próximo à Praia da Lua, uma distância de quarenta e cinco minutos de caminhada.

Há moradores que possuem motocicletas, esses transportes são utilizados para os moradores transitarem pelas ruas e ramais da comunidade, pegar e deixar mercadorias, para pegar e deixar passageiros no porto da comunidade. O combustível para abastecer esses meios de transporte é comprado de terceiros na própria comunidade ou em postos de gasolina existentes no rio negro.

A imagem abaixo é de um morador, o senhor José Ferreira, mais conhecido como Zé da Luz, em sua motocicleta ele resolve situações do seu cotidiano pela comunidade, usa a motocicleta para deixar sua esposa no posto de saúde e as pessoas no porto da comunidade que precisam ir para a zona urbana da cidade. Esse meio de transporte não costuma ser utilizado corretamente com os itens de segurança, como sapatos fechados e capacetes.

Figura 44: Morador andando de motocicleta



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Os moradores possuem também meios de transporte aquáticos como: canoa, lancha, barcos de pequeno e médios porte, que durante o inverno fazem viagem para a zona urbana, para outras comunidades do Rio Negro e Rio Amazonas, e até outros municípios próximos.

Figura 45: Embarcações e carros no porto da comunidade



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Durante o verão estes transportes ficam ancorados no porto da comunidade. Passam por reformas e manutenções para que ao subir das águas estejam prontos para aguentar mais um ano de serviço.

3.12 Os espaços de lazer na comunidade

Aos finais de semana, depois de uma jornada de trabalho e afazeres, os comunitários procuram lugares de lazer para ficar. Sobre o lazer, Norbert Elias e Eric Dunning, na obra *A busca pela excitação* (1992) dizem que:

O lazer é a única esfera pública em que as decisões individuais podem ser tomadas considerando, antes de tudo, a satisfação agradável de cada um constitui já um passo em frente no sentido do afastamento desse bloqueio. (ELIAS e DUNNING, 1992, p. 140)

É o momento em que eles procuram esquecer por umas horas das obrigações com o cultivo da terra, com os trabalhos mecânicos. Norbert Elias e Eric Dunning (1992) dizem ainda que o lazer pode ser uma ocupação escolhida livremente por um indivíduo ou vários, e não remunerada – escolhida, antes de tudo, porque é agradável

para si mesmo. Apesar de sabermos que o lazer pode trazer dores sobre o corpo, mas enquanto estamos numa atividade de lazer poucos são os que se lembram das obrigações do dia seguinte.

Na comunidade há quadras, campo de futebol, balneários, e nas proximidades as praias funcionam como espaços de lazer para os comunitários. As quadras servem para praticar de atividades físicas e esportivas, eventos da associação de moradores. A imagem a seguir é da quadra poliesportiva da Associação de Moradores da Comunidade Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro, está localizada próximo à sede da associação, ao lado do comercio que vende material de construção do senhor José Iram.

Figura 46: Quadra esportiva da associação de moradores



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Esta quadra, pintada de tinta óleo azul e preto, possui uma estrutura de ferro, coberta de telhas de zinco. O piso é feito de concreto com cimento queimado, pintado de amarelo e verde com linhas de demarcação na cor branca. As paredes são feitas de tijolos e cimento, pintadas de tinta na cor branca. O terreno da quadra é delimitado por uma cerca de ferro pintada com tinta óleo na cor amarela que serve de muro.

Na sequência, temos mais um espaço de lazer da comunidade, o campo de futebol, onde ocorrem os jogos entre moradores da comunidade e de outras

comunidades vizinhas que vêm competir. Geralmente, os jogos oficiais acontecem nos finais de semana. Há torneios, campeonatos e nessas competições os prêmios são porcos, cerveja, dinheiro ou até um boi inteiro. Sobre o desporto, Norberth Elias e Dunning (1992) dizem que:

O desporto, tal como outras atividades de lazer, no seu quadro específico pode evocar através dos seus desígnios, um tipo especial de tensão, um excitação agradável e, assim, autorizar os sentimentos a fluírem mais livremente. Pode contribuir para perder, talvez para libertar, tensões provenientes do stress. O quadro do desporto, como o de muitas outras atividades de lazer, destina-se a movimentar, a estimular as emoções, a evocar tensões sob a forma de uma excitação controlada e bem equilibrada, sem riscos e tensões habitualmente relacionadas com o excitação de outras situações da vida, uma excitação mimética que pode ser apreciada e que pode ter um efeito libertador, catártico, mesmo se a ressonância emocional ligada ao desígnio imaginário contiver, como habitualmente acontece, elementos de ansiedade, medo — ou desespero.(ELIAS e DUNNING,1992, p.61)

É o momento em que os apreciadores de futebol se reúnem para brincar e interagir com outras comunidades, a rivalidade entre os times é notável, ninguém quer sair perdendo.

O jogo também pode criar elevados níveis de excitação, e o fulcro dessa excitação é o confronto — um confronto simulado com uma bola — entre elementos masculinos que representam duas comunidades. (ELIAS e DUNNING, 1992, p.386)

Esses torneios são em forma de pênaltis, jogadores em duplas ou individual e chega durar até 24 horas iniciando pela manhã e se estendendo pela à noite, até o amanhecer do dia.

No futebol, o nível da tensão pode diminuir não só devido as características distintivas dos coletivos ou dos seus membros individuais, mas também pelo conjunto de características da configuração que formam entre si. (ELIAS e DUNNING, 1992, p.293)

A prática do esporte é um fenômeno social, este tem o poder de causar oscilação em nossos sentimentos no curto período de duração. Fato que faz com que esses eventos esportivos atraiam muitas pessoas. O nível de tensão é esperado durante as partidas de futebol, é um mix de emoções que o corpo recebe enquanto os jogadores estão em campo disputando os jogos. Durante as competições entre as comunidades, as torcidas ficam numa euforia, cada qual torcendo por sua

comunidade. Veremos a seguir uma imagem do campo principal da comunidade onde ocorre essas competições.

Figura 47: Campo de futebol



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Este campo fica bem no meio da comunidade, ao lado da estrada principal da comunidade, tem cerca de dois mil metros quadrados, as traves são de madeira retiradas da floresta, as partes inferiores das traves são enfiadas na terra e as partes superiores são seguras por pregos. Além desses locais de lazer já apresentados, os moradores costumam frequentar a Paia da Lua nos finais de semana.

A praia da Lua é o local mais frequentado pelos moradores, geralmente nos finais de semana para o lazer. Para chegar à Paria da Lua é necessário pegar uma lancha no porto da comunidade ou ir com o seu próprio transporte para aqueles moradores que tem. Já quem vai de Manaus precisa ir para a Marina do Davi, pegar uma lancha, pagar oito reais para ir e oito reais para retornar.

Neste local há venda de comida, bebida, aluguel de barracas, aluguel de boias para brincar na água, vestimentas de banho, as pessoas que trabalham na praia da Lua vivem lá mesmo, só vem a Manaus comprar as coisas que acabam. As vezes os banhistas, principalmente os que são de Manaus, levam barracas de acampar e dormem na praia, e retornam somente no outro dia.

Figura 48: Praia da Lua



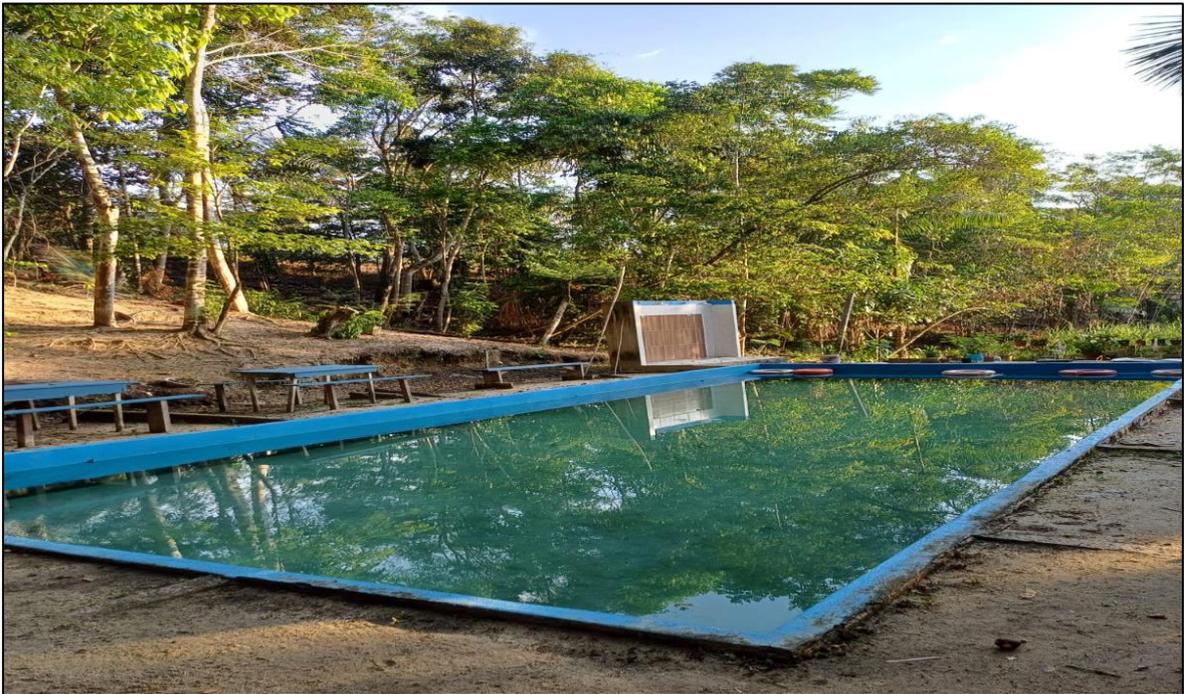
Fonte: Acervo particular do pesquisado

Além dos lugares de lazer já apresentados, há nas comunidades os balneários que funcionam nos finais de semanas, são lugares com piscina, chuveiro e pequenas barracas onde as pessoas podem ficar sentadas ouvindo música ao vivo, tomando cerveja e comendo as comidas vendidas pelo restaurante do balneario. Para entrar nos balneários é cobrado uma taxa de acordo com o local. Sobre a ocupação do tempo livre, Nobert Elias e Eric Dunning (1992) afirma que:

Seria possível esboçar uma tipologia correspondente de formas de ocupação fora do tempo livre baseadas no mesmo quadro teórico de referência e apresentar não só a diferença mas, também, a continuidade do espectro do trabalho e do espectro do tempo livre. Num dos limites da escala, situam-se tipos de trabalho quase total com o próprio corpo, por exemplo, comer, beber, descansar, dormir, fazer amor, fazer exercícios, lavar-se, tomar banho, resolver questões relativas a alimentos e a doenças. (ELIAS e DUNNING, 1992, p.147)

Na imagem a seguir é o Balneário do Buriti, fica próximo ao campo de futebol da comunidade. Este balneario é bem frequentado pelos moradores que buscam um lugar para se divertir.

Figura 49: Balneário do Buriti



Fonte: Acervo particular da moradora Ana Cristina

Sobre o riso, Norbert Elias e Eric Dunning (1992) diz que:

O desporto não é, decerto, a única forma pela qual a disposição biológica de libertação das tensões provenientes do excesso de stress pode ser socialmente ativada e padronizada. Uma destas disposições humanas naturais mais elementares e universais é a propensão para o riso. Como o sorriso, o riso é basicamente, uma forma pre-verbal de comunicação que não é aprendida e, desse modo, presume-se que, em termos evolutivos, é bastante antigo. É flexível, isto é, modifica-se através da experiência, embora não seja, de modo algum, na mesma medida da instituição biológica que forma a base natural da comunicação verbal. O riso, como uma instituição biológica, ainda que seja, sem dúvida, derivado de antecedentes pré-humanos, é característico da singularidade do ser humano. (ELIAS e DUNNING, , p.97)

Durante o lazer, as pessoas riem, se divertem, colocam a conversa em dia para que no outro dia voltem a rotina de trabalho. Como em todas as comunidades, a comunidade estudada tem problema com o lixo produzido pelos moradores. Veremos então como se dá a dinâmica do lixo na comunidade.

3.13 O lixo na comunidade

Na comunidade existem algumas lixeiras nas vias públicas para que os moradores depositem seus lixos para que os garis recolham e levem para a balsa

que passa uma vez por mês para fazer a retirada desse lixo. Há moradores que costumam queimar o lixo no próprio quintal, ação que prejudica não só o próprio morador mais também seus vizinhos com a fumaça causada pela queima do lixo. Na imagem a seguir temos uma lixeira que pertence a uma loja de material de construção; essa lixeira foi feita de um tambor de zinco de duzentos litros, com uma estrutura de ferro como suporte para sustentar a lixeira e para conservar a lixeira foi pintada de tinta óleo na cor amarela e identificada com letras em vermelho.

Figura 50: Lixeira de via pública



Fonte: Acervo particular do pesquisador

A balsa coletora de lixo é de uma empresa que presta serviço para a prefeitura de Manaus, ela passa de comunidade em comunidade recolhendo o lixo. Chega a impressionar o quantitativo de lixo coletado, quando essa balsa não passa no porto da comunidade para coletar o lixo fica exposto aos animais que acabam se alimentando dos restos de comida, urubus, gatos, cachorros procuram o lixo, rasgam os sacos, situação que causa um odor desagradável para os moradores da comunidade.

Figura 51: Balsa coletora de lixo das comunidades do Rio Negro



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Levando em consideração a população local, seria necessário que esse recolhimento fosse feito diariamente. Não que essa falta justifique a ação de queimar no fundo do quintal, mas interpretamos que ela seja um fator que contribui para tal prática. Reparemos também que 24 anos é pouco tempo para essa mudança de comportamento.

3.14 O abastecimento da água

A comunidade possui um poço artesiano onde os moradores que não possuem água mineral em suas residências se deslocam até esse poço para abastecer suas residências com essa água para beber. É uma caixa d'água de ferro pintada de tinta verde por fora, suspensa por uma estrutura de ferro a qual a mantém no alto. Há uma mureta feita de alvenaria e cerâmica com várias torneiras para que os moradores encham os baldes e garrafas com água potável.

Figura 52: caixa d'água da comunidade



Fonte: Acervo particular do pesquisador

A maioria das casas possui água encanada e utiliza caixa d'água suspensa por toras de madeira, no quintal das casas, dessas caixas a água é distribuída para dentro das casas.

Figura 53: caixa d'água das casas



Fonte: Acervo particular do pesquisador

3.15 As figurações do comércio local

O comércio na comunidade tem uma variedade de mercadorias vindas de Manaus, as mercadorias sofrem um aumento devido a logística para chegar aos comércios da comunidade. Geralmente os comércios funcionam na frente das residências dos comerciantes. A foto a seguir é do Mercadinho Beija-flor, esse mercadinho fica na rua principal da comunidade próximo a igreja católica de São José Operário.

Figura 54: Mercadinho Beija-flor



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Há comércios que funcionam como uma espécie de distribuidora e vêm os produtos mais consumidos nos finais de semana como carvão, cerveja, calabresa, refrigerante, melitos e frutas, a seguir veremos a imagem do primeiro comércio que encontramos logo ao subir o porto da comunidade. Esse comércio fica de frente para a escola Municipal José Sobreira. Os moradores aos finais de semana quando vão pescar ou para a praia, param nesse comércio para comprar as mercadorias que precisarão consumir durante o lazer.

Figura 55: Mercadinho J. Y



Fonte: Acervo particular do pesquisador

3.16 As características das moradias

Quanto a características das casas, estas são feitas de madeira retirada da floresta ou compradas na própria comunidade ou comprada na cidade de Manaus; os telhados são de palha, alumínio ou amianto; há casas mistas, com pisos de alvenaria e paredes de madeira; e há as que são feitas de alvenaria com telha de alumínio ou amianto.

Há também moradores que vivem em casa flutuantes no porto da comunidade, esses flutuantes são comprados e trazidos por barco e sevem de moradia, de comercio, de restaurantes ou de local para as pessoas da cidade frequentar para tomar banho e curtir nos finais de semanas.

Figura 56: Casa flutuante



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Figura 57: Casa de alvenaria construída na comunidade



Fonte: Acervo particular do pesquisador

As que são bem próximas ao rio, não são imediatamente sobre a terra. São construídas com sobre os esteios de madeira enterrados na terra, de modo que na cheia a água não alcance o assoalho da casa. Desse mesmo tipo de construção há na estrada, no entanto a função é outra: que a onça ou outro animal não alcance.

Figura 58: Casa de morador de sítio



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Ainda há moradores que usam fogão a lenha, como era no início da comunidade, esses moradores vivem em sítios, decidiram se retirar da comunidade devido as novas configurações que a comunidade adquiriu com o passar dos anos. O sossego que outrora reinava foram trocados pelas músicas altas ouvidas nos aparelhos de som, a liberdade de dormir com as janelas das casas abertas foram impedidas devido os furtos dos pertencem desses moradores que querem continuar com uma vida pacata. A imagem a seguir é de um fogão a lenha de uma casa de sítio.

Figura 59: Fogão a lenha de casa de sítio



Fonte: Acervo particular do pesquisador

Esses moradores ainda plantam roça, fazem farinha como antigamente, não deixaram seus costumes de viver na roça, ainda possuem casas de farinha para o beneficiamento da mandioca na produção de goma, farinha, tapioca, mesmo que só seja para o próprio consumo da família, eles ainda sentem prazer em cuidar da terras, das plantas e dos igarapés onde tomam banho.

Figura 60: Casa de farinha



Fonte: Acervo particular do pesquisador

3.17 A seca de 2023

O ano de 2023 marcou a história e as memórias dos moradores da comunidade Nossa Senhora de Fátima do rio Negro. Foi a maior seca registrada durante todos esses anos no Estado do Amazonas. As águas que costumavam descer no mês de outubro secaram de uma forma em que as aulas na comunidade precisaram ser encerradas antes do ano letivo acabar pois a lancha que passa para pegar os alunos no rio não conseguiu mais navegar. Geralmente a seca inicia-se no mês de agosto e se estende até novembro, período em que os moradores enfrentam bastante dificuldades na mobilidade pois o rio Negro, seca tanto que é possível caminhar pela terra onde dá lugar a água durante o inverno.

As imagens abaixo mostram como fica parte do leito do igarapé em tempo de seca. Parte dele fica como se fosse uma terra firme, possibilitando o trânsito dos moradores pelo leito do igarapé.

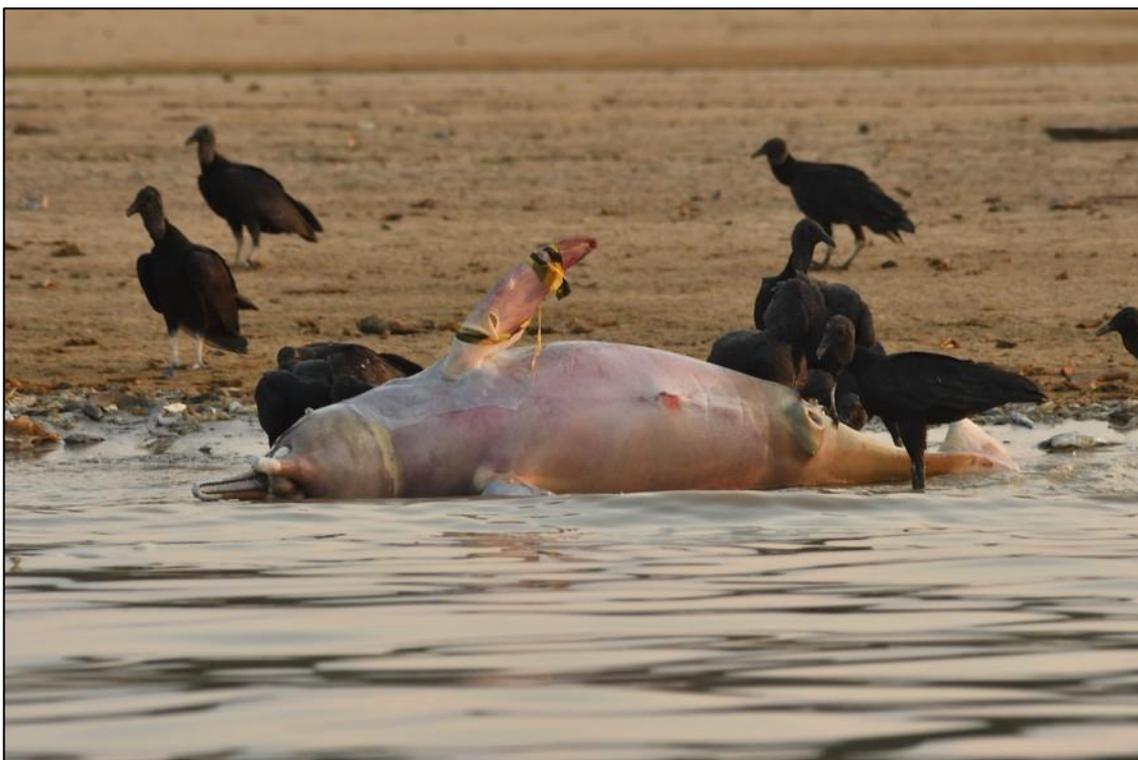
Figura 61: Igarapé Tarumã-mirim durante a seca



Fonte: Acervo particular do pesquisador

As canoas utilizadas para pescar ficaram sobre a terra, esperando água subir para mais uma vez serem usadas. Os peixes são os principais prejudicados com a vazante do rio. Este ano de levou milhares de peixes à morte por falta de oxigenação na água, os botos também estão morrendo devido ao calor da água.

Figura 62: Boto morto devido a seca do rio Negro em 2023



Fonte: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/10/03/>

A imagem abaixo é de professores se deslocando para a comunidade para ministrar aula na escola da comunidade. Devido à forte seca, para se chegar à comunidade, o que antes demorava cerca de 20 minutos, se estende para quase uma hora devido a caminhada pelo leito do rio Negro e do Igarapé do Tarumã-mirim.

Figura 63: Igarapé Tarumã-açu durante a seca de 2023



Fonte: Acervo particular pesquisador

Esta comunidade tem muita coisa para ser estudada, a seca por exemplo é um fenômeno que mexeu com a vida de todos que vivem na região do Rio Negro, é um assunto que quem sabe futuramente se tivermos oportunidade de continuar estudando essa comunidade. Chegar ao final de uma pesquisa não é tarefa fácil pois a vontade é escrever, escrever e continuar escrevendo mais é preciso que haja um encerramento, a seguir estão as considerações finais sobre esta pesquisa, nestas apresento os resultados obtidos com a pesquisa.

Ao final de toda conclusão da pesquisa, como prometido, retornaremos à comunidade para que seja feita a socialização dos registros, em reunião com os moradores na associação de moradores, será entregue um exemplar da dissertação para a associação de moradores e um exemplar da dissertação para a escola da comunidade para consultas a quem interessar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar comunidades amazônicas é poder adentrar um universo de diversidades: culturas, valores, crenças, vivências e sabores. Estudar o homem caboclo que vive na margem do Rio Negro é um grande privilégio, o contato com ele nos fez enxergar a vida na zona rural com um novo olhar.

No início da pesquisa de campo, muitos pensamentos, muitas incertezas vieram sobre a mente do pesquisador. A começar pelo o acolhimento na comunidade estudada, os olhares desconfiados sobre o pesquisador, do primeiro fio da cabeça até a ponta dos pés, que mesmo já sendo conhecido na comunidade a curiosidade batia por saber o que seria feito naquele lugar.

O desafio inicial foi pensar em um modo de deixar registros para os moradores sobre o lugar onde eles moram, de suas procedências, desse modo, fazendo com que tenham uma identidade, que se sintam vistos juntamente com seu lugar de pertencimento. Para que em um tempo futuro possam ter palavras para responder a perguntas sobre seu lugar de cultura.

Para isso foi dedicado um bom tempo de pesquisa e de estudo sobre o lugar. Inicialmente através de reuniões, conversas, parcerias, indicações das pessoas para participarem da pesquisa, foi todo um tempo de conquista e geração de confiança para pudéssemos adentrar as casas.

Posteriormente, passamos a ir à casa dos moradores para realizar as escutas, as fotografias, as assinaturas dos documentos e com isso dávamos início aos registros da história e da memória do lugar. A cada história de vida contada, a cada trajetória de vida, a cada fotografia mostrada, a cada documento apresentado ia dando composição a pesquisa.

Após a tomada de informações, levantamentos e coletas chegamos aos resultados obtidos pela pesquisa. Através desta pesquisa foi possível perceber que: A comunidade tem perdido as configurações de comunidade, adquirindo características de bairro. Uma das questões que mais é relatada pelos moradores é a questão do ajuri, mais conhecido como mutirão, ação que era realizada entre os moradores para construir casas, roçados. A limpeza da comunidade era feita pelos moradores durante os mutirões, porém essa atribuição de acordo com os novos moradores, que pensa a comunidade como sendo um bairro, é de competência da Secretaria Municipal de Limpeza Pública – Semusp, da prefeitura de Manaus e não

deles; Agora, todo e qualquer serviço que se precise realizar na comunidade as pessoas só vão se o dono do serviço tiver condições financeira para pagar, não se paga mais serviço com serviço com era antigamente. As trocas que havia sobre os alimentos é algo que também pouco vimos, antes, um morador ao matar uma caça ou pegar peixes, por exemplo, ao chegar, dividia a carne ou o peixe com o seu vizinho, agora essas coisas são vendidas; Os moradores mais velhos estão saindo da comunidade e adentrado os vicinais em busca de sossego, silêncio e uma forma de viver como se vivia no início da comunidade; O contato dos moradores com a cidade tem modificado os comportamentos dos mais jovens; O acesso às informações por meio da televisão e da internet tem aumentado cada vez mais o número de pessoas que tem adquirido planos de internet e tv com acesso à internet e streamings; Foi percebido que os registros da história da comunidade estavam nas fotografias, nas casas, nas falas, nos documentos e na memória dos mais velhos.

As crianças da comunidade não conhecem a história da comunidade por eles, pela voz dos moradores antigos, não se sentam mais para ouvir as histórias das pessoas mais antigas da comunidade. Através da coleta das narrativas foi possível fazer uma análise comparativa da narrativa do *entrevistado 01* com a narrativa do *entrevistado 10*, este por sua vez se apresenta e diz que:

Entrevistado 10: Meu nome é Mateus Pinheiro Leite, tenho 13 anos, nasci no dia 21 de novembro do ano de 2009, em Manaus, Amazonas. Sou filho de Israel Leite, motorista de ônibus escolar e Raquel Pinheiro, monitora de ônibus escolar, Amazonas, moro na comunidade Nossa Senhora de Fátima com o meus pais desde o meu nascimento em 2009, estudo na Escola Municipal José Sobreira do nascimento. Minha casa é feita de madeira e coberta de telhas de amianto, paredes de tabuas, varandas e escada, nesta casa moro com os meus pais e minha irmã.

Esse lugar de pertencimento trazido pelo *entrevistado 10* nos dar uma notada diferença entre o atual lugar e o lugar onde o *entrevistado 01* vivenciou ao chegar à comunidade, qual relata que era um lugar que não tinha nada, somente mato e algumas arvores frutíferas que foram plantados por outras pessoas que alí já haviam vivido.

No trecho a seguir da narrativo do participante 10, sobre a mudança na forma de brincar e brincadeiras, ele diz que:

Entrevistado 10: Aqui na comunidade nos brincamos, às vezes, de manja pega, manja trepa, futebol, queimada, mas gosto mais de assistir desenho no celular, brincar de jogos online, e assistir desenhos e filmes na Netflix.

Enquanto o entrevistado 01 a brincadeira de brincava de futebol no campo era a principal forma que as crianças tinham para brincar, com o tempo foi trocado pelo entrevistado 10, por jogos em plataformas digitais com uso da internet. As ruas que outrora eram de barro, feitos pelos moradores, agora o entrevistado 10, sem saber como eram essas ruas antigamente e afirmar que:

Entrevistado 10:As ruas da comunidade são feitas de tijolos e asfalto, quer dizer, a rua principal, as demais ruas não são asfaltadas.

Sem fazer um comparativo por não ter ouvido falar, ou por não ter curiosidade em saber como eram as ruas. Várias foram as mudanças que ocorreram durante todos esses anos, desde a fundação da comunidade, mudanças de comportamentos, de formas de ver e viver a vida, a vida passou a passar mais depressa.

O *entrevistado 10* relata que não sabe contar como que a comunidade começou pois os avós dele moram muito longe da sua casa, moram num ramal longe da comunidade, então podemos perceber que há pouco contato desse jovem com os primeiros moradores daquele lugar e ele diz também que poucas vezes ele vai visitá-lo. Diz ainda que ele nunca pediu para que eles contassem como começou a comunidade então percebe-se um desinteresse tanto por parte dos seus avós que conhecem a história da comunidade quanto pelo entrevistado 10 que não tem esse interesse em saber como a comunidade começou, o interesse dele agora é essa questão de internet, jogos e plataformas de streaming, e ele relata:

Entrevistado 10: Eu não sei contar como essa comunidade começou pois os meus avós moram lá para dentro do ramal e eu pouco vou visitá-los, tenho pouco contato com eles e eu nunca pedi para eles me contarem como começou essa comunidade, eles nunca me contaram a história desse lugar e eu nunca tive a curiosidade de saber como essa comunidade foi fundada. Meus pais também não sabem contar como a nossa comunidade começou pois quando eles chegaram aqui, a comunidade já era desse jeito.

Os pais do entrevistado 10 também não sabem contar essa história então podemos ver que antes da geração do entrevistado 10, já vinha acontecendo um apagamento da história desse lugar. Esperamos que com a realização deste trabalho possamos contribuir com as futuras geração da comunidade estudada, pois agora ela

não está somente na memória dos mais velhos, ou nas fotografias, agora possuem registros escritos.

Ainda há muito a ser estudado na comunidade Nossa Senhora de Fátima do Rio Negro, a exemplo disto, é a seca deste ano de 2023, fato que certamente ficou na memória dos moradores, fenômeno que jamais fora visto. Foi um longo período que afetou diretamente a forma de viver destes moradores a ponto de precisarem de água potável e cesta básica, muitos peixes e botos morreram, muitos flutuantes e embarcações ficaram sobre a areia. Se nos for dado a oportunidade, pretendemos continuar os estudos sobre essa comunidade.

Devido ao tempo, as narrativas dos demais moradores que participaram das entrevistas não foram analisados, pensa-se em utilizar essas narrativas em trabalhos posteriores, segue na íntegra essas entrevistas, a ficha de entrevista, e o questionário das perguntas; ao final nos anexos estão as imagens dos bastidores da pesquisa.

APÊNDICE

 UFAM	UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (IFCHS) PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA AMAZÔNIA	 PPGSCA <small>Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia</small>
<p>Mestrando: Kelcimar Saboia Pereira Orientador(a): Prof.^a Dra. Marilene Corrêa Silva de Freitas Linha 2 - Redes, Processos e Formas de Conhecimentos. Tema da pesquisa: História e memória da Comunidade Nossa Senhora do Rio Negro</p>		
<u>FICHA DE ENTREVISTA</u>		
DADOS PESSOAIS	NOME:	SEXO: M () F ()
	ENDEREÇO (Rua, Bairro, Cidade, Estado, País)	
	LOCAL DE NASCIMENTO (Cidade, Estado, País)	DATA DE NASCIMENTO:
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES	NOME DO PAI:	ATIVIDADE:
	LOCAL DE NASCIMENTO (Cidade, Estado, País)	
	NOME DA MÃE:	ATIVIDADE:
	LOCAL DE NASCIMENTO (Cidade, Estado, País)	DATA DE NASCIMENTO:
	IRMÃO: SIM () NÃO () Quantos: ()	
	ESTADO CIVIL: SOLTEIRO () CASADO ()	FILHOS: SIM () NÃO () Quantos: ()
	COR RAÇA: Branco () Preto () Pardo () Amarelo () Indígena ()	
	MIGRANTE: Sim () Não ()	IMIGRANTE: Sim () Não ()
	RELIGIÃO:	
	ASSINATURA DO ENTREVISTADO:	
SOBRE A COLETA	ENTREVISTA GRAVADA EM: ÁUDIO () VÍDEO ()	FORMATO:
	SUPORTE DA ENTREVISTA: GRAVADOR () CELULAR ()	
	LOCAL DA ENTREVISTA:	DATA DA ENTREVISTA:
	ENTREVISTADOR:	
	DURAÇÃO:	
	OBSERVAÇÕES:	



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS (IFCHS)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E
CULTURA NA AMAZÔNIA**



Mestrando: Kelcimar Saboia Pereira

Orientador(a): Prof.^a Dra. Marilene Corrêa Silva de Freitas

Linha 2 - Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

Tema da pesquisa: História e memória da Comunidade Nossa Senhora do Rio Negro

QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA

1. Qual é o seu nome?
2. Onde e quando você nasceu?
3. Como era sua infância?
4. Como era a casa da sua infância?
5. Quais eram as brincadeiras da sua infância?
6. Na sua juventude que você fazia?
7. E a escola, como era?
8. Algum professor marcou sua vida?
9. Como você veio morar aqui na comunidade?
10. Como era essa comunidade?
11. O que tinha aqui na comunidade?
12. Você sabe me contar como iniciou essa comunidade?
13. Seus pais e avós contam ou já contaram a história dessa comunidade para você?
14. Por que os moradores mais novos desconhecem a história de como começou a comunidade?



UFAM

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
(IFCHS)**



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA
NA AMAZÔNIA**

Mestrando: Kelcimar Saboia Pereira

Orientador(a): Prof.^a Dra. Marilene Corrêa Silva de Freitas

Linha 2 - Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

Tema da pesquisa: História e memória da Comunidade Nossa Senhora do Rio Negro

ENTREVISTAS

Participante 01



Nome: Romildo Gonçalves de Oliveira

Data de Nascimento: 23/01/1958

Local de Nascimento: Tefé - Am

Profissão: Auxiliar de Serviços Gerais aposentado

Meu nome é Romildo Gonçalves de Oliveira nasci no dia 23 de janeiro de 1958 e praticamente desde a minha infância a gente mora aqui né primeiro nós morávamos lá no igarapé do Cumprido perto da Praia da Lua por trás do Praia da Lua, no igarapé do Cumprido e foi na época que tivemos problemas com seu José Sobreira do Nascimento na área dele aí nós saímos de lá e viemos para o Igarapé do Acurau ficamos mais ou menos uns 6 meses ou mais aí o seu José Sobreira mandou alguém e lá com o papai para que nós saíssemos de lá e viemos embora, colocamos as coisas numa Canoa grande que tinha e viemos subindo o Rio Negro quando chegamos aqui nessa área aqui papai encostou a canoa enfim eu quero um local que já tinha gente morada há muito tempo né tinha árvore frutífera a fruteira tudo grande dando fruta era um local abandonado mesmo então a gente andando por ali Encontramos uma sepultura de pessoas que já tinha morrido e tinha sido enterrado aqui meu pai disse então vamos ter que ficar aqui mesmo possa ser que o homem não precisa a gente aí ficamos com meu pai foi limpando tudo logo que aí ele começou na época o trabalho que tinha era carvão Aí ele

começou a fazer roçado também aqui atrás fez roçado fez Caieiras a mamãe era uma pessoa que gostava muito de plantar né ela foi logo plantando macaxeira batata, cará, essas coisas todas e foi assim dentro de seis meses Nós já tínhamos Nossa solteiras caramba batata tudo já a gente já tudo consumindo essas coisas e ficamos esperando o dono da terra aparecer era para ver se a gente ia ficar ou se ele não tirar Então vamos ficando foi chegando cada vez mais gente quando nós chegamos só tinha um morador aqui por nome de Raimundo moto ele morava lá dentro e o outro lá dentro do Igarapé por nome de Uchoa aí nós vemos nós ficamos por aqui fomos organizando aí foi chegando as famílias chegaram mais duas famílias Apareceu uma missionária Dona Adélia ela tinha uma lancha né ela colocou aqui fora no posto da Comunidade chegou com a mamãe e com papai para perguntar se nós poderemos estudar com ela que ela quer dar aula para a gente então nós fomos estudar com ela passado alguns tempos ela teve que sair daqui para América porque ela era Americana aí ficou o português né da Fazenda da Fazenda ali do fundo do seu Antônio está Freitas aí nós fomos estudar com eles passamos estudamos eu comecei a me envolver com os padres lá da Matinha né eu comecei a organizar aquelas poucas pessoas que tinham aqui aí os padres é que sabe né Essa questão de organização que é uma organização muito boa tem muita União e que servem para mim que estava bom de eu formar uma comunidade uma comunidade pequena mas já daria para formar uma comunidade. Aí eu conversei com o senhor José Sobreira e com o passado do tempo ele foi se desarmando né e eu cheguei com meu pai disse: Pai, as pessoas estão querendo formar uma comunidade aqui. O papai disse: Mas meu filho só com esses pouquinho de gente? aí eu disse: Mas papai com 15 pessoas a gente pode formar uma comunidade. Eu já tinha mais ou menos 15 para 16 anos aí fui levando né chamei os moradores fez uma reunião e aí eles concordaram se foi bom para nós pode fazer então começamos organizar a comunidade começamos a estruturar a comunidade mais famílias foram chegando aí certo dia nós conversamos tudinho e organizando ele fica nos levando aí foi o tempo que já tinha bastante gente né aí sugerir um lugar que nós fizesse não associação de moradores e de lá para cá eu passei a trabalhar com o senhor José Nascimento não era muito assim do gosto dele está na terra dele né mas aí eu fui insistindo. Até que parece que ele entendeu as pessoas que não tinham de morar ficavam

jogado pela beira do rio não tinha um terreno não queria pelo menos um pedaço de terra para morar certo dia ele chegou comigo e disse é meu filho você fala tanto em negócio de comunidade faça logo esse negócio aí para ver como é que fica aí eu fui lá na matinha comuniquei o padre de lá aí ele mandou umas pessoas de lá preparado né para fazer o estatuto todo o protocolo de criação de uma comunidade né trouxeram um advogado de lá foi quando nós fizemos a fundação com ele da associação de moradores aí de lá para cá eu fiquei em primeiro Mandato do presidente. Depois de algum tempo ele foi morar em outra comunidade eu fiquei por aqui na comunidade então eu fui atrás de escola de posto de saúde e aí a comunidade funcionou Começou a funcionar mesmo né e atrás das coisas da prefeitura correr atrás dos políticos fomos pedindo as coisas a escola por exemplo Eles derrubaram antiga escola de madeira aí fizeram construir um pavilhão de alvenaria aí eu saí Passei um tempo fora daqui da comunidade fui trabalhar no Cacau Pereira. Depois de alguns anos eu retornei para comunidade e eu vi que a escola não tinha mais capacidade para as crianças que queriam estudar aí tinha a eleição havia um cinco chapas concorrendo a presidência da associação alguns moradores chegaram comigo me pediram para que eu concorresse novamente a eleição E aí eu disse que eu não queria mas aí como eles existiam muito eu resolvi a concorrer aí por meio de uma chapa assim meio sem vontade né meio sem acreditar só que no final da eleição para minha surpresa a minha Chapa vinha ganhado né E aí no dia da votação eu não pensei que eu iria ganhar só deu a minha Chapa Até porque eu tinha feito uma diretoria fraca né então Jamais pensaria que eu ganharia a eleição aí eu fiquei comecei a puxar as coisas para cá conseguia as coisas para cá correr atrás das coisas pedir um posto novo de saúde eu fiquei muito tempo com um presidente da associação dos moradores aí depois eu decidi que era hora de dar vez para outra e agora tá na mesma situação as pessoas estão fingindo que eu volte para a presidência da Comunidade porque a comunidade atualmente está abandonada desde quando eu sair da presidência pouca coisa que desenvolveu na comunidade na minha época eu corria atrás de policiamento a comunidade ela era mais segura o posto policial da comunidade funcionava que a minha gestão sempre teve o policiamento logo que eu saí da associação também saiu todas as policiais da comunidade porque o atual presidente alegou que a comunidade era a segunda

que não precisava ter polícia não tinha droga não tinha roubo não tinha assalto então os policiais aí foram embora agora nós estamos aí nessa situação que os nossos filhos não podem nem sair da rua criar filhos aqui na comunidade agora precisa ter muito cuidado foi uma coisa assim que na criação dessa comunidade nós tivemos muita coisa boa aqui naquela época nós trabalhamos só com carvão o ganho que nós tínhamos era da venda de carvão desde pequeno era carvão e plantação de roça depois disso melhorou muita coisa é questão de trabalho atualmente tem jovens que moram aqui e trabalha e estuda na cidade na minha época. Eu por exemplo tenho três sobrinhos que moram aqui e trabalham na cidade Vamos de manhã e à tarde retorna na minha época não era só fazendo o cartão e plantando roça hoje a gente tá numa situação que a gente nem pode mais plantar roça né tem algumas coisas que melhorou né. Nós Ainda temos uma polêmica para resolver que é a situação da terra né porque eu sou José sobre o nascimento faleceu nós precisaríamos procurar os filhos dele para tentar regularizar essas terras né. Eu não sei como é que tá a quantidade de pessoas que tá na comunidade para poder nós vermos como nós poderemos fazer isso esse benefício para os moradores né. O meu pai era uma pessoa que gostava muito de trabalhar gostava muito de trabalhar meu pai era da minha cor estatura baixa magro mas era uma pessoa muito responsável criou todos nós graças a Deus batalhando mesmo graças a Deus nunca faltou nada para nós não já vai ter mexido aí você sabe ontem a minha mãe era uma pessoa bem clara né também gostava muito de trabalhar e foi assim que os dois nos criaram né ficou muito sacrifício mas deixar algum legado para ele para nós lembrarmos da nossa criação que não foi uma criação fácil muito trabalho na época tudo era muito difícil para você ver até para nós irmos a Manaus temos que ir a renda não tínhamos Transportes tínhamos que embarcar numa canoa e remar até chegar em Manaus. Eu lembro que na época meu pai tinha uma canoa Grande ele colocava 200, 300 sacos de carvão dentro da canoa e saíamos remando até o ponto do São Raimundo para vender aquele produto que nós tínhamos produzido era muito sacrifício mas ele nunca deixou de dar o sustento para nós. Meu pai é natural de Tefé, neto de português, minha mãe tinha sangue Cearense, eles moravam na Comunidade Caianhambé, interior de Tefé, município do Amazonas. Meu pai se chamava, Nelson Gonçalves de Farias a minha mãe se chamava Francisca

Gonçalves de Oliveira. Eles se conheceram lá, se casaram e vieram para Manaus em busca de trabalho. Naquela época eles moravam na Cidade Flutuante, ficaram morando num flutuante embaixo da ponte do São Raimundo. A Cidade Flutuante tinha muitos flutuantes tipo aqui como está ficando o Tarumã Grande, só flutuante, tinha muito comércio, em frente ao Mercado Municipal Adolpho Lisboa, tinha comércio grande nos flutuantes. As pessoas que moravam na Cidade Flutuante quase nem subiam para comprar as coisas no Centro de Manaus, compravam tudo lá nos flutuantes mesmo. Tinha casa de festas, bares, restaurantes, tinha muita coisa. As casas eram feitas de madeira, com toras de árvore retiradas da floresta. Eles nem subiam para comprar as coisas no centro de Manaus. Eles compravam tudo lá no flutuante mesmo tinha festa quando eu morava na cidade flutuante Eu tenho pouca lembrança da minha infância porque eu era muito pequeno né de quando nós morava na cidade flutuante eu já me lembro mais aqui quando nós morava do Igarapé do Comprido para cá mas na cidade flutuante Eu ainda era um recém-nascido mas quando eu era criança adolescente ah sempre as minhas brincadeiras foram embora eu passei uns tempos jogando no clube do Nacional no clube do São Raimundo eu gostava desse tipo de brincadeira depois que nós organizamos a comunidade eu sempre trabalhei em cima de organização de clube de futebol até no meu último mandato Nós deixamos um clube aqui muito bem organizado um clube que quando nós saímos daqui tanto para Manaus como para outros lugares dificilmente nós perdíamos alguma partida aqui não tinha a rua era somente caminho uma picada no mato para andarmos por dentro já veio ter rua depois que nós começamos a organizar a comunidade para legalizar aí que nós começamos a fazer as duas as primeiras coisas que foram construídas aqui na comunidade Foram duas coisas que foram feitas tudo juntos a escola a escolinha de madeira foi até o São José Nascimento que fez ela e a Igreja Católica que era bem aqui no lugar desse prédio ao lado da escola a escola de São José a igreja católica de São José Operário aí depois nós fizemos a sede da associação também próximo da igreja onde nós fazemos as festas as comemorações antes da comunidade ser chamado Nossa Senhora de Fátima comunidade teve o nome outro nome que era comunidade de São José a minha vontade era que ela fosse chamada São José mas na hora de fazer a documentação o seu José sou grego do Nascimento como era dono das terras

como ele era derrota de Nossa Senhora de Fátima aí ele decidiu é que seria chamado Nossa Senhora de Fátima Aqui o que mudou muito mesmo na comunidade foi o sistema de trabalho né Sistema de trabalho porque hoje fica mais fácil de você trabalhar Muita coisa nos costumes de ser Rural né as pessoas que vende em Manaus. Elas pensam que elas estão em um bairro, mas elas estão numa comunidade é totalmente diferente a comunidade está virando um bairro de Manaus, então foi uma mudança muito grande ficou até difícil hoje trabalhar com a comunidade por conta disso porque uns moradores entende como comunidade como era antigamente mais organizada todo mundo junto participando e outros não eles pensam que como eles vivem em outro bairro em Manaus eles pensam que aqui também virou um baile e que não precisa ser unido em termos de política as pessoas de Manaus quando é época de política eles traz um candidato de lá para tirar a voto daqui da Comunidade antigamente não antigamente todos nós reunimos e escolhemos somente um candidato para dar força para ele e aí todo mundo participava todo mundo concordava em votar naquele candidato que estávamos apoiando nós não tínhamos posto de saúde era muito difícil a questão da Saúde aqui foi uma briga também muito grande a comunidade do Livramento teve o posto de saúde construído pela Prefeitura que iniciou antes do nosso né eles queriam que os moradores daqui todos os moradores fossem para o posto lá na comunidade do Livramento os moradores venham aqui comigo reclamar seu Romildo não tem como nós irmos para lá é muito longe nós temos crianças temos que atravessar o Rio com criança com idosos é muito difícil e são poucas as pessoas que têm Canoa que tem transporte então eu comecei a lutar para conseguir um posto de saúde para cá mas construímos um quadradinho de madeira para que os profissionais de saúde viesse para cá para comunidade para atender as pessoas escreve um quadradinho de madeira só tinha atendimento quando o barco vinha de Manaus e passava aqui aí o médico sumiu e vinha atender nesse lugar que nós tínhamos construído de madeira aí só tinha um enfermeiro que ficava aqui na comunidade aí foi quando eu busquei para fazermos esse lugar para que Aliás foi uma visita na primeira gestão do Arthur Neto aqui na comunidade nós estávamos na casa de farinha tornando Farinha lá para dentro né da comunidade de certa hora chegou aquele homem na casa de farinha comendo beiju comendo farinha ele

chamou o meu pai e perguntou quem é o presidente o líder daqui dessa comunidade aí meu pai me disse é o meu filho quem é ele disse é aquele rapaz ali que está sentado aí eu estava sentado em cima de uma caixa de madeira então ele disse rapaz Você é muito novo para ser líder né aí meu pai disse mas ele é um cara muito responsável então ele tinha vindo a olhar que a comunidade para mandar fazer um posto de saúde porque eu já tinha mandado um ofício né um documento para lá reclamando que a comunidade não tinha posto de saúde e que nós estávamos precisando muito então o prefeito perguntou onde que tinha um terreno para construir o plano de saúde meu pai mostrou para ele aí quando Ele olhou o terreno depois de três quatro dias chegou uma balsa cheio de material para construir o posto de saúde mas nós não tínhamos não na época da malária um surto de malária tão grande aqui nessa época eu já tinha um motorzinho uma canoa era de três a quatro viagens que meu irmão dava em Manaus para levar a gente naquela época Lá no Curry levava eles lá para fazer exame de malária pegava o remédio e voltava a energia a energia chegou aqui na comunidade em 1992 mas antes da energia chegar era motor de luz dado pela prefeitura que era só para escola aí nós pedimos permissão do diretor da Escola para fornecer energia para a comunidade à noite tinha pouca gente aqui né então dava para suprir a necessidade o motor funcionava a noite de das 6 horas até às 9 horas da noite aí depois a comunidade foi crescendo e os moradores em cima da liderança querendo a energia aí eu procurei a Manaus Energia fiz um ofício levei eu trouxe o coordenador da Manaus Energia fizemos uma reunião aqui na igreja católica eu tinha um vice que ele era contra o governo Lula né Na época nós começamos a reunião aí o coordenador falou que era muito difícil vir a energia para cá e tinha que vir pela pelo assentamento né então o meu vice disse que isso aqui não vai chegar para cá não isso é só conversa fiada desse governo aí então o representante da Manuel energia disse mas um dia vai chegar ele me chamou em particular e me disse seu Romildo só porque o seu vice disse que isso não ia chegar aqui eu vou fazer um sacrifício mas eu vou mandar colocar energia aqui para vocês me deu uma semana uma semana depois ele começou a organizar os postes para colocar energia nas casas chegaram aqui duas balsas cheia de poste desembarcaram foi tudo muito rápido nessa época já estava aberto a estrada né entrou muita gente aqui trabalhando e outra equipe lá pelo assentamento que já

estava mais próximo também colocando os postes aí foram fizeram esse esforço todo e logo teve a energia aqui na comunidade sobre o festejo de São José nós organizávamos o festejo com sucesso nós trazíamos bandas de Manaus trazíamos quadrilhas fazíamos barraca para as pessoas vender as comidas nós fazíamos sábado e domingo segunda terça e quarta até sábado de novo aí encerrava mãe era muito bom porque nós vendíamos dava muita gente vendia muita coisa aqui tinha novena tinha procissão hoje em dia não tem mais isso tinha profissão tinha tudo era tudo bem muito bem organizado tinha muita dança de Manaus para se apresentar aqui As danças do bairro Nova Esperança em Manaus eu trazia quase todas para cá nessa época tinha um rapaz que tinha um barco ele me ajudou muito a trazer esses brincantes dentro do barco vinha deixar ia buscar outra equipe levava de volta quando uma acabava de dançar ele já chegava com uma outra equipe hoje em dia nós não temos mais nada disso eu gostaria que entrasse alguém na presença na presidência da comunidade para fazer alguma coisa né uma pessoa que tivesse conhecimento para ir atrás das coisas certa né se eu voltar para a presidência dessa comunidade eu quero organizar ela para ninguém reclamar dela sabe e ter tudo para ninguém precisar sair daqui da comunidade para ir atrás das coisas né Inclusive essa área do posto de saúde Nós deixamos para fazer o hospital né um pronto-socorro aqui do Rio Negro porque vem do Rio Negro desce até chegar em Manaus e tendo aqui um pronto-socorro aqui não já fica aqui vai para o hospital e aqui mesmo recebe atendimento se for uma coisa grave E aí dá para levar até de carro para Manaus pela estrada o porto da comunidade também Seria muito bom que se pudesse me organizar esse Porto né fazer um flutuante grande um boias bem altas bem grande né o local da lancha encostar e do lado dela fazer os locais de venda no porto né que é para quando os passageiros chegasse a comunidade ao invés de subir lá Andar vários quilômetros para comprar alguma coisa compraria lá no posto mesmo já facilitava a vida de muita gente colocar as coisas para vender coisa que realmente a gente poderia tirar da zona rural para vender né algumas pessoas trabalham com venda de produtos mas tem pouco apoio né Na minha época muita gente se interessava plantar e vender muita coisa inclusive nós tínhamos uma vaga lá na feira da Sepror tinha umas duas vagas nessa feira os produtores levavam a sua produção daqui da comunidade que vendia na feira da Sepro em Manaus

perderam porque não tem pessoas para incentivar os moradores a plantar não tem ninguém que vai lá no Idan na Sepror para trazer técnico para dar curso e orientar os moradores da Comunidade na minha época o pessoal plantava mandioca para fazer farinha macaxeira frutas Inclusive tem uma mulher que mora ali na ladeira que ela vivia lá na feirinha da Serpro só para vender as coisas.



Participante 02

Nome: Ademir torres da Silva
Data de Nascimento: 20/09/1942
Local de Nascimento: Tapauá-Am
Profissão: Agricultor aposentado

Meu nome é Ademir Torres da Silva, sou natural de Tapauá, nasci no dia 20 de setembro de 1942. Minha vida sem foi aqui pela comunidade mesmo, com seis meses de idade nos saímos de Manacapuru e viajamos para o Rio Purus, aí eu vivi mais tempo na área do Purus quando eu retornei para Manaus, eu já tinha dezoito anos. Era muito difícil viver por aqui, a produção tinha só carvão, não tinha outro serviço a não ser fazer carvão, nos trabalhávamos na produção do carvão, tinha motor mais não tínhamos condições para comprar um motor, meu pai a saíamos res horas da madrugada da praia da lua ´chegávamos seis horas da manhã no porto do educandos para entregarmos carvão. Em 1966 fui embora de Manaus, fui para a cidade de Tapauá, trabalhei lá por 22 anos, fui trabalhar no meio dos indígenas, foi um tempo muito bom, passado esse tempo, retornei para Manaus de novo. Aí chegamos em Manaus. Não viemos para a comunidade para molhar, viemos só visitar, a minha esposa quando me viu, me disse que eu ia ser o marido dela. Eu já havia sido casado com uma outra mulher, cheguei na comunidade com 22 anos, a irmã do seu Romildo que hoje é minha mulher me disse que iria se casar comigo como o meu pai me liberou para vim a Manaus, eu já não podia mais pois fiquei como deserto da policial. Em 1972, cheguei à comunidade Nossa Senhora de Fátima, eu gostava muito de festa e logo encontrei minha esposa e resolvemos ficar juntos. Era uma vida cheia de sacrifícios, lutando trabalhando, não havia emprego em lugar nenhum a saída foi fazer plantio de frutas para vender em Manaus para conseguir ganhar algum dinheiro e sustentar a família. Meu pai arrumou um emprego para eu trabalhar em balota, ficamos durante seis meses, mas não deu certo e retornei para a comunidade. Estávamos querendo fundar essa comunidade aqui. Nessa época o Gilberto mestrinho era governador, em seu primeiro mandato, como eu já havia sido policial, conhecia muita gente. Meu tio Coronel Brandão, era uma pessoa muito influente, conhecia

muitos políticos e numa ocasião ele me apresentou para o governador Gilberto Mestrinho, como presidente da comunidade e as portas foram se abrindo. Nós éramos 17 moradores na comunidade, a falta de energia incomodava muito os moradores, nos corríamos atrás de conseguir as coisas, mas pelo fato sermos poucos moradores não conseguíamos quase nada, as pessoas me prometiam mais não cumpriam o prometido para a comunidade, certo dia os moradores se reuniram e quiseram me bater pois diziam que eu vivia mentindo e não chegava nada. Certo dia nós nos reunimos e eu disse “rapaz se vocês querem energia vamos ter que comprar um motor” cada morador deu uma quantia e nós compramos um motor de energia. A estrada era só um caminho, mas nos trabalhávamos com mutirão, se nós falássemos que alguém estivesse precisando de ajuda todos se reuniam e íamos fazer o trabalho desse morador. Hoje em dia se a gente disser que precisamos limpar as ruas, eles vão dizer que isso é serviço da prefeitura e não deles, só limpam se pagarmos antecipadamente. Nós pedíamos brinquedo dos políticos para as crianças no dia das crianças. Trabalhamos e fizemos a estrada, os mais interessados eram os moradores que trabalhavam tirando madeira, eles traziam os motosserras para derrubar as árvores, fizemos até onde podemos, depois a prefeitura veio e fez o serviço de terraplanagem. Eu ando falando um pouco sobre como a comunidade começou, para os meus netos que já tem 25 anos, eu sentava com eles a mesa e contava para eles como tudo começou aqui, conto sobre as coisas que eu já passei na minha vida, eu gostava de conversar com eles, depois do café, após a oração. Dava conselhos para a vida deles, falava da dificuldade de estudar pois as escolas eram distantes. A casa da minha infância era feira de madeira, coberta de palha, cercada de paxiúba, assoalho de paxiúba. Nossas brincadeiras era balar passarinho com baladeira, nos trabalhávamos cortando seringa, desde muito jovem comecei a trabalhar.

Participante 03

Nome: José Ferreira da Silva
Data de Nascimento: 12/09/1968
Local de Nascimento: Tarauacá -Acre
Profissão: Auxiliar de Serviços Gerais

Eu me chamo José Ferreira da Silva, nasci no dia 12 de setembro de 1968, em Tarauacá Estado do Acre, sou casado, tenho 53 anos. Meu pai se chama Benjamin Ferreira, seringueiro e a minha mãe se chama Sebastiana da Costa da Silva, agricultura. A minha infância não foi uma infância muito boa porque eu fui criado na roça e na seringa, fui criado sem pai e sem mãe, fui criado por dois senhores já de idade. A senhora que me criava, faleceu e aí eu terminei de me criar pelas casas dos outros. Num dia eu estava na casa de um e outro dia eu estava na casa de outro. Foi assim que me criei. Sofri muito, apanhei muito dos outros, mas Deus me ajudou e que eu me criei. Meu maior sonho era conhecer o meu pai e minha mãe e graças a Deus realizei esse sonho, com 18 anos saí de casa para procurar meus pais e eu conheci eu saí atrás dos meus pais e encontrei a minha mãe minha mãe morava em pé quando eu encontrei ela quando eu conheci ela tinha 18 anos de idade eu cheguei na casa dela cheguei na casa dela ela morava numa casa de caxumba ou dormindo no chão quando meus irmãos que eram todos pequenos aí foi assim que eu conheci minha mãe passei morando um ano com ela depois eu voltei para Eirunepé. Minha mãe morava no seringal no interior de Eirunepé, eu conheci meu primo que morava aqui em Manaus só vivia me chamando para vir morar aqui em Manaus, então eu cheguei aqui em Manaus minha amigui com a minha primeira esposa me casei e voltei para Eirunepé. Tivemos três filhos morreu dois e ficou só com o filho mais velho, me separei dela voltei de novo para Manaus. Arrumei a minha esposa Raimunda me casei com ela e nós temos quatro filhos é meu sonho era conhecer meu pai o sonho que tinha na minha vida era conhecer meu pai as pessoas andavam colocando o telefone de orelhão aqui na comunidade e eu disse eu vou colocar um telefone desse aqui para onde eu falar com meu pai mas eu não tinha nem notícia dele ou então que eu perguntei do meu primo que é sobrinho dele chegava

de Feijó do arco e diziam que conhecer meu pai e uma vez eles mandaram o telefone do meu pai certo dia uma das minhas irmãs me ligou minha irmã Francisca eu perguntando eu achando que era minha irmã Francisca por causa de mãe quando Na verdade era Francisca por parte de mãe de pai porque eu também tenho uma irmã por parte de mãe chamada Francisca então eu trabalhei paguei minhas passagens e fui embora para Feijó conhecer meu pai é muito ruim você ser criado sem saber quem é pai e nem mãe então eu conheci meu pai eu não tive estudo fez toda quando passei ainda e trabalhar enroscado no interior Eles querem ver o estudo lá não tinha escola nós íamos para o centro cigarro nós chamamos de sempre né eram 5 horas de viagem a pé carregávamos a borracha nas costas jamachim que é uma espécie de saco as casas eram feitas de palha de paxiúba parei de bambu parede de bambu aí sete dias vem embora para Comunidade Nossa Senhora de Fátima quando eu cheguei aqui em 1993 a comunidade era bem pequena só tinha um motor de luz me chamaram para trabalhar no motor de luz E eu fiquei cuidando do motor né cuidando do diesel trabalhando na escola o motor funcionava até 10 horas da noite foi então que apareceu uma vaga aqui na escola aí a diretora Terezinha em 1997 me colocou para trabalhar na escola como funcionário e não mais como voluntário Eu trabalhava até às 10 horas da noite eu não sabia fazer ligação de energia nem nada aí fui trabalhando e consegui aprender a fazer ligação de energia no final de semana pois fazia cooperação para funcionar o motor de luz comprava gasolina às vezes quando o motor de luz quebrava passava de dois três meses sem energia aqui dava muita malária então eu casei com a Raimunda e tivemos mais um filho e até hoje estou aqui na comunidade Nossa Senhora de Fátima eu não tive infância Esses meninos de hoje não querem estudar tem a maior facilidade do mundo para estudar e não quer me ajudar no interior Nós brincamos de bola de seringa nós fazíamos carrinho de lata de sardinha cortava a sandália para fazer as rodas colocava os prego ali e ele brincava né quando éramos minha quebrada de óleo de zinco pregava numa vaga fazia a latinha e aquilo ali era o nosso motor essa era a nossa brincadeira brincar com os de peão também chamava de carrapeta para puxar energia para as outras casas os moradores compravam os filhos e tinha a rede de energia do motor de luz e eu fazia as ligações para as casas presidente da comunidade em parceria com a empresa de energia colocava

os postes e *Eu puxava a energia nos postes para casa das pessoas o diz para funcionar o motor de Energia era parte era dado pela Secretaria Municipal de Educação outra parte era cooperação dos moradores não tinha uma geladeira tomávamos água do pote e salgava dos alimentos para conservar peixe carne salgados carne que vinha de Manaus e nesse tempo não havia transporte pouca gente tinha rabetá a maioria de 1993 para cá mudou muita coisa hoje nós estamos no Paraíso à vista do que era antes porque nós temos hoje temos a energia direto poucas vezes falta eu não tenho muito do que reclamar para mim tá tudo bem antes que eu chegava aqui eu ia eu ia para Manaus pegava lá e tinha que ir para o Tropical porque não tinha nem onde furar o dedo da gente para fazer o teste da malária agora não agora nós temos posto médico escola para mim melhorou 100% às vezes Nós reclamamos aqui mas reclamando de barriga cheia porque nós temos tudo aqui cola quadra de saúde as pessoas vêm da cidade de se consultar no posto de saúde nos festejo de São José Operário era eu que fazia a ligação para o arraial E para todas as barracas do festejo Toda vez quando tinha Arraial aqui na comunidade que fazia ligação era eu quando era esse barracos para vender as comidas esse festejo era uma semana de festa na época vendia rolo comida bebida bolo dança leilão novena missa às vezes vinham pessoas de fora da comunidade para participar do festejo às vezes não às vezes era só os moradores da comunidade mesmo tinha quadrilha apresentação das danças Nós nos juntávamos para colocar os roçados naquele dia todos os moradores iam trabalhar só para um morador e no próximo dia para um outro morador fazemos mutirão para fazer as ruas para fazer as estradas nós que fizemos a estrada roçamos com motosserra com machado.*



Participante 04

Nome: Raimundo Barros
Data de Nascimento: 29/11/1956
Local de Nascimento: Manaus- Am
Profissão: Conductor Fluvial

Meu nome é Raimundo Barros, nasci no dia 29 de novembro do ano de 1956, sou natural de Manaus – Amazonas. Cheguei a Comunidade Nossa Senhora de Fátima no ano de 2006. As pessoas se divertiu assim entendeu, o Roni fazia animação comunidade tendo festa direto mas acima outra festa depois lá perto do campo outra festa na ladeira outra mas sempre a diversão para aquela pessoa que não podia vir para cidade ficava lá um cantor no sol ao vivo com tudo com tudo ali era animação do povo é a comunidade de Fátima e se quisesse escolher ficar até 11 horas da noite se quisesse ficava a noite toda que varava pela madrugada mas sempre com segurança né que a delegacia lá e sempre a segurança direto com uma casa era uma casa grade dentro Aonde fica a grade os dois por três policial na entrada era uma casa de dois quartos aí depois derrubaram o que fizeram essa que está hoje atual ele tem até hoje não tem segurança eu não vejo quando final de semana mas na época da do mandato do seu amigo tinha na polícia direto cabeça de tudo lá o que que rolava dessas festas O que que vocês faziam nessas festas de tudo né e tudo enrolado um pouco lá essa questão assim de dançar namorar essas coisas assim como é que é uma festa numa festa no interior dependendo do cantor tem que tá tem bateria tem óbvio que tem outras coisas mais e lá muitos cantou a forma lá mesmo cantoria como era os ritmos assim que era mais tocar sua fome ela na época do cantor não tá chegando mais um pouquinho que tipo Caju Chico Cajueiro cara mas tu era o ritmo sabendo bolero, forró, lambada tudo se você quiser tem que levar tudo aí E qual é os dias que aconteceu essas festas começava sexta-feira e domingo à tarde até 10 horas da noite mas você está dormindo era uma espécie de festeja não é uma alegria para comunidade tanto que a gente muita gente daqui de Manaus muito meus irmão meus irmãos minhas irmãs e tudo tá lá mas essa festa começava a dia 22 horas 23 horas até podia amanhecer dia de domingo mas sexta e sábado de 11 horas da noite durante aquele dia tinha lá dentro do campeonato valendo o quê dinheiro na época o Mario Bros ele

que botar mas só tem que viver ali para mais de 12 anos ainda comunidade dele nada foi quando o homem lá se candidatou para ver a autoridade e nunca deram uma chance para ele né ele sempre perdendo tempo e fica coisando daqui né ele desistiu Aí entrou essa agora já mandar né que hoje é vereadora da comunidade de Manaus de que ela prometeu ela não tá pedindo quando tu chegou na comunidade como é que era comunidade Ela é Demais a com Lá ficar quem quiser curtir aquela parte que não me pertencia os outros lá sabia mas eu sempre no meu respeito sempre na minha moral eu brincava a noite toda Tu ia para essas festa ia porque gosta dos irmão ia para lá irmão sobrinho tudinho para lá para festa como é que era as ruas da comunidade quando tu chegou lá tu sabe sempre foi mal nunca foi durante o estalar chegou lá em 2006 2006 já tinha energia sempre teve um dia muito bom aí daria ali eu me dei com todos os moradores ali porque sabia da escola passei o Vanderlan oito anos direto os dois mandatos na escola eu sei que eu tive dentro da escola direto 15 anos quando tu chegou aquela escola já tinha aquela estrutura toda era só para me arrumar e como foi para construir o outro foi no Mandato do prefeito aqui lembrando que mudou tudo aquilo que vocês fazerem mais dois galpão ela tá atrás e aí perto da quadra aquela de baixo ela foi nova aí depois da escola Aquela criança não e aquele que tem tipo um depósito ali atrás o que que era que tá perto da Mangueira é do depósito de gasolina ele deve ali ao lado da Bandeira que fica muito perto da cozinha de alojamento nunca teve morava lá em 2006 não era para buscar na frente eu estava segunda-feira era para Manaus sexta-feira depois dormir aonde eu sempre aluguei quando não tinha calado lá na casa né que era justamente do Raimundo Neto aí mano comprou duas casas lá dos dois andares dois andar era outro três quatro pessoas ficava mas tá dormindo não era professor a dormida era dentro de dois numa sala com quatro uma sala onde era hoje o banheiro aqui né que ela gosta só eu não eu aluguei logo uma casa e fui ver ele deveria ter dentro do quarto lá duas cara ele ia alugar mas eu sou ciumenta cara ninguém conseguia dormir as pessoas é tudo lá de gente que a conversa dele todo dia Aí eu comprei uma cama de solteiro fui para quadra morava na quadra do ventilador lá para ficar aí depois o médico comprou a casa enquanto quiser mora lá onde eu comprei quase ninguém é para mandar porque eu não podia final de semana não vinha sábado de manhã que eu tinha que fazer a rota e voltar com a lancha para lá que ele podia trazer para cá essa questão de vir aqui só que segunda-feira eu tinha que eu tinha que ir domingo à tarde retornando

para lá para segunda-feira começa porque não tinha ela saiu de quando eu fui o primeiro quando eu dormi bem em 2007 o que que tinha lá de produção assim de bom dia de rapaz teve um lá que tentou fazer no centro da malha não esqueceu não né fizeram lá na frente do lado da quadra fizeram de tudo ali de verdura que tá tudo de tudo isso na escola não na escola tô dizendo na comunidade o que que tu vê as pessoas contarem assim plantar poder vender só porque o assunto caiu e farinha que eu te falei isso aí na escola tinha ontem aí tinha aquela Associação lá que era né onde é que lá fazia negócio de roupa dentro da comunidade cooperativa né cooperativa aí pregava o quê De 10 a 12 pessoas naquela cooperativa então o que que acontecia aquela pessoal da beirada do menino o pai do rapaz tá lá cuidando dele com Dona Sandro mas dançando chegou você ser responsável pela pai do menino trabalha lá o Edson do Edson né o Zé o Zé participou da diretoria também o Zé participou muito tempo no tempo do menino era Presidente lá entendeu o Romildo o tempo do Romildo para mim para mim não tem melhor ninguém e ele mandava de dois cantos ele era presidente da abelha e o presidente da Fátima sabe como foi para ti Nossa Senhora de Fátima não foi para te conhecer lá eu trabalhava na Rua 1 né lá para cima quando eu tô só que lá a luz era até 9:30 da noite tchau boa noite minha sobrinha morreu aqui em Manaus morreu que não tinha ninguém para me comunicar quando eu vi de lá tava com Sétimo Dia Tinha morrido sétimo dia que ela tinha sido ferrado aí eu falei para gerente que era a Ana né fui lá e falou que não voltaria à noite aí ela disse que ela subiu para o seu e deu uma comunidade ele tá se condutor porque eu quero quando eu quero Zé mas ele não era classificado era o Zeca fazia aí afastar do Zé ele me colocar entendeu esperar até dois dias tô com dois anos que eu falei dois anos aqui trabalhei lá trabalhei lá mas eu ia assim porque ficou uma época lá na comunidade e não ia ser três condutor que era eu o Antônio e o Zé Antônio botou o comércio dele que hoje está bem O Zé saiu por ter esperado muita chance de ser classificado como nunca deve machuquei refrigerado e eu quando entrei achei que não condutor aí o zé ficou descansei só que ele engenharia aí eu não tinha tempo para 4:30 da noite de voltar para a comunidade ele veio para aquela casa lá em 2000 2008 mas era dentro da escola dentro da escola quando eu comecei um ano depois o menino arrumou comprou lá eu fui fumar tudo mas aí não tinha comunidade lá para cima não aonde é a ladeira né morria de onde era o campo para voltar para comunidade era até porque eu tenho que fazer nada mas era até já começou a

melhorar já de um tempo como Aumentou a ser Vereador mais próprio tá tchau para vocês então o broche mesmo não isso daí tá muito grande não sabe aí deixa só de dentro de pensar apenas só dava ainda se você quisesse voltar eu tinha que pagar eu cheguei a trabalhar até para ser dupla penet né porque a noite professor da noite que era o quarto da escola já tô descendo de cada um dá r\$ 100 por mês trazer ele À noite ela tá bem pertinho tchau tchau tchau agora fica feio não quando falar sobre a história de vida eu vou ensaiar contigo porque tu vai falar vai falar porque É isso aí é porque na vida Você faz silêncio por favor como é que é a religião da comunidade Quais são as igrejas que tem tem vários e uma católica só que se chama que se chama São Francisco São José Operário tem outra que é Acho que sim mas é isso é católica só existia um o resto da igreja evangélica tem mais de menos umas 8 Igreja Católica de evangélica lá que na época era católica como é que é no festejo de São José tem também um sorteio sorteio de coisas boas candidata e quadrilhas tivesse tudo que tivesse apresentado na festa de do Parque dele de lado da família dia 19 que era dia de São José parece que não me lembro do mês aí lá geral é uma semana todinha de festa para católica objetivo desse desse besteira ela é retardado dinheiro para aumentar mais a igreja como hoje tá daquele tamanho que isso é eu acho que quatro sete da época da Madeira né aí recargava o dinheiro tá hoje daquele tamanho e acho que na época da política lá muito político a querer ganhar as eleição lá no shopping que era dele assim na época pareceu aquele outro também que ela fizeram Amazonas de Rebeca Garcia né aí dentro puxou ele trabalhava com o Romildo ele faz mais aquilo ali porque ele tinha ajuda aquele Doutor um doutor que tinha lá o nome dele era simplesmente ele disse depois ele não deixou o doutor de lá ele pegou a Rebeca aí tiveram aquela retirada aí da bem por causa da comunidade ele foi um dos que atuou Mas ele falou comigo do que o cara que fez tudo ali naquela comunidade na vida dele ficou ruim porque quando eu cheguei lá já era o Rodrigo e a promessa com o homem fazia para ganhar não foi cumprido sempre foi de fazer um ponto não sei de conhecimento da água para todo mundo ajeitar ele para ajeitado com ele para encerrar tu vai falar assim ó meu nome é Raimundo Barros eu sou filha da fulana Não meu nome é Raimundo Barros eu nasci num dia tal eu sou filho do fulano e eu não vou falar sobre pai não tu não vai falar só vai dar o nome porque eu pensei no teu lugar para colocar na entrevista não vai falar com a história não quer cantar então só fala esses dados que eu te falei o nome do bar eu tenho tantos anos eu nasci num dia

que tava meio que tava sou casado tenho dois filhos Eu sou filho da fulana Eu Sou natural de Manaus porque o seu Raimundo bravo né nascido em 1954 como Raimundo Almeida Martins né esse documento já foi outro que foi mudado que tava Raimundo Barros com alguém que nasceu eu sou de 54 ele já no segundo nome foi 57 o dia em um mês dia 27 também de 57 mas eu de 1954 Difícil hoje na vida casado que eu tenho com dois filhos tô melhor do que na época de criança nos meus 10 15 anos mais ou menos porque é uma história muito difícil para mim quando eu nasci isso eu soube pelo meus avô como quando já tive já de maior que minha mãe não trouxe para casa aumento Se Eu Me Entregar foi a enfermeira me dado meu avô foi que foi pegar me pegar no hospital e dizendo para minha mãe que eu não era cachorro para ser dado e ele queria quando eu tava dormindo com meus 18 19 anos que eu não me lembro minha mãe e veio me chamar atenção esculhambando ele correr ela mas você sabia que ela era minha mãe sabia Depois que meu amor eu fiz não faço esse cara sumiu aí que eu queria saber de tudo que tava acontecendo mas hoje estou muito feliz na vida que eu disse estou muito feliz de ter uma ótima esposa certo e não ter mais nada para falar muito obrigado por essa chance tá me dando de falar qual é o nome da tua mãe aí o José Francisco fala só um dia e o mês do ano que tu nasceu direitinho que não saiu hoje não dia 27 primeiro Nascimento Eu sou nascido dia 27 de novembro de 1954 né 1954 e meu nome passou de Raimundo Raimundo ela Raimundo Martins de Almeida entendeu esse nome meu amor meu amor problema que eu tive de pai sobre minha mãe não sei se foi pedido dele que ele pediu para mim botar o nome dele e eu fui colocado como Raimundo Barros ia nascer de 1957 mas não conhecemos o pai não conheceu meu pai meus pais iam e minha vó e meu vô o pai que eu tinha até ele morrer meu amor e minha vó ele me machucou do que comigo foi tanto que quando a minha mãe morreu que foi para vender a casa e meu irmão mais velho desses que eu fui atrás de alguma coisa não sei se é meu irmão mesmo que nada me deu nada nada nada eu já namorando com a minha mulher e 74 e já namorando com ela e a mãe morreu de 75 né de 7 Hoje eu vejo em tudo que ele fez comigo eu tô melhor do que e ele mesmo que não chegou aí na minha casa lá do interior e não pediu muita desculpa se eu tenho outra minha irmã que me deu um pedaço de terreno para fazer minha casa aí a gente vê como é a vida né casei casei dia 29 de Dezembro de 76 Qual o nome da sua esposa é Rita Adelaide Ferreira Barros Rita tá lá na Ferreira Barros a família dela foi no segunda família minha a família que

o time foi ela da família dela que deu muito apoio sabendo que ele não tinha sabedoria força para trabalhar e hoje o que eu tenho eu agradeço muito a minha muito muito mesmo porque eu pensava mas às vezes assim é besteira comigo não tô legal eu achei coisa que nem meu irmão eu nunca levei Tava me dando um dinheiro me fazia muito feliz fui para o garimpo já melhorei da vida peguei dinheiro 85 Comprei duas casas para mim no Alvorada duas numa alugar outra eu morava com ela agora dia 29 de dezembro eu faço com ela de 76 para cada p45 A 46 anos mais ou menos 46 anos tem 76 dia 29 de dezembro uma mulher que sempre me apoiou sempre conversou comigo tanto ela com uma família dela Depois que minha mãe morreu eu me liguei só na família da minha mulher fiquei te pedi me ajudando me ajudar muito hoje até chegar a vida graças a Deus levanta uma opção que eu tenho hoje tudo bem da vida que a minha mulher e ser o homem que eu sou homem que eu sou hoje não tive gosto nunca ser abençoado por pai eu não sei se eu sei não sei te dizer uma pessoa revoltada comigo também não sei sei que hoje que vai ele é minha felicidade que eu tenho fiz pela idade agora esse mês é de Novembro 69 anos que essa pessoa que você tá vendo que ninguém me dá E aí tenho meus netos Tá mas nunca na vida eu morei onde tinha b***** tudo mas nunca da minha vida que viver na minha cabeça e deu a sua mãe ela é natural de onde sei lá minha família tudo é de Paulinho Paulinho né falava de pau mesmo de barco né ela veio palavra para quê para estudar trabalhar a família Pelo que eu sei tudo era empregado do homem lá eu e da minha tia 82 anos hoje que mora no Rio Grande do Sul Ela nunca falou nada assim para ti o tu nunca perguntou não cheguei a perguntar né queria perguntar ela me falou que a minha mãe era daquele jeito por causa da ignorância dela ela saiu de lá da buchuda mas não teve nada de crente tem uma rua chamada dentro da égua quando ela foi para o hospital lá na minha rua já tem dois filhos acima da minha idade e outra agora Fez 74 anos e o outro que você falecer e poder pega ele antes dela entrar já tinha dois filhos junto com a tua mãe tinha isso mais velho que ela já tinha tido lá por lá entendeu o nome dele sabe quem é o pai dele também não sei isso aí ele nunca me falou isso para mim o seguinte cada filho é um pai ele não é filho da mãe mas ele parece que não gostava de mim e ele não mexer com você mas ele foi que foi o primeiro filho criado então criando os outros ficaram Três Irmãos ele é muito revoltado ele é mais revoltado do que arrebentar quando ele viemos assim meu pai meu irmão minha irmã é assim para nós ser um pai de cada é naquela época mesmo né então é difícil sabe mas o

importante é que você encontrou o seu agora é parecido com a minha né que meu pai me deixou e tinha 8 anos de idade né eu vou no hospital certo me deixou lá para enfermeira né na verdade Eu vou Fazia tudo tudo por mim eu só era o neto Eu fui o primeiro Neto dele depois do irmão mais velho mas fiz foi viver com ele fui eu eu fiz isso quando ela veio de lá ela já veio direto para esse bairro meu padrinho eu conheci sempre te lembra da mina que ela é muito conhecida de lado na estrada do interior para fazer a borracha quando ele vier para mandar meu pai minha mãe sempre me jogar para algum lugar que ele nunca me vê minha tia falava Porque ela tinha medo dele porque talvez essa idade primeiro filho Comerciante forte era ainda né já o homem gera em casa de borracha eu ia receber até com o vovô no banco do Déia parece da época era ideia para Manaus pagava no der eu ia receber com meu avô Ah meu amigo então hoje eu tenho medo assim dele um dia algum dia virgem tem muita gente já quis me levar para me apresentar para ele sabe eu recurso que realmente eu não sei se eu sou que aconteça a mesma coisa que aconteceu com teu irmão né Quanto é um pai cada um aí veio outro mais velho com o pai dele e depois diferente a minha mãe a minha mãe e ela Maria José Martins de Almeida dele mas ela tirou tudo isso e botou só a Maria José bafo com você dele não levo documento não tem casar foram casar porquê.



Participante 05

Nome: Sandra

Data de Nascimento: 18/09/1960

Local de Nascimento: Manacapuru - Am

Profissão: Agricultora aposentada

Meu nome é Sandra Maria dos Santos Costa, nasci no dia 18 de setembro de 1960, na Cidade de Manacapuru, minha mãe se chamava Matilde Pereira dos Santos e meu pai se chamava Alfredo Pereira, meu pai era de Benjamin Constant e minha mãe era de Manacapuru. A gente trabalhava na estrada da Am010 no quilômetro 43 nós trabalhava em granja no sítio só que o nosso patrão trabalhava com banco foi tempo que o banco começou tomar as coisas dele e aí ele deu as nossas contas a minha eu trabalhava com ovos e o meu marido trabalhava com quem com gado com ração com porco com criação de bicho. Um dia ele pegou e chamou nós o nosso patrão e disse gente eu vou dar conta de vocês porque eu estou na falência nós falamos nós trabalhamos oito anos com ele né Então nós pegamos a conta e eu falei ninguém com uma comadre minha que mora na Compensa e nós contei a situação e dissemos que nós iríamos para o interior a minha comadre disse que ela não queria que eu fosse para o interior porque os meus filhos era muito meio dia e eu não quero que você vá Porque eu dessas crianças porque lá eles vão passar necessidade eu tenho uma casa numa comunidade chamado Comunidade Nossa Senhora de Fátima ela disse eu vou acertar com o padre que é para ele vir comigo aí acertaram no sábado e ele veio para cá nesse tempo nós morava nos lá na Beira Rio ela morava na Compensa na Beira Rio aí foi quando nós viemos com as crianças e as coisas para cá né quando nós chegamos aqui quando nós chegamos aqui não tinha energia não tinha a rua não tinha água de poço do da beira do Igarapé uma bica que tem para cá ainda existe essa Bica eu não lembro o ano que nós viemos para cá Aí nós ficamos aqui e ela ficou ajudando nós porque aqui nessa época não tinha Taberna não tinha mercado não tinha nada nada vezes nada tinha quatro famílias 5 com nós quando nós chegamos fomos os primeiros moradores lá da frente né seu Nelson foi o primeiro morador e o fundador da comunidade eu sei o mel e a Dona Francisca quando nós chegamos então foi assim que nós viemos para a comunidade e já moramos aqui há 30 anos.

Sobre a minha infância, eu lembro quando eu tinha meus 15 anos não me criei com a minha mãe e me criei com os meus filhos era cuidado pelos meus filhos minha tia e meu tio ele viu já faleceu e você existe minha tia eu não fui criado com a minha mãe minha mãe tinha uns filhos e dava eu não fiquei com ela Fiquei com a minha tia e meu tio né mas eu tive uma infância muito complicada com 16 anos de idade eu perdi a honra antigamente se chamava assim né fiquei foi o tempo que eu completei 18 anos eu vim embora para Manaus Quando eu cheguei em Manaus Eu Conheci um velho um senhor que tinha uns 40 anos mais ou menos engravidei dele fiquei com uma filha para criar inclusive até hoje minha filha existe graças a Deus aí o que aconteceu comigo voltei para morar na casa da minha mãe mas não deu mais certo minha mãe me bateu minha mãe não botou de castigo eu tive uma infância muito complicada porque os padrasto que ela arranjava para nós eles queria ele queria aliciar a gente né Nós éramos quarta de mulheres dentro de casa era eu a Sandra a Rosângela a Suzete e a Elisângela a mais velha era eu nós tudo corremos para casa Depois que eu tive essa filha foi o tempo que eu conheci uma pessoa na cooperativa eu trabalhava em casa de família vivia pela casa de família dormia no chão dormir em cima do papelão com a minha filha eu não dormia em rede nem cama a casa de família que eu dormia em casa eu trabalhava eu dormia em cima do papelão colocava e colocava ela no braço para dormir tanto sofrer a ela como sofri a eu foi o tempo que eu conheci essa pessoa Inclusive essa pessoa só me deixou porque ele faleceu mas a gente viveu uma vida muito boa graças a Deus eu tive uma vida graças a Deus melhor do que quando eu vivia sozinha porque eu tive uma casa para morar eu não trabalhei mais só fiquei dedicando Quero que mais ele queria depois eu engravidei dele e tive vindo com nove filhos dele o nome dele era Fernando Figueiredo da Costa mas foi uma pessoa que só me abandonou depois que ele faleceu devido uma queda que ele pegou mas depois Daí tive uma vida boa porque tinha uma casa para morar eu só cuidava da minhas coisas a minha casa era feita de madeira coberta de alumínio toda cercada de madeira tinha três compartimentos tinha a sala quarto cozinha tudo tinha energia também tinha porque nós morávamos na estrada né Nós não morávamos em Manaus eu morava na estrada próximo a Rio Preto da Eva é aquela estrada que a gente morava Nós moramos oito anos no japonês fez no outro mas a gente sempre trabalhando né Depois que eu tive o meio dois primeiros filhos com ele eu voltei a trabalhar de novo porque eu queria trabalhar aí consegui uma para cuidar das crianças

para poder ir trabalhar aí trabalhava ele trabalhava eu aí a nossa vida ficou melhor ainda depois nos casamos sou casada católica e civil, tenho minha certidão de casamento graças a Deus foi um casamento muito bom uma vida muito boa vivemos 40 anos uma vida boa mas se separamos porque ele faleceu Mas a gente nunca se separou de tudo que a gente brigava às vezes por causa dos filhos às vezes os filhos de vez em quando para aprontava Nós ficamos cinco anos amigáveis aí depois que nasceu nossos filhos aí nós casamos Porque o padre disse que só poderíamos batizar nossos filhos e nós casássemos aqui nós trabalhava em limpeza de terreno as pessoas tirava terreno e iam com a gente e aí a gente ia limpar os terrenos aí o marido ia derrubar roçar e as mulheres iam juntar as folhas tocar fogo juntar os galhos Para fazer aquelas coivaras era disso que a gente vivia Inclusive a vizinha daqui ela fornece água do poço dela tinha professora Terezinha também eles me ajudaram muito nós morávamos lá embaixo na beira do rio nós pegávamos a água e vendíamos água nós enchemos três tambores de água para eles por dia para Dona Terezinha e no outro dia seguinte nós vivíamos limpando o terreno minha comadre Sempre me ajudando quando era dia de quarta-feira ela fazia uma cesta básica e vinha deixar aqui na comunidade porque eu tinha dois bebês gêmeos pequenininho né aí foi tempo que nós conhecemos o rapaz daí do posto o Inácio ele foi uma pessoa que cadastrou no meus filhos no barco da Sensa Os Dois Gêmeos e os dois menores então cada um deles pegava uma pequena cesta básica no final do mês a gente todo mês pegava aquela cesta básica aí teve um tempo que o Gilberto Mestrinho quando ele era governador Ele olhou também essa comunidade ele mandava doar cesta básica o Amazonino Mendes também não dá para atuar a cesta básica para a gente para os moradores que moravam aqui era assim que a gente ia vivendo mas eu criei os meus filhos que limpando o terreno ele carregando água para nós Sobreviventes mas graças a Deus todo mundo se criou ninguém roubou ninguém se custou ninguém fez coisa errada bom os festejos nós só tinha essa festa de São José né nesse tempo nossa igreja era lá embaixo em frente do colégio o colégio era feito de madeira quando nós chegamos aqui tinha uma professora a gente contava 15 alunos dentro da escola era todo de madeira uma passagem tipo uma passarela assim para as crianças entrar Essa professora dava aula de manhã aqui na comunidade e dava aula à tarde no Livramento ela se dividia as duas ela dava de manhã aqui no colégio daqui andava 15 alunos na sala dela Colégio todo de madeira agora nós temos um mar de Rosa

agora nós temos muitas coisas dentro dessa comunidade mas eu já moro aqui é 30 anos meus festejo só era mesmo fogueira comida típicas para vender aquelas vaquinhas para vender no negócio de comida para arrecadar dinheiro para o santo para fazer alguma coisa aí foi tempo que a nossa igreja subiu para cá aí chegou mais gente para ajudar nós inclusive as pessoas que fizeram essa igreja nós ajudamos fazer inclusive eu ajudei carregar água para e as Crianças carregavam tijolo de carregar vários cantores de água para fazer a massa do cimento as pessoas que ajudaram a fazer essa igreja e apareceram também mas era assim que nós vivemos a nossa vivência aqui foi assim trabalho é assim que trabalhava no vendedor água quando ela lavar roupa para fora Eu ia para beira do igarapé lavar roupa né Depois que começou a dar muita malária aí eu parei de lavar roupa na beira do Igarapé porque era muito perigoso eu peguei várias vezes malária uma larga para quem nunca teve nem pensa ter porque o remédio que você toma é muito forte apaga o corpo da gente mas eu tive muita malária aí eu parei também foi o tempo que nós fizemos o poço e a gente não precisou mais descer para ligar a fé de fruta o pessoal que gostava de plantar aqui para dentro mas negócio de roça banana cana batata cará pega com que as pessoas trabalhavam mais as primeiras famílias que eu conheci aqui eles trabalhavam com isso com roça Ana banana cara batata pega as primeiras contratações que tinha aqui agora não agora já tem outras plantações né já tem pouco Tucumã também já existia o que eu me lembre é só isso aí depois o pessoal foram plantando outras coisas né ele foi aí o pessoal foram chegando foi aumentando a política tem pouca lembrança da política mas a gente começou a voltar lá no Livramento que tinha uma lá porque ainda faltava muito No quilômetro 16 depois com o tempo a comunidade foi melhorando aí nós conseguimos colocar uma urna aqui Presidente conseguiu trazer presente naquela época era o seu Romildo Ele trouxe algo não para a gente usou para cá para esse colégio já depois de tudo pronto o tempo da política eles vinham por aqui e não fazer palestra conversar com o povo viu enganar e só fazia enganar o povo e a gente se alegrava né de ganhar isso ganhar aquilo mas nunca chegou Eu estudei até a terceira série porém eu não aprendi assim a ler e escrever mas eu aprendi a assinar meu nome somente isso é uma coisa que eu não gosto muito de assinar meu nome eu sou católica hoje eu vivo às custas dos filhos porque eu ganhava o auxílio de R\$ 600 mas foi bloqueado esse mês eu fui lá mas até agora ainda não tive resposta e aquele cartão de R\$ 150 que o governo deu

aquele eu recebo em comida tirar Rancho né e os filhos graças a Deus tá todo mundo empregado tinha um que estava desempregado mas aí agora ele arranhou um emprego de carteira assinada lá na marina na Marina Rio dela ele tá trabalhando lá Graças a Deus então eles me ajudam a fazer a comprar as coisas para dentro de casa comida Quando eu vou para médico quando eu vou fazer minhas consultas porque depois que o meu marido morreu eu fiquei muito mal Peguei uma depressão eu não sentia vontade de sair de casa eu duro dele de vez em quando eu passo mal fico muito tonta Então eu preciso ir para aí para esses médicos e quando eu preciso ir os meus filhos da minha ajuda.

**Participante 06****Nome:** Sandra Maria de Carvalho Soares**Data de Nascimento:** 17/06/1964**Local de Nascimento:** Tapauá-Am**Profissão:** Professora

Meu nome é Sandra Maria de Carvalho Soares, nasci no dia 17 de junho do ano de 1964, sou natural de Tapauá – Amazonas. Sou filha de Francisco Coelho Soares (in memoriam), natural de Manaus- Amazonas e de Isabel de Carvalho Soares, natural do Seringal Socorro em Canutama - Amazonas. Meu pai era autônomo e minha mãe é aposentada. Sou a quarta filha, tenho 9 irmãos. Minha família veio para cidade de Manaus quando eu tinha 8 anos de idade. Fomos morar no bairro da Compensa, minha avó materna comprou casa para os 3 filhos dela. Moramos dez anos neste bairro e depois nos mudamos para Alvorada, Crespo e depois São Raimundo, onde minha mãe mora até hoje. Fui uma criança feliz, brincava muito na rua com os primos e vizinhos. Nossa família era pobre, passamos fome algumas vezes, pois meu pai era alcoólatra. Minha casa era de madeira, sala, dois quartos e cozinha, tínhamos um quintal bem grande. Minha mãe trabalhava como Auxiliar de Serviços Gerais e cozinheira para ajudar no sustento da casa, ficávamos sozinhos em casa, os mais velhos cuidando dos irmãos mais novos e dos afazeres domésticos em casa. Brincávamos de barra bandeira, esconde-esconde, futebol, roda, quadrilha e queimada. Estudei na Escola Municipal Padre Pedro Gislandio, no bairro da Compensa, era uma escola grande e bem equipada, tinha 8 salas. Tive uma professora chamada Conceição no 1º e 2ª série, foi maravilhosa, muito competente e excelente pessoa, ensinava com amor e cuidava de todos os alunos. Quando terminei o ensino médio, fui visitar o sítio dos pais da minha cunhada que fica no final do Igarapé Central, conheci o meu ex-esposo e sua família que moravam na comunidade. Quando cheguei na comunidade não tinha professora na escola, pois tinha ido uma moça da cidade com sua filha pequena e não conseguiram suportar as dificuldades de alimentação, transportes, falta de água e energia que não tinha na comunidade e na escola. Assumi a escola dia 12/10/1987, fiquei trabalhando sem receber até junho de 1988, pois dia 11 de maio assinei meu contrato como professora Distrital da Semed., fiquei 8 anos sendo diretora e professora da escola. Em 1991 passei no

concurso, ficando efetiva. Em 1996, mudei para cidade de Manaus, trabalhei nas escolas Carlos Santos, Lago e Silva e Maria Leide Amorim. Quando cheguei na comunidade, tinham poucas famílias e crianças, não tinha ruas, energia, água. Tinha uma igrejinha de madeira, um posto de saúde e a escola de madeiras todos construídos pela comunidade, depois construíram um prédio para ser a sede e secretaria onde acontecia as festas. O lazer era futebol onde acontecia todo final de semana no campo que existia no centro da comunidade. Quando era ano de eleição aparecia muitos políticos na comunidade, o presidente da comunidade o Sr. Romildo Gonçalves vivia envolvidos com eles. O proprietário das terras Sr. José Sobreira autorizou que fizessem loteamentos dos terrenos, foram alguns anos acontecendo esses loteamentos, fazendo assim crescer a população da comunidade e alunos. Algumas famílias iam somente finais de semana e feriados, outros começaram a morar na comunidade.



Participante 07

Nome: Raimunda Nonata
Data de Nascimento: 15/10/1980
Local de Nascimento: Manaus-Am
Profissão: Manipuladora de alimento – Cozinheira

Meu nome é Raimunda Nonata da Silva Freitas, tenho 43 anos, sou casada e tenho dois filhos. Vim para a comunidade Nossa Senhora de Fátima com 12 anos de idade, juntamente com meus pais. Nós morávamos no Rio Preto da Eva e como estava formando a comunidade de Fátima meu pai tirou um terreno e a gente se mudou isso em 1994. Começamos a estudar na escolinha que era de madeira e a única professora era Dona Sandra que ela era diretora professora e tinha uma merendeira por não mediu-se a escolinha de madeira só tinha uma sala e um bebedouro as ruas da comunidade como era bem no começo elas eram somente caminhos por onde a gente passava para ir para escola não tinha transporte, somente bicicletas. O meu pai é o senhor Francisco Rosa da Costa ele é agricultor na época, ele plantava mandioca, a qual a gente tirava para fazer farinha e goma. Minha mãe trabalhava com crochê que ela fazia crochê para vender e ajudava meu pai na roça, meu pai é de estatura baixa um pouco moreno, franzino e ele é natural de Lábrea -Am. Minha mãe também baixinha branquinha é Paraense, Meu pai nasceu em Lábrea, veio de lá quando ainda era criança e ele foi morar com os pais dele no Rio Preto no Rio Preto ele cresceu onde ele casou e ele só veio para comunidade quando ele já tinha a família dele formado inclusive nós eles pequeno porque quando ele veio para comunidade como eu já falei que ele estava se formando a comunidade eles doavam os terreno para quem quisesse E aí foi quando ele pegou um terreno e a gente veio de madeira bem pequena um cômodo e uma área uma área só coberta para frente bem pequena toda de madeira. Nossa brincadeira de infância era barra-bandeira, elástico e esconde-esconde, essas eram as nossas brincadeiras principais assim na época a nossa infância. Minha mãe mulher batalhadora assim demais na época meu pai ele era alcoólatra ele bebia, então quem carregava a casa assim na responsabilidade maior parte era ela trabalhava muito para manter a casa muitas vezes e ela. Tudo o que eu sei foi ela que me ensinou inclusive fazer crochê bordado, ela foi um símbolo de força muita força superação a vida inteira dela ela morreu ela faleceu aos 67 anos em 2019

antes da pandemia e a vida toda dela foi de superação superou fica óptico na infância e pai e mãe recuperou um casamento bem atribulado no começo e já na idade mais velha assim ela superou a doença ela tinha vários tipos de doença assim tudo ela superou tudo ela venceu assim da melhor maneira que ela podia às vezes mesmo triste com dor mas ela tem que fazer com que ia mostrar para gente que ela estava bem ela estava feliz, uma palavra que define a minha mãe assim superação. Gostaria que essa comunidade tivesse mais recursos, mais benefícios né a gente tem dificuldade na energia já melhorou antes lá no começo em 94, 95 a comunidade funcionava como motor de luz tinha um senhor que ele funcionava às 10 horas da noite quando chegar nesse horário desligava o motor uma coisa muito interessante é que na comunidade quase toda não tinha TV e tinha o Senhor por nome Fernando que a gente chamava ele era conhecido por pai Acã Então se o Fernando ele tinha uma TV e a casinha dele era de madeira e tinha uma puxada na frente e o que que ele fazia quando funcionava o motor de energia o motor de energia da comunidade ele contava a televisão no pátio eu gostava muito de cadeira a maioria dos comunitários e para lá assistir novela se eu fosse algo muito interessante mudou hoje apesar ainda como algo o de como até se a gente mas acho que o colégio Escola melhorou 90% 100% era uma escolinha de madeira com uma sala hoje tem eu acho que 12 salas de aula ensino fundamental teve o ensino médio à noite não é dos melhores mas a gente tem né posto de saúde era só uma casinha quando Inácio ele era a gente de saúde ele era enfermeiro ele era técnico que ele era o médico deu mais incrível. Eu acho até que ele só tinha a quarta série mas ele fazia a função dele era hoje eu fico pensando assim porque na época Nossa alguém se cortava, corria lá no Inácio, menino ele ponteava ele fazia tudo para comunidade né porque ele era um doutor e hoje quando a gente olha meu Deus como assim né mas ele ajudou ajudava muitas pessoas e hoje no nosso posto de saúde a gente já tem médico tem dentista Então a comunidade já melhorou bastante o posto de saúde também nossa Ver meus filhos crescerem, se formarem, ver projetos sociais na nossa comunidade que tire as crianças das ruas, que ajude eles a ter uma vida melhor com certeza. Eu fiquei sem estudar por muitos anos e voltei a estudar com 26 anos, eu acredito que eu consegui concluir o ensino fundamental 2 e o médio e agora estou cursando pedagogia depois de 30 anos esse ano eu termino pedagogia em nome de Jesus.



Participante 08

Nome: Eliane Figueiredo de Lima

Data de Nascimento: 01/01/1965

Local de Nascimento: Tauá - Ceará

Profissão: Pedagoga

Me chamo Eliane Figueiredo de Lima eu nasci em Tauá, no Estado do Ceará no dia primeiro de janeiro de 1965 sou pedagoga de Formação o meu pai se chama Luiz Otaviano de Lima falecido e minha mãe se chama Maria Iran Figueiredo de Lima também falecida minha mãe foi serviços gerais e meu pai foi vigia trabalhavam comigo na escola estadual Agnelo Bittencourt do Ceará todos os dias minha infância foi morava com meu tio irmão do meu pai os meus tios cada um irmão do meu pai pegou uma de nós para colocar numa escola para estudar meu pai não deixava nós termos amigos e nem estudar eu sofri muito na casa do meu tio para aprender fazer as coisas como lavar roupa lavar louça tinha horário para tudo bordar costurar e etc não tive infância não mais eu tinha uma coisa na cabeça que um dia eu ia ser independente la para a igreja participava do clube dos jovens fiz primeira comunhão Crisma tudo o que a igreja oferecia era um único lugar que eu ia minha casa era uma casa grande de madeira com assoalho alto que embaixo era uma oficina de conserto de carros meu tio tinha caçamba e outros carros como Jeep dentro da casa tinha vários compartimentos tinha vários quartos eu só brincava com meus primos homens brincava de barra bandeira de futebol de macaca esconde-esconde para ser achado manja e outras brincadeiras Estudava na Escola General Sampaio ali no São Jorge dentro do quartel o comandante fazia a gente fazer fila todo dia e fazer sentinela sentido cobrir e descansar depois cantar o hino da bandeira e do Brasil e do Amazonas era muito rígido estudei lá do primeira da primeira a quarta série depois fui para o Forte Paulo Mourão terminar o fundamental tive a professora Maria da Fé e a diretora da unidade Tereza Aragão elas eram de uma elegância tinha uma postura tratava os alunos como se fosse filhos delas tanto elas aconselhavam como elas tinham prazer que a gente aprendesse sabe quando eu fui trabalhar na Seduc a Teresa Aragão ainda era diretora da unidade Educacional do São Jorge ela para mim elogiava muito quando eu era Luna quando eu tinha problemas na escola com qualquer pessoa ela me defendia ela dizia que me conhecia desde que eu tinha 7

anos de idade a unidade era lá na Escola General Sampaio depois passou para unidade Educacional Castelo Branco meu irmão José Irã foi convidado pelo amigo dele e gostou daqui aí ele foi lá na minha casa me convidou me convidar para conhecer aqui então eu vim no final de semana para casa desse amigo dele ele logo em seguida comprou uma casa e vinha para a casa dele há 24 anos atrás logo também o meu marido Lázaro comprou uma casa e me deu de presente eu fiquei vendo vindo todos finais de semana achei as coisas muito caras como meu marido tinha começa em Manaus na cidade de corda para ele montar um aqui coloquei meu cunhado para cuidar para mim ele começou a aprontar então o Lázaro teve que vir para cá aí estamos até hoje com o comércio tudo que tenho foi com o dinheiro do nosso trabalho daqui.



Participante 09

Nome: Calebe da Silva Freitas
Data de Nascimento: 02/09/2010
Local de Nascimento: Manaus-Am
Profissão: Estudante

Meu nome é Calebe da Silva Freitas, tenho 13 anos, nasci no dia 02 de setembro de 2010, em Manaus – Amazonas. Meu pai se chama Marcos de Souza Freitas, minha mãe se chama Raimunda Nonata da Silva Freitas e minha irmã se chama Natália da Silva Freitas do Nascimento. Vou falar um pouquinho sobre a minha infância e minha casa era de madeira, não tinha muitas coisas, não tinha muita energia naquela época hoje em dia já ficou muito melhor agora ela é de alvenaria o nosso quintal expandiu um pouco. A comunidade da minha infância não tinha muitas casas era mais a rua era muito pouca era praticamente um caminho. Na minha infância não tinha muitos brinquedos pois naquele tempo não era muito desenvolvido como é hoje. não tinha muitas coisas, brincadeiras, não moravam muitos vizinhos por aqui era poucas pessoas mesmo que morava por aqui ele escreve como que era a tua casa a casa da tua infância por minha casa tem infância tinha dois quartos no banheiro era na festa de madeira naquele tempo a mamãe nós morava no mesmo quarto não tinha muitos móveis uma comida era variada de vez em quando era bom e de vez em quando era tipo assim de café da manhã muito pouco as coisas tinha na casa antigamente e a tua escola e a minha escola mudou muito antigamente não tinha muitos professores hoje em dia já tem muito mais tem muitas matérias as salas. Naquele tempo não era muito existia muitas cadeiras hoje em dia ficou muito melhor a tinta ficou muito melhor das salas muito melhor. Hoje eu estou no sétimo ano e um professor que marcou minha vida escolar foi o professor Kelcimar Saboia, com ele aprendi muitas coisas boas, nós ganhamos um concurso em Manaus e através desse concurso ganhamos um passeio em Manaus que marcou muito minha vida e fez com que a nossa escola ficasse mais conhecida. Meus pais e meu avô não costumam me contar como como foi que eles vieram parar aqui na comunidade por isso eu não lembro como essa comunidade começou. Eu nasci em Manaus não tinha nada aqui era muitas madeiras né as cadeiras de madeira não tinha muita não tinha muito casinha junto era muito separado os caminhos eram de terra era muitas coisas muito mato junto era muito difícil se

locomover por causa que a areia era muito grande e também não tinha me pegou no YouTube como era as coisas por aqui mas naquele tempo Senhorzinho daquela época quando eu vi no YouTube era muito novas era tudo que era muito era lamparina ainda ele sempre não tinha era não tinha energia ainda não tinha chegado porque só veio chegar depois de muito tempo depois da escola não era desse tempo quando ele chegar um pouco tarde depois fala um pouquinho sobre azul da comunidade a rua lá de cima era tudo Muita Areia Branca né aqui embaixo depois que passaram umas pedras vermelhas não sei eu não sei o nome e logo após ele passaram a foto lá por cima pela rua de cima né principal e a saúde como era a saúde aqui na comunidade saúde daqui veio chegar depois não tinha um hospital não era não tinha muitos medicamentos depois que chegou aqui os medicamentos antigamente era não existia um hospital era muito tempo atrás o hospital ia chegar tem quantos anos¹ e é isso que eu falei saúde posto de saúde era difícil a gente Muito pouco remédio é hoje em dia tá muito bem o dia muito mais avançado tá muito bem já é muito formado já dá muito mais segurança e as festas da comunidade sabe me dizer quais são as festas que tem os festejos senhor tem certeza São João eu não conheço muitas festas por causa que eu não vou para elas eu São João tem não sei lembrar muito mas eu acho que qual é a principal diferença que você enxerga é que antes e depois a eletricidade as águas do Encanamento que antigamente pegava do posto hoje dia mudou os encanamento hoje em dia já é melhor as ruas que eu já falei né Muito melhores agora já passa carro tipo assim bom e também que eu não lembro a energia que a energia foi muito tempo atrás com a energia mudou muita coisa, o encanamento de agua para a torneira, antigamente não tinha energia não tinha mais como estudar online depois que o convite né aí chegou online antigamente nós não tinha não tinha celular a gente se falava por meio de cartas assim eu morava muito para chegar e também e também mudou a energia né e também hoje em dia eles já vieram muitas coisas automática com uma TV a TV o celular e eu estava de férias lá na escola mudou também e agora deu certo naquele computador qual é a tua principal diversão hoje na comunidade de diversão hoje jogar bola por causa que antigamente brincava nas trave de madeira mesmo a gente já tinha a estrada de ferro é muito melhor antigamente a gente jogava no Pedro ele é melhor. A minha principal diversão hoje na comunidade era jogar bola no campo, agora é brincar de videogame na internet mas quando fica muito nublado e bate o sol forte a internet fica meio ruim mas ela veio chegar depois de muito tempo

ela é mais recente é mais recente de todos as coisas né hoje em dia praticamente tudo se faz com a internet praticamente era no dinheiro hoje em dia já existe o os cartões e deixa eu ver aqui o banco que tudo que agora você faz pelo celular antigamente nós tinha que mandar sacar o dinheiro hoje a gente já pode fazer tudo pela internet pelo roteador. Eu gostaria que essa comunidade passasse mais segurança, mas redondezas, antigamente não tinha eu queria também que tivesse mais segurança né. E também eu queria que tivesse mais loja assim lojas para gente hoje a gente existe umas três aí mas eu queria que mudasse também eu queria que mudasse também a luz né que quase todo dia tá indo embora eu queria que mudasse se tivesse um pouco mais de segurança na energia e de vez em quando a gente precisa dela ela vai embora. Chegou energia ela melhorou um pouco mas são meio de transporte que tem aqui na comunidade aqui existe táxi também tá aí tem de moto né que tá também meio de transporte também tem nossas motos carros que fazem frete aí a gente chega de Manaus pega frete e vai. A gente vai para Manaus de lancha , eu tenho muitos sonhos mais o meu maior sonho é servir a aeronáutica, é poder ajudar minha família, reformar a casa deixar melhor a gente tá sobre alimentação muito melhor sobre as roupas sobre a moto ajudar sobre os meios de transporte da minha família.

Participante 10

Nome: Mateus Pinheiro Leite
Data de Nascimento: 21/11/2009
Local de Nascimento: Manaus-Am
Profissão: Estudante

Meu nome é Mateus Pinheiro Leite, tenho 13 anos, nasci no dia 21 de novembro do ano de 2009, em Manaus, Amazonas. Sou filho de Israel Leite, motorista de ônibus escolar e Raquel Pinheiro, monitora de ônibus escolar, Amazonas, moro na comunidade Nossa Senhora de Fátima com o meus pais desde o meu nascimento em 2009, estudo na Escola Municipal José Sobreira do nascimento. Minha casa é feita de madeira e coberta de telhas de amianto, paredes de tabuas, varandas e escada, nesta casa moro com os meus pais e minha irmã. Aqui na comunidade nos brincamos, às vezes, de manja pega, manja trepa, futebol, queimada, mas gosto mais de assistir desenho no celular, brincar de jogos online, e assistir desenhos e filmes assisto Netflix. As ruas da comunidade são feitas de tijolos e asfalto, quer dizer, a rua principal, as demais ruas não são asfaltadas. A energia elétrica vem pela estrada, mas eu gostaria que ela viesse por água, assim faltaria menos energia. Eu não sei contar como essa comunidade começou pois os meus avós moram lá para dentro do ramal e eu pouco vou visitá-los, tenho pouco contato com eles e eu nunca pedi para eles me contarem como começou essa comunidade, eles nunca me contaram a história desse lugar e eu nunca tive a curiosidade de saber como essa comunidade foi fundada. Meus pais também não sabem contar como a nossa comunidade começou pois quando eles chegaram aqui, a comunidade já era desse jeito.

ANEXOS













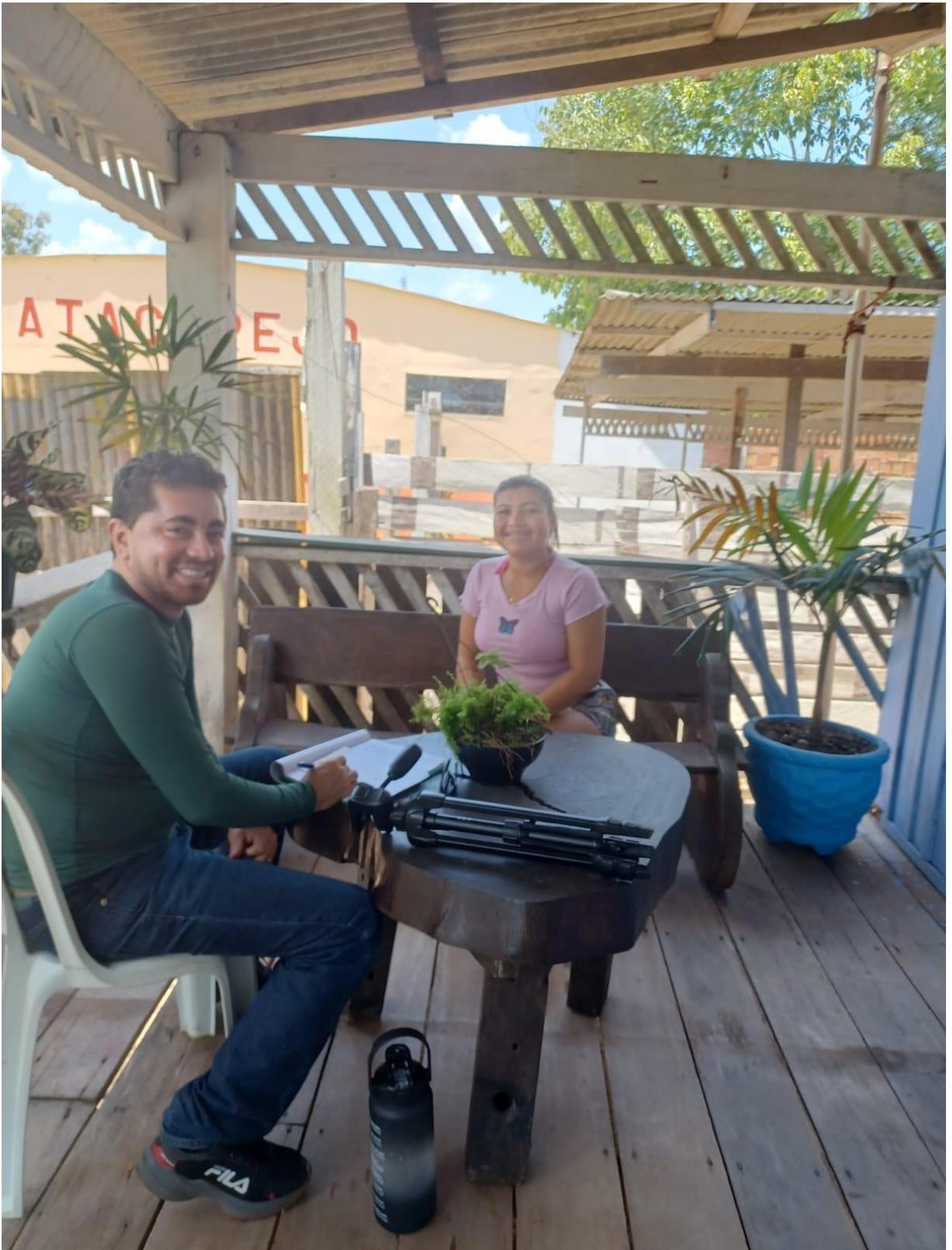










































REFERÊNCIAS

ADÃO, Kleber S. **Contribuições de Norbert Elias e Eric Dunning para a teoria do lazer**. In: CONEXÕES: educação, esporte, lazer. Campinas: n.5, dezembro, 2000.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

Benchimol, Samuel Isaac, **Amazônia – Formação Social e Cultural**. / Samuel Benchimol. 3.a ed. – Manaus: Editora Valer, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

Bosi, Alfredo. - 1956, **A Dialética da Colonização** / Alfredo Bosi – São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CELSO, Luiz, R, S.; CRUZ, W, R. da. **Aspectos Sociais e Econômicos da Cidade Flutuante**, Gráfica Amazonas, Manaus. 1964.

DAVIDOFF, Linda L. **Introdução à psicologia**: 3ª edição tradução I e n k e Peres; revisão Técnica José Fernando Bittencourt Lômaco São Paulo. Editora Pearson Makron Books 2001.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução Cláudia de Moraes Rego – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Memória e Sociedade, 1992.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto; WITKOSKI, Antônio Carlos; MIGUEZ, Samia Feitosa. **O ser Amazônia: identidade e invisibilidade**. Revista Ciências e Cultura, volume 61, nº 3, São Paulo em 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

INDOLFO, Ana Celeste. **Gestão de documentos: uma renovação epistemológica no universo da Arquivologia**. Arquivística.net. v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: Acesso em: 08 setembro de 2020

MATOS, G.C. **Ethos e figurações na hinterlândia amazônica**. Manaus: Valer/Fapeam, 2015.

MANDELA, Nelson. **Apontamentos para o futuro: palavras de sabedoria**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LE GOFF, J. **História e Memória**. tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

LODOLINI, Elio. **Archivistica: principi e problemi**. Milano: Franco Angeli Libri, 1990.

PAUL, Veyne, Marie. **Como se escreve história**; Foucault revoluciona a história. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4ª ed. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1968.

SALLES, João Moreira. **“A dificuldade do documentário”**, in: Martins, José Souza; Eckert, Cornelia; Caiuby Novaes, Sylvia (orgs.). O imaginário e o poético nas ciências sociais. Bauru: Edusc, 2005, pp.57-71. Capítulo 3. Disponível em <<https://edoc.site/a-dificuldade-do-documentario-joao-moreira-sallespdf-pdf-free.html>>

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI/3ª edição** – Ri de janeiro: Record, 2021

THOMPSON, Paul. **Histórias de vida como patrimônio da Humanidade**. In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (org.). **História falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006.

WAGLEY, Charles W. **Uma Comunidade Amazônica: Estudo do Homem nos Trópicos**, tradução de Clotilde Da Silva Costa Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1969.